

é preludio d'algum outro bem satisfatorio, pelo qual anciosos esperamos de ha muito tempo; e parece-nos que nos não enganaremos, com quanto não ousamos, e ninguem tambem poderá, sondar os planos do Inicyto General, a quem estão hoje entregues os destinos da Patria, e a sorte da RAINHA. — No dia 21 de noute foram apprehendidas por um tróço de lanceiros junto de Ovar 64 cargas de milho, que hiam para o Porto. Conduções menores tem sido por varias vezes apprehendidas.

Cartas da Regua do dia 17 continuam a fallar no grande contentamento, que em todos os Cartistas tem produzido a junção da Divisão do Illustre Conde do Casal com as tropas dos Excm.^{os} Conde de Vinhaes e Barão de Villa Nova d'Ourem; pois não só formam todas estas tropas reunidas uma brilhante Divisão superior a cinco mil homens de todas as armas, mas fez-se esta junção por meio d'um habil plano, illudindo todos os esforços dos rebeldes, sem se perder nem sequer um homem. Pelo contrario este acontecimento havia causado grande desalento nos miguelistas-junteiros, por verem inutilizados em um dia os trabalhos de tantas semanas, e em frente de si uma forte Divisão, capaz de manobrar sem embaraço algum. As mesmas cartas fallam com louvor do entusiasmo e impaciencia por avançar, que se divisa em todos os soldados. Quanto a nós, não nos admira isto, porque o presenciamos tambem nas tropas do Excm.^o Marechal; é com tudo um motivo de grande satisfação, e um pronostico liougeiro de que breve terminará esta guerra, que de dia para dia vai causando mais horribes estragos. Oxalá hoje fôra o dia em que as tropas fieis podessem encontrar-se em campo aberto com todas as forças rebeldes, — que certa era a nossa victoria, esmagando-se por uma vez a cabeça da hydra revolucionaria!

Cartas de Arouca de 15 dão a noticia de ter na madrugada desse dia sido cercada aquella villa por 300 guerrilheiros, vindos de Alebres, povoação na margem direita do Douro, a 4 leguas do Porto, e pertencentes á *columna guerrilheira* do miguelista Bernardino das Lamas, que alli se acha com toda a sua gente. Aquella força vinha commandada por Custodio de Linhares, e pelo façanhudo alferes de Guirellá, bem conhecido pelos seus crimes e roubos na Beira. Vinham com intento de tirar armas, roubar os cofres e as pratas das Igrejas, e vingarem a affronta, que á tempo ali sofreram, de serem desarmados e perseguidos pelo povo.

Apenas se demoraram uma hora, em que não poderam conseguir o que pretendiam, porque os sinos de todas as povoações proximas principiaram a tocar furiosamente a rebate, sendo elles obrigados a fugir com precipitação, porque os povos amotinaram-se, e perseguiram-os como a saltadores d'estrada. Esta malograda tentativa não mostrou senão cobardia e traição; vindo de noute, porque de dia não se atreviam.

Acrescenta a este respeito uma das cartas: — É para sentir que nesta terra ouvesse gente, amiga de desordem, que derigisse aquella *caravana* de ladrões; mas tambem é d'esperar que o Governo e as auctoridades deixem esse absoluto systema de moderação, tolerancia e generosidade; que em todas as epochas nos tem perdido. Da primeira vez que aqui vieram de dia, foram apenas desarmados a maior parte, e mandados depois para suas casas. O resultado foi segunda tentativa, — ainda que tão infructuosa, como a primeira, porque não levaram nem os

cofres nem as pratas, que queriam para cunhar dinheiro; e não as levarão, ainda que cá voltem, porque as confrarias já de ha muito as tem escondidas. =

Estamos d'acordo com o nosso correspondente acerca da necessidade de justiça contra os criminosos. Em todas as epochas os amigos da ordem tem sido victimas da sua nimia moderação e tolerancia, porque os nossos inimigos são mais atrevidos, abusando sempre da nossa generosidade, e não tendo a maior parte delles nada a perder e tudo a ganhar. Já por vezes temos dito, e hoje repetimos, que longe de nós a idéa de perseguição: embora os insolentes jornaes do Porto, fartos sempre de mentiras e nojentas calumnias, alcunhem de *cruel e sanguinario* o partido Cartista, desmintamos-los com as nossas acções, — que é esse o unico meio de dezengannar os povos, e de nos vingarmos das injurias de nossos inimigos, fazendo-os passar por mentirosos. Louvores sejam por isso ao Illustre Marechal Saldanha, por ter concedido em Torres Vedras a vida e a liberdade aos guerrilhas armados, e n'outras partes amplas garantias aos seus mais encarnicados inimigos, como por exemplo ao Campos d'Anadia, victima do seu frenesim revolucionario e accintosa ingratição. Louvores ás auctoridades Cartistas por terem mandado para suas casas os guerrilheiros, aprisionados em Almeida, Barca d'Alva, Arouca, e em varias outras terras. Louvores tambem ás auctoridades desta cidade, que portando-se sempre com a maior moderação e tolerancia, — ainda contra os que por systema espalham todos os dias falsas noticias aterradoras —, sómente tem tomado as indispensaveis medidas de segurança. Mas seja a tolerancia unicamente de idéas e opiniões; os factos castiguem-se, não deshumanamente, — que não é isso do nosso character, mas com rigorosa justiça. Pense cada um como quizer; respeitar-lhe-hemos as suas opiniões, e passeará entre nós descauçadamente, porque ninguem lhe dirá nem sequer uma graça; mas para os que tramarem por qualquer modo contra a legitima auctoridade da Soberana, haja prompta e infallivel justiça. Perdoar o crime perpetrado, quando o réo offerece as sufficientes garantias de emmenda, póde ser conveniente; fechar os olhos aos preparativos para elle, e muito mais á sua acintosa e porfiada perpetração — isso nunca.

Dizia á dias na praça nova José Passos, o *typo da liberdade*, como lhe chamam os republicanos-junteiros, que *todos os meios são licitos, conseguidos os fins*. — Por estes muito liberaes e *patrioticos* sentimentos enforcou D. Miguel em Lisboa e no Porto as victimas do despotismo! Pelos mesmos principios a sua actual representante, a junta do Porto, e o seu *respeitavel* comissionado, José Passos, roubou os Bancos, as Companhias de commercio, os cofres dos orfãos, e das misericordias; — lançou mão dos sinos das torres, e das pratas e thezouros das Igrejas para cunhar moeda falsa. Por estes mesmos principios se fazem pelas praças mais publicas do Porto os sangüentos *autos de fé* de matança ás varadas!

Avante, avante! — que tudo isso são victorias para a causa da RAINHA. Em 1834 cahio o governo de D. Miguel, — não obstante o imenso exercito —, victima do seu despotismo e crueldade. Em 1847 os crimes, roubos e violencias da junta do Porto hão de sacrificar-a aos manes de tantas victimas innocentes.

NOTICIAS DA CIDADE.

N.º 247 — Administração do Concelho de Coimbra. — Tendo Sua Exc.ª o General Barão da Ponte da Barca remettido a esta Secretaria as ordens constantes da cópia abaixo transcripta, officiei logo a todos os Regedores das differentes Parochias deste Concelho para lhes darem o devido cumprimento, e desejando arredar de mim qualquer responsabilidade a este respeito, rogo a V. queira fazer inserir no Boletim as referidas ordens, para que por este modo ninguém possa alegar ignorancia.

Deos Guarde a V. Coimbra 17 de Março de 1847. — O Administrador do Concelho, Antonio José da Fonseca e Oliveira.

Em consequencia do Officio Circular do Ministerio da Guerra — 1.ª Direcção — 2.ª Repartição — de 9 de Março.

Ordens.

1. Todos os Officiaes amnistiados, separados do quadro do Exercito, e garantidos não empregados, se apresentarão immediatamente neste Quartel General.

2. Aquelles dos supraditos Officiaes, que por motivo de molestia não poderem cumprir com o disposto no 1.º artigo desta ordem, remetterão sem perda de tempo por via dos Administradores dos seus respectivos Concelhos uma certidão authentica assignada pelo Facultativo do Partido da Camara Municipal.

3. Não havendo Camara Municipal em algumas das Terras, onde residir algum dos Officiaes comprehendidos no artigo antecedente, deverá a certidão, de que trata o dito artigo, ser assignada pelo Facultativo da Terra, as quaes certidões devem ser reconhecidas por Tabellião.

4. Aquelles que por motivo de molestia são obrigados a mandar as certidões, de que tratam os §§. 2. e 3., o farão todos os 15 dias.

5. Logo que os Officiaes, de que trata o artigo antecedente, estiverem restabelecidos, se apresentarão neste Quartel General.

Quartel General em Coimbra 12 de Março de 1847. — Henrique de Mello Alvélos, Tenente Coronel, Chefe do Estado Maior. — Está confôrme — o Escrivão da Administração, João Ferreira Roiz Pinho.

Administração do Concelho de Coimbra. — Os Povos da Freguezia do Ameal, que em generosidade não querem ficar inferiores aos das Freguezias visinhas, acabam de pôr á disposição do seu Regedor tres carradas de palha que effectivamente entrou no deposito desta Cidade para forragens da Cavallaria do Exercito: e além deste donativo, ainda se offerecem para dar outra qualquer porção, quando necessario fôr. Dezejando pois agradecer-lhe em geral, e especialmente ao seu benemerito Regedor o Illm. Sr. José Rodrigues Ferreira Malva, que sem dúvida muito concorreo para um tal procedimento, eu rogo a V. queira dar cabimento no Boletim a estas duas linhas, no que muito me obzequiará.

Deos Guarde a V. Coimbra 21 de Março de 1847. — O Administrador do Concelho, Antonio José da Fonseca e Oliveira.

VARIÉDADES.

Comboio de mentiras.

A ultima fornada cá dos da terra sabio no dia 18, e deu as seguintes:

1.ª

A guerrilha do Padre Antonio, da Certãa, derrotou o destacamento de Infanteria 4, que lá foi com o Capitão Guedes; os poucos soldados, que escaparam, vem feridos [!]

(Apezar de tanta mortandade o destacamento cá chegou são como um pêro, porque as ballas dos guerrilhas eram de lingua, — que nisso campam elles. Dois guerrilhas é que lá patearam, porque as ameixas, que os soldados lhes mandaram de presente, sabiam ás da Anadia!).

2.ª

Entraram nesta cidade 33 carros de feridos das tropas do Saldanha; vem em misero estado com as pernas e queixos quebrados, e ainda a deitarem sangue [!]

[Coitadinhos! haviam de metter dó! foi bom que nenhum Cartista os visse para lhe não dar o quebranto!... O mais galante é que houve uma mulher tam simploria, que engulio a pilula, e diz que em toda a noute não dormio com dó que tinha].

3.ª

Todas as tropas já vem a retirar; amanhã ou depois chegam aqui os regimentos de Infanteria 8 e 16, e o de Cavallaria 8; até já estão feitos os bolétos. O Saldanha vem a fugir (do papão), porque não tem dinheiro, e já andam a varrer o paço da Universidade para o receber [!]

[Estamos hoje a 23, e os taes regimentos passaram certamente em algum balão, porque cá pela terra não consta que uinguem os visse!]

4.ª

Os Cartistas são tão mãos, que até comem gente, e trincão-lhe o coração [!!!].

[Esta passa sem rebate. — Fortes indigestões hão de ter!]

5.ª

O Conde de Mello aprisionou toda a guarnição de Estremoz, e até o General.

[Esta foi pilhada do Nacional, em quem cá os da terra crêem, como em pontos de fé!]

6.ª

O Povoas desembarcou no Alemtejo com 2:000 homens

[A dúvida é em que os havia de levar, porque arespeito de embarcações de guerra — caret].

Mas lá vai uma, que desbauca todas essas: lêmos na Chronica d'Evora em letra redonda:

O Barão do Casal foi fusilado no Porto [!!!].

Mal sabem os fabricadores de noticias falsas o bem, que fazem com estas cousas á causa da RAÍNA. A vante, — que, em quanto não tiverem outras noticias que dar, não lhes vai o carro muito direito.

ANNUNCIOS.

Domingos José Alves, Negociante na Villa de Tentugal, faz citar por Editos de trinta dias, pelo Juizo Ordinario da mesma Villa, e Cartorio do Escrivão Francisco Antonio d'Andrade Pereira, a Duarte Pereira Forjaz de Sampaio morador que foi na Quinta da Malta, Julgado de Montemor o Velho, que correm desde o dia 10 de Março, para depois em dez lhe pagar a quantia de cento trinta e tres mil e setenta reis, e custas, ou nomear bens á pinhora em termos legais — pena de se proceder a ella por nomeação delle crédor, e ainda para oportunamente os avaliar, pena de revelia.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Viuva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Anuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Em quanto os incançaveis inimigos de toda a ordem e estabilidade pública, já esquecidos da severa lição, que receberam, ha tempos, os que a opinião geral, e por ventura documentos authenticos, indigitavam por seus capatazes, volvião ao perfido plano de mentir sem vergonha, espalhando pelo povo miúdo da cidade, e pelas aldeas proximas, as mais estrepitosas falsidades de desbaratos das tropas fieis; em quanto hontem mesmo se dizia algures pelo bairro baixo, que o ex-Conde de Mello já occupava Santarém, e os soldados que ahí estavam, vinham entrando aqui em fugida; e que a Sofia estava entulhada das do immediato commando do Marechal em retirada (!!!): — recebiam nós, para ser publicado, o seguinte e mui notavel documento para a historia da epocha, vergonha dos patriotas d'Evora, e desengano do povo; o qual em caminho para o Porto foi apreendido com outros importantissimos.

O officio do ex-Conde de Mello de sohejo falla por si, não carece de commentarios. Sua Exc.ª sae d'Evora porque a fome a isso o obriga, bem como o soberano imperio da junta dessa cidade, que lhe impõe a dura alternativa de sair a campo, ou morrer na cidade á fome! Sua Exc.ª sae d'Evora ludibriado, elle ex-fidalgo, grande do reino e general, reprehendido pelos chefes dos rotos! Sua Exc.ª sae d'Evora, curvando submisso a altiva cabeça a planos que desaprova; e vai procurar a travez das ballas o pão nosso quotidiano, e as poucas moedas, que as anteriores rapinas não hajam consumido! E de que modo cumpre a penosa tarefa? Conseguiria fazer junção com os bravos do Algarve, por quem espera? — não: nenhuma noticia ha dessa gente. Impediria que as forças do Schwabak se juntassem ás do Barão da Poz? — não; nem ao menos chega a avistar-se com algumas dellas. Entraria em Estremoz, apenas defendida por populares, os quaes por ventura espera lhe abram as portas com fraternaes abraços? — Ai infelizes! que se elle volver a atacar, nem um desses populares escapará ao gume da espada; pois os atrevidos não só ousaram negar-lhe entrada, mas fizeram-lhe vivissimo fogo, desalojando-os do reduto de S. José, que conquistára no primeiro impeto, matando-lhe o dignissimo coronel Martelly, (alma e braço direito na guerra do general só forte nas letras), e obrigando-o em fim, elles populares e só populares, os habitantes, a retirar vergonhosamente!! Depois de tão gloriosa campanha, semelhante em victorias á de B. de Sá em Tras-os-Montes, Almagem em Moimenta, etc., etc., conclue Sua Exc.ª admiravel e poeticamente com os elogios á inaudita bravura e frenetico entusiasmo dos seus soldados, que levarão á bayoneta os habitantes, sem distincção, nem d'idade, nem de sexo, da rebelde Estremoz, quando finalmente ahí hastearam os peudões

triumfantes! E agora nos occorre que a proposito vem esta sanguinolenta lembrança de Sua Exc.ª, general tambem miguelista-junteiro. — Estremoz, — Estremoz... recorda-te dos ais das victimas, que dentro dos teus muros cahiram sob o punhal tambem miguelista no dia de horrenda e tenebrosa memoria de 27 de Julho de 1833!!!

Com isto ninguem se persuada, que desculpamos, e menos louvamos o feio e barbaro procedimento, havido pelos vencedores (se S. Exc.ª falla verdade, do que duvidamos, porque a pressa com que fugio á sorte do desgraçado Martelly, difficilmente lhe deixaria volver os olhos ao reduto de S. José), para com os corpos dos officiaes, e soldados mortos. Reprovamos-o altamente. Pedimos tambem um movimento da consciencia, recta e agradecida ao procedimento com que o ex-Conde de Mello se houve a respeito dos prisioneiros de Alcacer do Sal, que francamente declaramos ser nosso parecer, que este chefe junteiro não meditou as suas palavras, que aliás deviam ficar sepultadas na *confidencia* do ex-conde das Antas, levado d'um impulso de crueldade, que lhe não é natural, e que sómente se explica pela dôr de se ver vencido e ludibriado.

E que enormes difficuldades não têm os rebeldes do Alentejo para se entenderem, communicarem, e mutuamente auxiliarem com os do Porto! A data deste officio, e o modo porque tentavam fazel-o chegar ao Porto, claramente o manifesta.

Setima Divisão Militar — n.º 29 — Confidencial. — Ilh.ª e Exm.ª Sr. — Tendo feito um reconhecimento em força sobre Estremoz, e vindo depois para esta Cidade, quando sabia que estava proxima a marchar a força do Algarve, que deve vir reforçar a minha divisão, é do meu dever não só dar parte a V. Exc.ª desses movimentos e seus resultados, mas tambem explicar esta operação, que com razão parecerá pelo menos pouco reflectida, se se ignorarem os motivos que me forçaram a empregar tão desarroçada empreza.

Ha tempos a esta parte, que parecia que a Junta Governativa do Alentejo se achava fatigada deste estado de cousas, e pela sua pouca actividade muitos recursos, que deviam existir em abundancia, escaceavam de dia para dia.

Posso assegurar a V. Exc.ª que sem a summa actividade d'Estevão Xavier da Cunha, e do Administrador do Concelho de Beja, José Francisco Ferraz, que deste Districto continuamente faziam conduzir para o d'Evora os dinheiros públicos, d'ha muito que se não pagaria á tropa. Os mantimentos tambem não faltavam, porque eu tomei a meu cargo proeural os. Mas conhecendo eu que d'um momento para outro se podia tornar impossivel a continuação da cobrança em Beja, e querendo que no Districto d'Evora se recolhesse

pelo menos uma parte do muito, que n'elle se deve de decimas, etc., disse á Junta, que eu lhe daria quanto auxilio carecesse, se ella mandasse um empregado fiscal a Monte-Mór, aonde se deveriam uns 30:000\$000.

Despertou finalmente a Junta; annuo ao meu pedido, e uma columna minha partio para Monte-Mór, mas infelizmente na vespora d'alli chegar Schwalbak.

Nenhuma idéa tinha eu, nem pessoa alguma em Evora, d'este movimento; e quando ao annunciar se soube que o ex-Visconde de Setúbal saíra d'Estremoz n'essa manhã pelas 7 horas com toda a sua força do seu commando em direcção ao Vimieiro, persuadi-me que ou faria grande alto alli, ou mesmo lá pernoitasse, e assim o pensou toda a gente; entretanto determinei marchar n'essa noute, a fim de, feita a junção com a minha columna extacionada em Monte-Mór, cahir sobre o inimigo na estrada d'Arraiolos para Monte-Mór, se fosse verdade o que mais tarde começou d'espalhar-se, que o inimigo já estava em Arraiolos.

A columna expedicionaria tinha levado todas as bagagens, que tinha em deposito; e em reunir as de que eu carecia para a conducção da reserva da polvora, grande parte da noite se passara, de modo que só um pouco depois das 4 me pude pôr em marcha. — As chuvas, que quasi não tem descontinuado ha mais d'um mez, tem posto os caminhos intransitaveis, e isto tambem foi parte para eu não poder chegar proximo a Patalim (2 leguas e meia d'Evora) senão depois das 8 horas da manhã. Ahi encontrei já a minha columna que retirava de Monte-Mór, porque interceptára um officio de Schwalbak, que devendo ter-me sido entregue ás 2 horas da noute o mais tardar, só me chegou á mão pelas 10 do dia; — dizia o ex-Visconde, que marchava para Monte-Mór, aonde devia entrar ao meio dia, entrando ao mesmo tempo a força, que de Lisboa marchára que era composta de 750 bayonetas e 30 cavallos. Era, como V. Exc.^a vê, já impossível evitar a junção, ao menos assim se devia suppor não só pelo que se lia no officio, mas pelo que diziam todas as espias, que davam esta força em marcha, sendo tambem impossível ganhar com a minha columna toda o ponto intremedio entre Arraiolos e Monte-Mór, antes que por elle passasse Schwalbak, porque aquella hora a força, que eu enviara a Monte-Mór, tinha feito, com um descanso unicamente de 4 horas, 9 leguas! Era mister voltar para Evora, e d'ahi observar os movimentos do inimigo, que naturalmente seriam sobre Béja, o que muito recomendado lhe tem sido, ou sobre Evora. — N'este caso cumpria estar ahi a defender, e naquella estar tambem ahi para o seguir e impedir que batesse as forças do Algarve, antes que comigo se incorporassem, — tal era a minha idéa, e de todos os officiaes, e com esta tenção entrei em Evora.

Mas qual foi a minha surpresa ao ouvir o que vou relatar a V. Exc.^a — não sei eu descrever. — *Achei a Junta reunida, e o seu Presidente que me disse, que eu tinha comprometido a causa, porque não tinha aniquilado Schwalbak, e que se eu não fizesse alguma cousa, que podia ter a certeza que a Junta e a população d'Evora me retirava a sua confiança!*

Não era a primeira vez que eu sacrificava ao bem da causa o meu caprixo, e mais uma vez julguei dever quebrar por mim — expuz os motivos que me impediram de o fazer, em que a Junta tinha principalmente a culpa por não que-

rer, com o seu desejo de poupar, que eu tivesse bagageiras sempre promptas, e disse o que como militar me parecia que devia fazer-se — *mas a Junta exigio, que eu sahisse logo d'Evora para opperar, aliás que me recusaria etape e pret á divisão.* — Então eu dizendo que para não lhes tirar o prestigio cederia, porque eu só queria concorrer para o triumpho da causa nacional, resolvi partir logo para Béja em demanda das forças do Algarve, para que juntos viessemos atacar Schwalbak. — A Junta taxou este movimento de retirada, e impoz-me que o não executasse, porque desanimaria a Guarda Nacional e habitantes d'Evora, e assim me forçou a escolher um dos dois partidos, ou hir atacar Schwalbak em Monte-Mór — ou hir atacar Estremoz, o que se via no já citado officio interceptado que o inimigo temia, e que diziam pessoas, que se julgavam bem informadas, que me seria facil tomar Estremoz por se me fazer pouca ou nenhuma resistencia. — Chamei logo os Commandantes dos Corpos, e em presença da Junta lhes disse, que cumpria fazer um d'estes movimentos. — Alguem se lembrou da vantagem da marcha sobre Béja como eu dissera, e a Junta oppoz a este voto a mesma resistencia, que me oppozera. — Os officiaes julgaram melhor ficar em Evora, mas a Junta a isto disse = *que era preciso escolher = morrer de fome em Evora, ou no campo = e que já não havia que nos dar a comer, nem dinheiro para pret!* — Que fazer depois de tão formal declaração? — Creio que o que eu fiz, marchar logo sobre Estremoz. Eis aqui a historia d'este movimento, que sendo muito indevidamente emprehendido teve com tudo os melhores resultados, que no futuro se não de sentir — como V. Exc.^a verá.

A uma légua da Praça mandei fazer alto á minha divisão, e lhe disse, que a hia dividir em tres columnas — duas para simular um ataque, e uma que devia emprehender o verdadeiro, e que para esta só queria levar homens voluntarios, que por tanto dessem um passo em frente os que nella quizessem ir: apenas acabaram de soar as minhas palavras, a divisão toda, que estava em linha só deu — como se fôra um homem — um passo em frente! Neste caso não havia senão nomear gente para os diferentes fins, a que se destinavam.

Em frente da Praça — a alcance da artilheria ordenei, que cada columna marchasse para o sitio indicado, e vi-as como veteranos de cem combates marchar na melhor ordem debaixo d'um chuveiro de ballas d'artilheria e fusilaria a tocarem com as bayonetas as muralhas, e portas d'Estremoz.

Convinha-me para melhor reconhecer a Praça, e colher aquellas vantagens, que se me offerecessem, a occupação do reducto de S. José, que apenas dista uns 50 a 60 passos da muralha; ordenar a occupação d'elle — debaixo de vivo fogo que das muralhas se fazia — e vel-o coroado pelos meus soldados, foi tudo obra de momentos; mas caro nos custou esse arrojô, porque o dignissimo Coronel Martelly não lhe soffrendo, o seu brio vêr tanto heroismo sem partilhar a gloria, que os soldados alcançavam, pondo-se á sua frente os guiou aonde mais perigo havia. — Porém o destino não quiz que elle podesse vêr o triumpho da nobre causa — por que tanto já tinha pugnado — uma balla o fez cahir instantaneamente morto. Mais uns 15 ou 18 tiveram a mesma sorte, e foram feridos levemente 11, entre os quaes 2 officiaes.

Começava o fogo ao meio dia — que vivissimo

durou até ás 4 — tendo que fazer tocar a cessar o fogo, e retirar por tres quartos de hora, porque não havia meio de retirar os soldados de ao pé das muralhas, aonde encarniçados queriam vingar a morte de seus irmãos d'armas.

O muito fogo e a proximidade da Praça nos impedio de dar sepultura, nem mesmo tirar as insignias ao infeliz Coronel, o que fazendo-o conhecido dos facciosos os levou a commetter o horrôso acto de dependurarem o seu cadaver, e dos bravos, que com elle cahiram, nas arvores, que no reducto existem.

A raiva, que tal vista produzio nos meus soldados, não a posso eu descrever, basta só que eu diga a V. Exc.^a, que presando-me eu de commandar soldados por ventura os mais disciplinados, receio hoje entrar com elles em Estremoz, porque não terei talvez força bastante para salvar os habitantes daquella terra da sua indignação.

Não posso extremar um só individuo dos outros — todos merecem os maiores louvores, e eu couviria premiar todos — ou limitar-nos aos elogios, como eu fiz na allocução, de que junto tenho a honra de remetter cópia a V. Exc.^a

Tal valor — patriotismo — e disciplina desenvolvido contra uma Praça bem guarnecida e defendida me mostra o de que são capazes os meus soldados, quando tiverem de combater o inimigo em campo, e é por isso que acima digo que d'esta empreza se colherão os melhores resultados.

Deos Guarde a V. Exc.^a Quartel General em Portalegre 2 de Março de 1847. — Ilm.^o e Excm.^o Sr. Conde das Antas. — Conde de Mello, Commandante da 7.^a Divisão Militar.

SOLDADOS.

O vosso comportamento no dia 25 do corrente no reconhecimento, que fizemos sobre Estremoz, satisfiz-me completamente.

Não é possível que tropa alguma vos exceda em patriotismo, valor, e disciplina!

Iguaes vós todos a veteraos de cem combates, correspondesteis ás esperanças da Patria: — mostrastes-vos dignos de obter a liberdade por que tão denodadamente pugnaes.

Quem como vós se aproxima com tal ordem e firmeza de muralhas coroadas de artilheria e de soldados, cujas armas como os canhões vomitavam a morte, tudo pôde emprehender, porque não ha obstaculos que vosso valor não supere.

O inimigo, que viu tal galhardia, por certo não ousará esperar-vos no campo, — e ai d'elle se a tanto se atrever.

Havia-vos eu promettido premios e elogios ao que mais se distinguisse; mas não posso cumprir minha palavra, porque não posso extremar um só de quantos entraram no fogo. — Todos vós bem mereceis da Patria.

Recebei pois vós todos, Srs. Officiaes, Officiaes Inferiores e Soldados, os meus louvores, e acreditai que não ha gloria que iguale a gloria, que tem de commandar-vos o vosso General
Conde de Mello.

Pelas participações officiaes recebidas hontem nesta Cidade se confirma, o que já se annunciou ácerca da dispersão da guerrilha do Padrê Antonio da Certã. Os individuos, que a compunham, recolheram a suas casas, e o chefe com cinco ou seis individuos passou o Têjo fugindo ao justo castigo, que o esperava, pelas violencias que praticou, e extorções, que fez nos povos, por onde transitou. Sabemos, que a guerrilha, que

tinha entrado na Guarda aproveitando a sahida das forças nacionaes, que ahi estavam, retirou daquella Cidade em consequencia da aproximação d'uma columna de linha, e populares da Beira, que a perseguia. Esta gente perpetrou na Guarda muitos roubos. Na retirada foi aprisionado o filho do ex-General Osorio, commandante da guerrilha, o qual já entrou nas Cadêas de Viseu. Quando sahiram de Castello Branco obrigaram o ex-General Osorio a ir com elles, assim como o Major, ameaçando-os que os assassinavam — tem-lhe fugido muita gente.

Podémos colher mais alguns esclarecimentos á cerca do assassinato, de que fallamos no n.^o 32. O infeliz chamava-se Diogo Loureiro, natural de Viseu, e havia sido Delegado em Tondella antes de Maio. Foi a Taboação tratar unicamente de negócios seus particulares sem caracter algum politico. Estando a conversar com o Administrador do Concelho, appareceram alguns guerrilheiros em tumulto e desordem; em balde o Administrador pertendeo socegal-os; o pobre moço tambem se meteo entre elles, mas, apenas o conheceram, gritou um — mata que é Cabralista! e sem mais nem menos desfechou-lhe um tiro, que o deixou a estrebuxar — logo em seguida outro... passado um pedaço de tempo outro... e por fim um na cabeça que o matou! Parece que os assassinos se regozijavam de o ver penar, dando os tiros d'espaco a espaco, para que o infeliz paciente fosse recebendo a morte a longos tragos!! Este infeliz moço era Cartista... os assassinos foram uns guerrilheiros da junta do Porto... Ainda não é tudo; a Estrella do Norte, o jornal perdilecto dos junteiros, exalta esta accção de barbara carnificina, propria só de vandalos e selvagens, dizendo muito desenxabida = vinha com poderes extraordinarios para matar e esfollar; alli mesmo lhe arrumaram quatro tiros; quem quizer ser auctoridade Cartista faça testamento =!..

Lamentamos este facto horroroso, não só por sentimentos de humanidade, mas porque conheciamos perfeitamente a infeliz victima. Era um moço de 28 annos, bem educado e de muito talento; formou-se em 1839, e tinha sido distincto e sempre bemquisto entre os condiscipulos. Este assassinio cruel torna-se tanto mais horroroso e aggravante por ser commettido por gente armada contra um homem, que mui descansadamente ia tratar de seus negocios particulares, sem caracter algum politico, e que não tinha outro crime senão o de ser Cartista!.. Mas nada temos que admirar. Os assassinos do infeliz Loureiro pertencem á mesma gente dos que em Torres Vedras mataram fóra do combate dois Officiaes de infantaria 8, e na Regua 12 guardas fiscaes! São dos mesmos que em Santarém chibataram um ancião respeitavel, e que agora no Porto offerecem o cruento espectáculo de matança ás varadas! São dos *sans-cullotes* portuguezes, que já principiaram a imitar os desvarios da revolução Franceza, apedrejando um regimento, á similhança das mulheres de Pariz no dia 5 d'Outubro de 1789, — chamando *Suissos* os defensores da RAINHA, porque Suissas eram as guardas de Luiz XVI, — insultando a RAINHA na pessoa do seu Lugar-Tenente o Duque da Terceira, e gritando = *abaixo os aristocratas* = como fizeram os revolucionarios Francezes no dia 20 de Junho de 1792! São dos mesmos que já no Nacional de 3 do corrente nos ameaçaram com as scenas san-

guinolentas dos dias 2, 3, 4, 5, 6 de Setembro de 1792, em que a plebe dezenfreada de Paris matou a golpes de machado 224 Sacerdotes e Bispos, doze mil prezos, e um immenso numero de guardas Suissas, bebendo ao som d'horri-veis vozearias copos de vinho, tintos com o sangue das victimas! São dos mesmos, que, se vencessem, haviam de acabar a revolução, pondo um *bonnet rouge* na cabeça da RAINHA, apresentando-lhe uma garrafa de vinho, como fizeram a Luiz XVI no dia 20 de Junho de 1792; e por fim, coberta de improperios, levando-a ao cadafalso!.. Nada ha que admirar! São dos mesmos *Setembristas* Francezes, — por fatalidade até no nome se parecem!.. são da mesma familia dos *bravos trabalhadores*, a quem o sanguinario Billaud Varennes clamava = *avante, povo, immolando teus inimigos, cumpres o teu dever!!*

Amarante 10. — Pelos povos destes sitios tem sido espalhados impressos identicos ao exemplar, que remetto.

Os junteiros do Porto tiveram agora procedimento semelhante aos miguelistas de 1833. Em 17 d'Agosto de 1833 os miguelistas lançaram em Villa Nova da Gaia fogo aos armazens de vinhos, arruinando assim as fortunas de centenaes de familias; foi um facto, de que ainda hoje nos lembramos com horror! Em Fevereiro de 1847 os novos miguelistas, encarnados em democratas, roubaram á companhia dos Vinhos do Alto Douro mil pipas, a unica fortuna de immensa gente, e ameação novas extorsões, que a hão de arruinar completamente. Só vandalos podem fazer isto!

Essa allocução tem feito viva impressão nos povos, porque os argumentos são verdadeiros.

Habitantes do Douro! Que desalento é o vosso? Não sois já Portuguezes? Não vos presaes de pertencer a um povo que teve sempre por timbre o amor e fidelidade a seus Augustos Soberanos? Não vos recordaes das heroicas acções de vossos antepassados, sempre dispostos a sacrificar as vidas pela gloria dos Imperantes, e pelas prosperidades da Patria? Quem vos tolhe pois o imital-os?... Não vèdes um ignobil bando de entes degenerados, unindo a immoralidade á rebellião, e á malvadez a anarchia, comprazer-se de levar nosso mal-fadado paiz até ás bordas do precipicio?... Não vèdes como, desprezando os publicos interesses, desprezam e atacam igualmente os vossos, e os de vossas particulares familias!!.. Não vos surprende em fim o atrevimento criminoso, com que rompendo e despedaçando todos os vinculos sociaes, levam sua malevola atrocidade até o ponto de escarnecer a Lei fundamental do Estado, e de offender e desacatar a legitima auctoridade da RAINHA; não se envergonhando ainda de invocar sacrilegos Seu Augusto Nome para servir de instrumento a suas contínuas iniquidades?!.. Se pois tudo isto vos é patente, como os toleraes?... Como consentis entre nós esses monstros só para devorar-nos?..

Habitantes do Douro! A junta congregada na Cidade do Porto, para animar a rebellião não satisfeita com dispôr dos rendimentos públicos para a seu capricho alimentar os tyrannos da Patria; não saciada com as immensas sommas extorquidas aos Bancos, ás Companhias particulares, ao Deposito público, e até ao patrimonio dos innocentes Orphãos, arremessou suas criminosas extorsões até á Companhia geral do Alto Douro; sim, essa detestavel junta lançou mãos destruidoras aos haveres dessa Companhia, unica esperança de nossas damnificadas fortunas!!! E commettendo tantos crimes, qual outro não terá por leve?!..

Habitantes do Douro... Se um general estrangeiro no serviço do usurpador, indifferente a nossos interesses, tanto como aos do nosso paiz, incendiou os armazens da Companhia, e arruinou nossas fortunas: agora um abjecto bando de famintos facciosos, desprezando todas as Leis, e invadindo todos os direitos, vai destruir esse interessante edificio até os seus mais firmes alicer-

ces!.. Já dispoz dos cascos, indispensaveis á conservação e transporte dos vinhos, para reforçar trincheiras: já em um só dia extorquio mil pipas deste valioso liquido, fructo de nossas incansaveis fadigas, para o reduzir a dinheiro. E tudo para que!... Para perpetuar o crime, augmentar nossos infortunios, e demorar o justo castigo que os espera!!..

Quem descontará agora os escriptos de venda de nossos vinhos?... O Banco Commercial por certo não; pois já essa infernal junta se apoderou de seus cofres. Como pois acharemos meios, quando de prompto os precisarmos para a cultura de nossas terras?... Quem comprará nossos productos? — Ninguem! Os capitães desappareceram do giro, e sahiram com a maior parte de seus donos da nossa infeliz terra, unico modo de evitar novas extorsões com maiores violencias e crueldades!..

A junta anarchica prometteo, e tem cumprido, levar suas violencias até onde suas urgencias a conduzirem!... A que ponto a conduzirão ellas!... Não tardará por tanto que uma commissão expoliadora passe a tomar conta dos cabedães, que restam á já expoliada Companhia do Alto Douro. O mesino aconteceo á Caixa filial do Banco de Lisboa, ao Banco Commercial do Porto, ao Deposito publico, ao Contracto do Tabaco, Sábão e Polvora, e em fim á Companhia das Minas, e a da Ponte Pensil! Não tardará por tanto a suspensão dos pagamentos daquela Companhia a particulares, como aconteceo a todas as mais. Que destino terão os fundos com que havia de pagar-se-nos? Com quaes se comprarão as vinte mil pipas que por Lei devem comprar-se?... Não se pague, não se compre!.. Haja dinheiro para os sustentaculos da rebellião, e para os corifeus da anarchia... O mais nada importa!... Eis a resposta, eis a sorte que nos espera!..

Habitantes do Douro... Um magote de revoltosos inimigos de Deos e dos homens, escoria infernal de toda a sociedade, attaca nossas fortunas, e vai lançar a miseria e a dissolução no seio de nossas pacificas familias; faz perecer a nossos olhos os fructos de novidade esperancosa; e em fim não ha atrocidade, por maior que seja, que baste a satisfazel-os. Haverá por tanto quem possa toleral-os?!..

Habitantes do Douro... As empresas bellicas dos Transmontanos, quando guiados pela razão, e pela justiça, nunca deixaram de ser gloriosas... Sobeja-nos razão: não nos fallece justiça; e por tanto — ás armas —!... Lancêmos para longe de nós esse bando de monstros, que se abriga no Porto: voêmos a conquistar Paz para a nossa patria, socego para nossas familias, e gloria para nós, e nossos companheiros!

As armas, Habitantes do Douro, ás armas.

Um Lavrador do Douro.

NOTICIAS DA CIDADE.

Por Decreto de 17 do corrente mez foram nomeados para substitutos de Juiz de Direito desta Comarca os seguintes seuhores:

Bacharel Antonio Migueis da Fonseca.

Bacharel Joaquim Miguel d'Araujo Pinto.

Doutor Nuno José da Cruz.

Por Portaria de 19 do corrente mez expedida pela Secretaria Geral do Logar Tenente de S. Magestade a RAINHA, foram promovidos aos seguintes postos no Batalhão Nacional desta Cidade —

Tenentes — Joaquim José da Cunha Novaes.

Joaquim Jorge Pinto.

Alferes — Antonio Maria de Mello.

Antonio Maria d'Amorim.

Francisco Lopes de Sá Esteves.

Veio ordem para se pagar o mez de Setembro ultimo aos empregados da Universidade. Em quanto dominaram os miguelistas-junteiros, não obtiveram um mez de pagamento — todo o dinheiro era pouco para os esfomeados guerrilhas, e insaciaveis guerrilheiros.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Viuva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Ayulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

As pessoas, que quizerem subscrever para o *Boletim*, podem dirigir-se ás lojas acima mencionadas, ou ao empregado da Imprensa da Universidade — José da Silva Bandeira — o preço é por mez 300 reis — dous mezes 600 — e por trimestre 900 reis, não se aceitando assignaturas senão desde o principio do mez. — A correspondencia, franca de porte, sem o que não é recebida — Os Srs. Subscriptores, que não quizerem soffrer interrupção na remessa das folhas, terão a bondade de renovar, em tempo, as suas assignaturas. Declara-se ter havido, e continuar a haver a maior cautella na remessa de todos os numeros, e por isso nenhuma imputação cabe á Redacção pelos extravios, que alguns Srs. tem accusado; e que nesta data se representou ao Exm.º Governador Civil do Districto pedindo providencias, que a Redacção está certa se tomarão, a fim de serem devidamente entregues as folhas do *Boletim*.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

DD. de 15 de Fevereiro, nomeando e reintegrando os seguintes Bachareis.

Abilio Maria Mendes Pinheiro reintegrado no quadro da Magistratura, por se mostrarem improcedentes os motivos pelos quaes foi dimittido e exanctorado.

Francisco Manoel da Rocha Pinto reintegrado no lugar de Delegado de Procurador Regio junto ao Juizo de Direito da Comarca de Ponte de Lima.

Joaquim Xavier Pinto da Silva nomeado para o lugar de Delegado de P. Regio na Comarca da Feira.

José Antonio de Miranda nomeado para o lugar de Delegado de P. Regio na Comarca de Bragança.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Tendo-se reconhecido pelos diversos ensaios, a que se procedeo na Casa da Moeda, que o pezo legal de uma Pataca Columnaria é sete oitavas e meia de prata da Lei de dez dinheiros e dezoito grãos, e que este pezo e toque tem a Pataca chamada Sevilhana: Hei por bem, ampliando as disposições do Decreto de vinte e quatro de Fevereiro ultimo, Determinar que as referidas Patacas chamadas Sevilhanas, tenham igualmente curso legal nestes Reinos pelo mesmo valor de novecentos e vinte reis. O Conde do Tojal, Par do Reino, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Paço das Necessidades, em dez de Março de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = *Conde do Tojal.*

PARTE NÃO OFFICIAL.

Ainda aos realistas.

D. Miguel absoluto como seu pai, e com as velhas leis com que fomos creados, ou D. MARIA constitucional. —

Tal é, se não nos enganão, o pensamento (o qual não podemos deixar de dizer nobre, e proprio de cavalheiros), que hoje francamente manifestão não só muitos e notaveis seguidores da causa de D. Miguel, que attendem tranquilos o desfecho da grande lucta; mas alguns mesmos dos caudilhos, que estão em armas na provincia do Minho em nome do proscripto.

E com effeito, se não for possivel retroceder a 1828; se as cousas e pessoas da velha monarchia não poderem resuscitar; se o Principe, descendente de tantos reis, e que já cingio a corôa, embora disputada, por seis annos, não tiver outro meio para reconquistal-a, senão cingir agora a carapuça vermelha dos *sans-culotes*, aceitar o osculo traçoeyro, e entrar por debaixo da abobeda de ferro dos republicanos sujeito ás condições que estes lhe quizerem dictar; — se tantas e tamanhas vilezas o hão de degradar perante a Europa e perante nós, (dirão com boa razão os miguelistas hourados) então não, antes D. MARIA. Se igualmente aquellas leis de D. João VI, não podem reviver; — se a publica auctoridade não pôde reverter aos velhos fidalgos e ricos proprietarios como então; — se pelo contrario tem de cahir nos demagogos, embora improvisados em fidalgos e titulares, e novas leis hão de fazer-se em um congresso constituinte: — então não, — antes D. MARIA com ou sem a CARTA.

Taes pensamentos (repetimos) são nobres, e dignos de cavalheiros; por que nada ha que nos pareça mais contrario aos dictames da honra e probidade, menos honesto e cavalheiro, do que a liga, que ao presente se ostenta no Porto. Negarão por ventura os Povoas, Guedes, Bernardino, Azenha, Baldy, e companhia, que foram e são miguelistas? . . . Não, porque as proprias patentes, que a junta lhes reconhece agora, são graças de D. Miguel. Quererão impôr por ventura, que abjuraram as suas crenças em favor da actual dynastia, a qual não combatem, mas sómente o seu ministerio? Não, por que não saíram a campo, senão depois que os orgãos da junta decretaram a cahida dessa dynastia, e que a junta e seus representantes por toda a parte apearam a RAINHA e Sua Augusta familia, dos vivas e honras publicas do estylo. Por tanto se não são miguelistas, são democratas, renegados de suas crenças politicas para as mais oppostas e contradictorias. E haverá alguém que o possa acreditar, nem mesmo do primeiro, o general Povoas, a pezar de haver

sempre sido suspeito de principios duvidosos, para muitos realistas?

Por certo que ninguém o crê: se ainda mesmo custa a crer, que esses homens, que governam na junta do Porto, e que fazem gala de se haverem levantado do povo, tenham verdadeiros sentimentos republicanos (tão grande numero temos visto, desde 1820, de semelhantes patriotas convertidos em orgulhosos anacos e aristocratas!); — quanto menos aquelles officiaes, a mór parte dos quaes têm lá para os seus botões, que o sangue, que lhes circula nas veas, não é da mesma cõr, que o de seus soldados!

Não são pois nem pela RAINHA, nem pela republica: são miguelistas, e só miguelistas, porém degenerados e falsificados; — ou antes, novos discipulos da velha e abominada eschola Machiavelica, que santifica os meios, desde que servem para obter o fim, hypocritas — caracter deshonesto, que não cabe a fidalgos, a cavalheiros, e a *portugaes-velhos*.

D. Miguel e democracia, ou constituição democratica: demagogos, e velhos fidalgos de solar e antigas linhagens; — são entidades absolutamente repugnantes. D. Miguel, como principe, quaesquer que fossem ou sejam agora os seus principios, é inconciliavel com um congresso omnipotente.

Seus antigos e fieis seguidores não podem jámais entender-se com os patulêas, salvo tratando com estes submissos, de chapéo na mão, e promptos á ordem do senhor fidalgo.

Pela sua parte a junta e os seus amigos, bem conhecedores desta perenne antipathia, não entram na liga, não abrem as portas a D. Miguel, senão forçados pela mais dura das necessidades, e jogando uma carta, cujo valor só do futuro esperam se aclare. Machiavelismo, engano reciproco, fonte d'interminaveis e sanguinolentas lutas, se a Providencia os deixasse ir avante, como tantas vezes havemos escripto.

Concluamos pois, elogiando com sinceridade a nobre e virtuosa decisão dos miguelistas honrados: — ou D. Miguel absoluto, ou D. MARIA constitucional.

Mas se D. Miguel absoluto, sem junta e contra ella, é impossivel, visto que bem claro se tem expressado a seu respeito as grandes nações; e os proprios alliados da junta não lhe achão furo de o intrometerem senão pelo mais deshonesto machiavelismo: — que resta aos miguelistas honrados senão unir-se com nosco, fundirem-se na grande familia de portuguezes pacificos e moderados, em beneficio da ordem, e utilidade publica, segurança e progresso das suas fortunas?

Regua 21 — O Conde do Casal está em Villa Real com toda a força, que trouxe, e que são dois mil trezentos e oitenta de infantaria e caçadores, e 200 e tantos cavallos, tendo deixado em Valença e Vianna o resto da sua divisão. Entre os Officiaes, que ficaram na guarnição do Castello, está o Capitão d'artilheria, Sobral, que ha tempo se appresentára ao Conde do Casal com 165 artilheiros, vindos do Porto, e que na defeza do Castello no dia 16 do mez passado contra o Antas prestou valiosos serviços, merecendo por isso não só a honra de ser condecorado pela RAINHA, mas a honra ainda maior de ser descomposto e alcunhado de *traidor e tratante* pelos conscienciosos jornaes do Porto. Dizem-me que o Marçal com o Batalhão Nacional do seu commando (cuja existencia os jornaes do Porto reconhecem, não obstante ser *todo de populares*, dando-lhe 140 homens)

saíra de Lamego sobre S. Martinho de Mouros, e que battersa, afugentára e fizera passar para a direita do Douro, abaixo d'aqui duas leguas, o Justiniano de Cordova, nos primeiros dias desta semana; e gente, que veio de Lamego na sexta feira, diz que o Marçal já ali estava de volta, e que trouxera alguns prezos. O Padre Casimiro, tendo simulado uma retirada até a Gerez, seguido por uma força de Braga, a esperou por alli, e a derrotou e perseguiu até o Carvalho, entrando em Braga no dia 14 a força derrotada.

Cartas do Porto do dia 16 dão caçadores 7, que tinham marchado sobre Vianna, já em retirada sobre o Tamega, por serem informados de que a guarnição do Castello era grande, e estava além disso sob a protecção d'alguns vasos de guerra, que andavam sobre vella junto da barra.

Uma carta de Braga do dia 18 confirma a noticia a respeito do Padre Casimiro, e acrescenta que a força junteira derrotada era o chamado batalhão nacional de Vianna; o qual ficára alli depois da retirada do Abnargem para o Porto, e que a acção fora no dia 13 na Povoia de Lanhoso, sendo perseguido até o Carvalho, e que o Padre Casimiro proclama aos povos que = ou D. Miguel absoluto ou RAINHA =, porque republica, D. Miguel republicano, e junta do Porto são cousas que não entende, nem admite.

Estes sentimentos são tambem os de muitos honrados realistas, que nunca pertenceram ao *arsenal* d'aquelle partido, e que por isso, conhecendo ser impossivel no estado politico actual a restituição de D. Miguel, ou obedecem submissamente ao Governo da RAINHA, conservando-se tranquillos em suas casas, inteiramente estranhos á politica, ou tem-lhe mesmo prestado valiosos serviços contra a junta do Porto. Já no Boletim nomeámos, entre os primeiros, alguns dos antigos realistas, uns, defensores de D. Miguel nos campos da batalha, outros, seus apaixonados; os quaes recusaram abertamente apoiar a louca empreza do Povoas. Sabemos d'alguns mais, tambem dos nossos sitios. Porém entre os segundos não devemos deixar de mencionar [com especial louvor o Sr. A. M. Victoria, o qual, — sem trahir as suas antigas relações com aquelle partido, porque reconhece que D. Miguel é no actual estado politico uma *fantasia esteril, paradoxo politico, contradicção nacional* (como diz o jornal Cartista, a *Realidade*), tem concorrido poderosamente para o socego da maior parte da Beira, merecendo por isso do Excm.º Lugar Tenente de S. M. a importante commissão, de que se acha revestido; e a honra de ser praguejado e insultado pelos desevoltos jornaes da junta.

A mesma carta de Braga conta que José Marcellino, restituído pela junta ao posto de Brigadeiro do tempo de D. Miguel, e em quem os periodicos junteiros fallavam como um dos seus mais fieis seguidores, se declarára contra ella, servindo-se dos armamentos e dinheiros, que ella lhe havia confiado; acclamára D. Miguel *absoluto*, dimittindo as auctoridades da junta; e estava governando em nome d'elle no alto Minho, a saber — Arcos — Barca — Monsão, etc. etc de combinação com o Padre Casimiro, e com o Tenente d'Evora-monte, cuja guerrilha dissemos ter sido encontrada pela divisão do Excm.º Conde do Casal na sua marcha para Mont'alegre. É singular este acontecimento, todavia não nos admira, porque entre os miguelistas, que acudiram ao reclamo da junta do Porto, deixando-se seduzir pelo canto dessas *sereias patrioticas*, — muitos ha agora, que antes querem fazer obra por sua conta, ac-

clamando D. Miguel *rei absoluto*, do que sacrificarem as suas convicções a meia duzia de *renegados*, que promettem dar-lhes no fim da luta o seu Miguel com uma *constituição democratica*. Os outros porém, que lá ficaram ás ordens da junta, são, não certamente cavalheiros como aquelles, — mas mais machiavelicos e arditos, porque depois de pilharem os commandos das tropas e de estarem senhores do bôllo esperam lá para si, que só elles decidirão, quem ha de ser rei em Portugal, e quaes leis haverão de prevalecer.

Já em Maio lançaram a mesma rêde; que lhes sabio mal, porque os seus *aliados* setembristas cuspiram-lhes na cara, quando se viram no poleiro. Agora porém foram mais matreiros; e, se por infelicidade a Causa da RAINHA se perdesse, nós veriamos o Povoas, Bernardino, Guedes, Baldy, Azeuha, e toda a magna caterva de officiaes d'Evora moute, que está distribuida pelos corpos, dispôr, em favor do seu *rei absoluto*, das tropas que os junteiros imprudentemente lhes confiaram.

Cartas de Vizeu de 23 dizem que a guerrilha do Olleiros e Osorio, que entrara na Guarda, — vindo de Castello Branco, onde ha tempo se achava —, fizera naquella cidade os maiores destemperos, insultando familias, quebrando vidraças e trastes, e roubando casas, que se lhe indigitavam por Cartistas; — que depois destas *boas acções*, com que o povo lhe ficaria certamente muito *aficionado*, viera a Cellorico por temer seguir caminho direito de Castello Branco, visto constar que o Coronel Caldeira com parte da columna volante do seu commando marchara de Abrantes sobre essa cidade; — que em Cellorico continuára os mesmos destemperos da Guarda, afim de vingarem (diziam elles) a prisão d'um filho do Osorio, o qual havia sido prezo pelo Batalhão nacional Cartista da Guarda, e que está na cadeia de Vizeu; — que finalmente d'ahi mesmo levantára (sem se saber por ora em que direcção), fugindo á perseguição d'uma pequena columna de linha e de populares da Guarda e Fornos, que de Vizeu saíra em seu seguimento sob o commando do bravo Capitão Almeida de Cavallaria n.º 8.

Foi nomeado Tenente Coronel Commandante do Batalhão nacional Cartista de Vizeu o benemerito Francisco Diogo Lopes, d'essa cidade, cavalleiro bem conhecido pelos seus serviços á CARTA, e independente pela sua fortuna; — o qual, d'accordo com o governador militar, o Coronel Aragão, continuava na organização do dito Batalhão.

As auctoridades civis d'aquella cidade tem desenvolvido a maior actividade no desarmamento de pessoas suspeitas.

Entre os corpos nacionaes, que na presente luta tem prestado mais valiosos serviços á Causa da RAINHA, devemos mencionar com especial honra o de Agueda, que já conta acima de 200 praças, e que em breve subirá a 400 pelos esforços e incausavel actividade do seu Commandante, e Administrador do Concelho, o joven Sr. João Ribeiro Pinto de Magalhães. Este corpo tem corrido poderosamente para o socego d'aquelle Concelho, e facilitado o livre transito dos correios e postas, percorrendo constantemente em patrulhas a estrada real até á Mealhada e Albergaria.

Vieram ha dias do exercito d'operações uns 20 soldados de Caçadores n.º 8 commandados por um Alferes a buscar conducções de objectos necessarios, e já voltaram para o exercito. São estes os *regimentos*, que os fabricantes de falsas noticias deram em *retirada*!! Qualquer troço de solda-

dos, que vejam entrar nesta cidade, ou seja dos doentes e feridos de Torres Vedras, que vem de Lisboa reunir aos corpos no exercito d'operações, ou seja do exercito a buscar conducções de dinheiro, petrechos e mil outros objectos necessarios, — figuram logo *brigadas a fugir*! Ha poucos dias entraram tambem tres carros, um trazendo 4 soldados doentes, outro 2, e outro 1, para cujas molestias não havia em Oliveira sufficientes commodidades. Foi o que bastou para espalharem que só n'um dia tinham entrado 33 *carros com feridos*!! E logo de caminho foram expedidos emissarios em todas as direcções, espalhando comboio de mentiras. As despropositadas patranhas, de que vem cheios os jornaes da junta, e o accinte, com que todos os dias se espalham e se porfiam as mais atterradoras noticias, fazem-nos persuadir que tudo isto é um *systema* ajustado entre os agitadores, a fim de alarmarem os povos, abusando da sua simpleza e nimia boa fé para damnadas intenções.

Todos, tanto periodiqueiros, como não periodiqueiros, parece que estão á porfia qual hade mentir mais!.. Na mesma occasiam, em que a Chronica d'Evora allegrava os amortecidos habitantes dessa cidade com a lisongeira noticia de *ter sido fuzillado no Porto o Conde do Casal*, publicavam os periodicos do Porto a *fugida* deste illustre General para Hespanha (!!); e o Almagem participava á junta a *entrada* do Conde do Casal *na Hespanha* no mesmo dia 10 do corrente, em que este General foi pernoitar com a divisão do seu commando a Tourem, no Concelho de Montalegre, que ninguem dirá que é na Hespanha, a não ser pela nova divisão da republica Iberica!! etc., etc., etc.

Tanto nos horrorisam as inauditas atrocidades, que com o mais atrevido despejo falsamente imputam ao Illustre Marechal Saldanha, ás tropas do seu commando, e em geral a todas as auctoridades Cartistas, — quanto pelo contrario nos causa riso a azafama, com que andam a espalhar falsas noticias atterradoras. E mal sabem elles o bem, que fazem com isto á Causa da RAINHA, especialmente nesta cidade, porque o povo, farto de esperar em vão pela *retirada* das tropas fieis, e pelos *carros de feridos*, que não acabam de chegar, — e presencendo tambem a summa prudencia, moderação e tolerancia das auctoridades, não obstante todos esses projectos revolucionarios, — ha de por fim deixar de os ouvir, e tratá-los com o desprezo, que merecem.

Oliveira d'Azemeis 10 da noute, 26 — Os vapores Porto, e Vestuvio, que hontem sahiram a barra, entraram hoje sem poderem continuar a sua derrota por causa do bloqueio.

O corouel Hespanhol, que annunciámos ter á dias chegado ao Quartel General do Exm.º Marechal Saldanha, acha-se ainda ahi. Sabemos que elle tem sido tratado com a maior grandeza pelo Exm.º Marechal, com quem tem tido todos os dias largas conferencias. Não transpira porém cousa alguma certa, — com quanto se formem mil conjecturas —, porque o Marechal Saldanha teve sempre a excellente qualidade, propria d'um grande General, de confiar sómente do seu chapéo seus planos e tenções. Dizem-nos que elle muitas vezes proferira estas conceituosas expressões = se o meu chapéo me advinhasse os pensamentos, andaria em guedelha!

Os miguelistas dão as leis no Porto — seus ge-

neraes, e officiaes escolhidos commandam as forças. — Transcrevemos do Nacional o seguinte:

« Está organizada uma divisão de operações ao poente do Tamega, commandada em pessoa pelo excm.^o sr. tenente general conde de Povoaes — compõe-se de tres columnas. — A 1.^a commandada pelo marechal de campo o excm.^o sr. Guedes (general de D. Miguel). A 2.^a commandada pelo excm.^o sr. general barão de Freiamunde (o miguelista Bernardino) que observa a margem do Douro. A 3.^a commandada pelo excm.^o sr. general visconde do Carril (o democrata miguelista Cesar).

Quartel General no Porto 3 de Março de 1847.

Ordem geral.

Por Portaria da data desta. — Estado Maior do general conde de Povoaes — chefe do estado maior o brigadeiro João Antonio Rebocho; quartel mestre general, o capitão do corpo de estado maior, Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes. = Adjuvos = Os capitães, de cavallaria, José Guedes de Carvalho e Menezes; do exercito, Francisco d'Assis Augusto de Sousa; do 1.^o batalhão nacional movel de Coimbra, Luiz Guedes de Carvalho Menezes: os alferes, do exercito, Pedro Carlos Teixeira de Carvalho e Sampaio; do batalhão accademico, o Bacharel formado em Medicina, José Vicente Barbosa de Bocage, e o alferes graduado, Antonio da Motta Veiga Senna Pereira d'Aguiar.

Do mesmo Nacional o seguinte:

Domingo de tarde foram os excellentissimos ministros da guerra e marinha assistir ao ensaio da bateria fluctuante, que o nosso insigne engenheiro o sr. Baldy havia construido para a defeza do rio Douro. =

Este Sr. Baldy é o mesmo engenheiro, que em 1833 foi empregado na construcção das baterias e dos foguetes á congreve para arrasar o Porto e os liberaes; e a quem pouco depois da restauração de 1834 foi pela RAINHA perdoada a pena de morte, em que fôra condemnado por andar envolvido na conspiração miguelista. É o mesmo Sr. Baldy, que á pouco disse nesta cidade, que se comprazia com as dissensões entre os liberaes, porque ellas abriam caminho á restauração de D. Miguel. Por esta maneira agradece a vida á sua generosa Bemfeitora!

Narração do naufragio do Vapor inglez Tiber no dia 21 de Fevereiro de 1847, indo de Lisboa para Londres.

No dia 20 de Fevereiro de 1847, ás oito horas e meia da manhã, sahiu o Vapor Tiber de Lisboa, e navegou com tempo favoravel até ás tres horas da manhã do dia 21. Achando-se então defronte da Barra do Porto, pairou fazendo os costumados signaes com tiros de peça, a fim de lhe ser enviada a mala da correspondencia de Londres e mais terras do Norte.

O nevoeiro e cerração eram tão densos, que á equipagem não foi possível orientar-se pela terra, e deste modo assim perderam o verdadeiro rumo que o Vapor devia seguir.

Seria hora e meia da tarde do mesmo dia 21, bateu o navio no rochedo defronte da praia de Villa Chã, meia legua ao Sul de Villa do Conde.

Todas as pessoas, que seriam duzentas e trinta entre tripulação e passageiros, ficaram assustadas com tal successo; e mui particularmente quando logo em seguida o navio bateu segunda vez, sem poder continuar a navegar. Então rompeu de to-

dos os lados um alarido geral misturado com aterradoras exclamações. Alguem lançou logo ao mar alguns escaleres, que immediatamente se encheram de gente; e, ou fosse pela violencia das ondas, ou por falta do preciso equipamento, estes escaleres espedaçaram-se logo contra o costado do Vapor, salvando-se das muitas pessoas já embarcadas tres, que poderam agarrar-se a um cabo estendido do Vapor. A tripulação conhecendo a inutilidade do recurso, não lançou ao mar as lanchas que ainda lhe restavam.

Em quanto assim a tripulação fazia os ultimos esforços para salvar as vidas; as ondas passavam por cima da coberta de um a outro bordo, arrastando ao mar tudo quanto não estava bem seguro; — a caldeira e fogão ameaçaram incendio, que foi logo apagado pela agoa que entrou pelo fundo do navio; — a mastreação desarvorou, matando algumas pessoas na queda. A tripulação completamente desanimada tocou a final a sineta, annunciando que já nenhuma esperança podia haver.

Já todos se achavam resignados á sorte que encaravam achando-se muitos em muda expectativa esperando os ultimos momentos, e outros de joelhos com as mãos erguidas pedindo ao Ceo a salvação de suas almas. Neste momento appareceu ao longe uma lancha de peça do sitio de Villa Chã, e então em todos raiou esperança de vida, gritando, Salvação! Salvação! Porém a lancha sem muito se aproximar reconheceu o estado do Vapor, acenou para elle, e retirou-se. A anciedade foi horrorosa neste momento pela incerteza de qual seria o procedimento da lancha; porém passado pouco tempo todos lhe tributaram sinceros votos de agradecimentos, reconhecendo que trazia em seu socorro nove ou dez barcos, os quaes se esforçaram por salvar os que ainda se achavam vivos, transportando-os do Vapor naufragado ao sitio da praia de Villa Chã. Julga-se que as pessoas mortas nos differentes successos deste naufragio seriam trinta a quarenta: as que escaparam não poderam salvar suas bagagens; e muitos mesmo apenas ficaram vestidos com camiza e seroulas. Alguns militares, pela differença de opinião politica, depois de estarem em terra, correram o perigo de ser presos pelas auctoridades penitentes ao Porto.

Valença, 28 de Fevereiro de 1847. = *Um Naufrago.*

Sabemos que é verdadeiro este ultimo facto, que nos horrorisa tanto como a narração que o precede. Eram uns entes desgraçados aquelles militares, açoitados pela sorte... tinham, pouco ha, encarado a morte no abysmo da immensidade — morte sem gloria — morte sem proveito —, e quando ainda o corpo lhe gotejava agoa — quando o espirito mal saudava a vida que julgára perdida por instantes — homens-feras, insensiveis e deshumanos, empregaram em os perseguir o tempo que deviam gastar em os compadecer! Eram auctoridades da junta rebelde, não admira.

(Diario do Governo.)

ERRATAS; no Boletim n.^o 30, pag. 4, col. 1.^a — o Nacional de 5 — leia-se — o Nacional de 15.

Boletim n.^o 36., pag. 1.^a, col. 1.^a, in fin. — hastearam — leia-se — hastearem.

— pag. 2.^a, col. 1.^a, — e 30 cavallos — leia-se — e 50 cavallos.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Vinva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

As pessoas, que quizerem subscrever para o *Boletim*, podem dirigir-se ás lojas acima mencionadas, ou ao empregado da Imprensa da Universidade — José da Silva Bandeira — o preço é por mez 300 reis — dous mezes 600 — e por trimestre 900 reis, não se accetando assignaturas senão desde o principio do mez. — A correspondencia, franca de porte, sem o que não é recebida — Os Srs. Subscriptores, que não quizerem soffrer interrupção na remessa das folhas, terão a bondade de renovar, em tempo, as suas assignaturas. Declara-se ter havido, e continuar a haver a maior cautella na remessa de todos os numeros, e por isso nenhuma imputação cabe á Redacção pelos extravios, que alguns Srs. tem accusado; e que nesta data se representou ao Exm.º Governador Civil do Districto pedindo providencias, que a Redacção está certa se tomarão, a fim de serem devidamente entregues as folhas do *Boletim*.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA JUSTIÇA.

Secretaria de Estado.

Tendo-me sido presente que a Junta revolucionaria instituida na Cidade do Porto proseguindo em seus attentados contra a propriedade particular, e do Estado, pertende praticar o inaudito procedimento de exigir dos proprietarios, tanto nacionaes como estrangeiros, de vinhos depositados nos armazens daquella Cidade, e de Villa Nova de Gaya, o prompto e immediato pagamento dos direitos de exportação dos mesmos vinhos, como se ella effectivamente tivesse logar, commettendo assim a mais flagrant e escandalosa violação da lei, com manifesto gravame do commercio, espoliação do dominio particular, e criminosa extorção da Fazenda Publica — chegando ao excesso de intentar pôr em praça para serem arrematadas, as porções de vinhos pertencentes áquelles negociantes que se recusarem a satisfazer desde já a importancia dos respectivos direitos de exportação, e a propôr aos demais avenças por metade ou dous terços desses direitos, uma vez que sejam pagos desde logo, na certeza de lhes passar recibos pela totalidade dos mesmos direitos como se tem praticado na Alfandega daquella Cidade, a respeito dos despachos dos generos coloniaes, e outros com o fim de no futuro illudirem a verificação da responsabilidade dos que por este modo a tem contrahida, segundo as disposições do Decreto de 4 de Novembro de 1846. — E sendo indispensavel providenciar sobre tão escandalosas violencias. Hei por bem ouvido o Meu Conselho de Ministros Decretar o seguinte:

Artigo 1.º São nullos e de nenhum effeito os despachos de vinhos que a Junta dos revoltosos installada na Cidade do Porto, ou seus agentes e representantes tiverem authorisado, ou de futuro authorisarem com pagamento de direito de exportação antes da epocha em que o mesmo pagamento deve realisar-se, segundo a Legislação em vigor.

Art. 2. Os donos, consignatarios, cessionarios e compradores de vinhos que na Alfandega do Porto, ou em qualquer Repartição Fiscal, seja de que natureza for, sejeita aos revoltosos despacharem algumas porções do referido genero com anticipado pagamento dos direitos de exportação, ficam obrigados a responder á Fazenda Publica pela importancia total desses direitos, como se tal pagamento não houvessem realiado.

Art. 3. São ampliadas pelo presente Decreto as disposições do de 4 de Novembro de 1846.

Os Ministros e Secretarios de Estado das differentes Repartições o tenham assim entendido, e façam executar. Paço das Necessidades, em vinte e seis de Março de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = *Visconde de Oliveira = D. Manoel de Portugal e Castro = Barão de Ouar = Conde do Tojal = José Jacinto Valente Farenho.*

Secretaria Geral do Lugar-Tenente de S. M. a RAINHA. — Por quanto o partido anarchico-setembrista conhecedor da sua propria insufficiencia, e de que entregue a seus debeis recursos desapareceria para sempre da scena politica, conduzio a junta rebelde, que o representa, a procurar nos sectarios da usurpação a força de que carecia para conservar por mais algum tempo sua malevola existencia, reconhecendo com esse intuito a auctoridade do usurpador pelo publico e escandaloso facto de chamar ás suas fileiras, e reintegrar nos postos, que tinham quando em Evora depozeram as armas, os officiaes promovidos pelo proscripto, com manifesta offensa de todos os principios liberaes: e constando-me com bastante certeza, que muitos officiaes militares, que sempre se mostraram fieis defensores do systema constitucional, não obstante haverem-se por desgraça ou força de circumstancias sujeitado á traioeira influencia da referida junta, não podem soffrer o oprobrio de se verem obrigados a servir sob a direcção dos chefes das antigas forças do mesmo usurpador; e que teriam vindo submeter-se á Maternal Auctoridade de Sua Magestade a RAINHA, se não receassem ser mal acolhidos por seus leaes compatriotas, e camaradas: hei por bem fazer-lhe saber em Nome da Mesma Augusta Senhora, e como seu Lugar-Tenente n'estas Provincias, que todos os que estando nas indicadas circumstancias se me apresentarem, ou a qualquer dos chefes superiores fieis, militares ou civis, dentro do prazo de trinta dias contados d'hoje, serão recebidos como Irmãos, e se lhes garantirão suas patentes legalmente adquiridas, sem d'vida, nem contestação alguma. Oliveira d'Azemeis 22 de Março de 1847. — *Duque de Saldanha.* — Por ordem de Sua Exc.ª a fiz expedir. — O Conselheiro Secretario, *Felicio Leão Cabreira.* — Está conforme, *F. L. Cabreira.*

PARTE NÃO OFFICIAL.

Pudémos alcançar alguns numeros da Estrella e Nacional, e nelles tivemos a satisfação de ver que a junta miguelina do Porto não só tem força para sustentar no Reino os interesses de D. Miguel, mas que até ameaça já a Hespanha, e começa a indicar que o Governo Inglez não é completamente desafecto á causa da junta; mas nesta ultima parte nos parece que a junta se engana redondamente.

É na verdade curioso o ver como o sr. José Passos (o Nacional), e como o sr. A. L. de Sea-

bra (a Estrella) encham a boca falando dos Ingleses, e tratam no estillo o mais indecoroso o Governo de Sua Magestade Catholica.

O sr. José Passos diz no Nacional de 6 de Março: «A Inglaterra poz preceito ao gabinete de Santo Ildefonso». Nós nada diremos sobre o preceito, que o sr. José Passos diz que fôra imposto; isso pertence á Hespanha, e não a Portugal; mas o que se collige do Nacional é que a junta apesar de todas as suas legiões, columnas, e exercitos não regeitaria qualquer favor, que uma Nação Estrangeira lhe quizesse fazer, e que por tanto tem muito menos apoio em Portugal, do que ella pretende ter, e do que lhe é necessario para triumphar das armas da CARTA e RAINHA (!).

Continúa o Nacional «Pois foi pena que cá não viessem os Hespanhoes, para levarem outra ensinadella, como já lhe demos umas poucas...» Nós, que somos Cartistas, tambem apreciamos no seu justo valor os brilhantes feitos d'armas nos reinados dos Senhores D. João I, e D. João IV, e sabemos, que quando uma nação quer restaurar ou sustentar a sua independencia, acha em si grande força e recursos: mas o Nacional e a Estrella, que tantas vezes citam estes periodos gloriosos da nossa historia afim de metter medo á Hespanha, deviam lembrar-se que nem o Portugal de hoje está nas circumstancias desses tempos, nem a Hespanha pretende hoje conquistar a Corôa de Portugal.

Portugal em 1640 sublevou-se contra Fillipe IV, mas seria muito duvidoso o resultado desta guerra, se a Hespanha não tivesse a combater outros inimigos tanto ou mais poderosos que os Portuguezes, e se a França e Inglaterra não auxiliassem, como efficazmente auxiliaram, a nossa Restauração. Isto são factos tão geralmente sabidos, que só a má fé ou a ignorancia do Nacional os podem negar. Se Portugal em 1640 fosse abandonado ás suas proprias forças, e a Hespanha não tivesse a pelear contra outros inimigos, é bem de crer que a nossa sorte seria bem semelhante á dos infelizes Polacos, que nem tinham menos soldados, que os Portuguezes, nem são menos valerosos, que os vencedores das linhas de Elvas e de Montes Claros.

Na guerra sustentada pelo Sr. D. João I contra a Hespanha pertendia esta Nação reduzir-nos a provincia sua, e por tanto era uma guerra de independencia, que hoje não póde ter lugar, e na qual os bons Portuguezes desse tempo praticaram gentilezas nas armas, que são de todos sabidas e conhecidas; mas a Hespanha desse tempo combatia tambem Ingleses, e o Nacional hade recordar-se das pertençaes do Duque de Lencastre.

A Estrella nos numeros de 16 e 17 de Março faz côro com o Nacional, prodigalizando injurias e ameaças contra a Hespanha: isto não admira; mas o que na realidade é para admirar, e até para causar espanto, consiste em que os senhores Passos e Seabra gritem tanto contra intervenção Hespanhola, quando erradamente pertendem, e querem fazer persuadir ao publico, que o Governo Inglez apoia a junta miguelina do Porto. Que a junta quer fazer persuadir aos seus, que os Ingleses protegem a rebellião do Porto, vê-se das seguintes frases. — Nacional de 6 de Março — «A Inglaterra poz preceito ao Gabinete de Santo Ildefonso. — O Gabinete Hespanhol era um mal creado. Teve porém o castigo da sua indiscripção, porque o Ministerio Inglez tomou á sua conta o ensinar-lhe as regras de civilidade». Até aqui é o sr. Passos o que fala: ouçamos a Estrella, que é mais fina em diplomacia, e que escrevia

o seguinte a 17 de Março. «A nós nunca nos deu a cuidado a intervenção Hespanhola. Entretanto «constava-nos, que o Governo Inglez havia tomado energicas providencias para desagravar o «Direito das Gentes» — isto é do sr. Seabra.

Ora este preceito do Nacional, este desagravo da Estrella, se fossem verdadeiros, o que nós não concedemos, não seriam uma intervenção Ingleza habilmente operada em favor da junta miguelina do Porto?

Se é licita e honesta uma intervenção Ingleza, desejada, mas não conseguida, a favor dos miguelistas da junta, será illicita e desairosa para Portugal a interferencia Hespanhola a favor da CARTA, e do Throno Constitucional da Senhora D. MARIA II?

Além disto, para que se magôa tanto o sr. Seabra contra os Hespanhoes? no dia 16 escrevia este nosso Estadista: — «Se o Mariano Barroso (n'outro tempo o Almargem) previsse que a sua reclamação era desatendida tinha entrado pela Hespanha dentro atraz do Conde do Casal, tinha-o «batido em qualquer ponto, e queriamos então «ver o que o Governo Hespanhol faria!»

Com effeito a Estrella faz chorar de gôsto a quem lê tão patrioticos e patheticos discursos: é um louvar a Deos, chove nella como na rua... havia de ter muito que notar a entrada bellicosa do Mariano Barroso pela Hespanha dentro! Todos assim podiamos ser, mas os jornaes da junta todos assim são; e lá clama o Nacional, e diz: «Se os Hespanhoes cá viessem, haviam de ver, «como por cá ainda ha netos da thia Brites, que «armada de pá de ferro, ella só, deu cabo de «sete carágos.»

Talvez que na praça da Ribeira do Porto se não falle com menos conveniencia e decencia a respeito de uma Nação tal como a Hespanhola.

Nós ignoramos se a Hespanha intervirá ou não na luta actual; não estamos a este respeito tão bem informados, como parece estar a junta miguelina; mas o de que ainda nos recordamos perfectamente é do seguinte: — em 1834 entrou em Portugal uma divisão de tropas hespanholas, que muito contribuiu para pôr termo á tyrannia de D. Miguel, o anjo tutelar da junta do Porto: ora querendo esta acclamar rei de Portugal ao homem dos inauferviveis; pondo á frente do seu exercito os officiaes d'Evora Monte; agraciando com titulos de barões, viscondes, e condes aos mais acerrimos sectarios do rei das alçadas, proscricções, cacetadas, e forcas; em fim caminhando a junta a passos largos e rapidos para nova usurpação de D. Miguel, é possível que a Hespanha não fique tranquilla expectadora de taes disposições e tendencias.

É nossa opinião particular, que se não podem taxar de agravo feito ao Direito das Gentes as providencias, que o Governo de uma Nação toma para livrar a sua Patria de males iguaes aos que Portugal experimenta; e por outra parte é notorio, e a mesma Estrella o dá a entender, que a junta-miguelina do Porto tem suas esperanças de promover em Hespanha movimentos analogos aos de Portugal; e nós somos testemunhas oculares de que os agentes da junta não sómente acolliam em Coimbra com muito agrado os emigrados progressistas de Hespanha, mas que até os mettiam como officiaes nos seus batalhões de populares: desejaríamos que a Estrella nos declarasse, se este procedimento é louvavel, se permittido pelo seu tão favorito Direito das Gentes.

Foi encarregado do Governo Civil deste Distri-

cto o Excm.^o Barão da Ponte da Barca, durante o impedimento de S. Exc.^o o Sr. Antonio Emilio Correa de Sá Brandão.

Todos os Conimbricenses tem lamentado a enfermidade do seu benemerito Governador Civil, e todos se congratulam pelas suas melhoras. — Sua Exc.^o acha-se já levantado, e em breve continuará no exercicio do cargo de Governador Civil, o qual entretanto é exercido pelo Excm.^o Governador Militar, crêdor das sympathias geraes pela energia, intelligencia, prudencia, e decisão, que n'elle se encontra.

Chegarão a esta cidade vindos da Figueira ptrechos de guerra, que ahí desembarcaram, e vieram escoltados por um destacamento do Batalhão Nacional de Caçadores de Coimbra.

Partiu ante-hontem para a Figueira a render a guarnição, que ahí se acha, uma companhia deste Batalhão no numero de 60 praças, commandadas pelo Capitão Pimentel, Tenente Novaes, e Alferes Pereira Junior.

Trouxemos este facto para tributar, quanto em nós cabe, a este distincto Batalhão os merecidos louvores pelo bom espirito, com que todas as praças das differentes companhias, presentes á revista, se promptificaram para marchar. Especialmente é digna do maior louvor a companhia do Capitão Pimentel, a qual tendo de dar cinco ou seis homens para esse serviço, todos, sem excepção d'um unico soldado, pediram e instaram para acompanhar o seu Capitão, dizendo que hiriam onde elle os levasse. Não nos surpreheendo este honroso comportamento, não só porque o Capitão Pimentel é geralmente bemquisto por todos os habitantes de Coimbra pela sua honradez e probidade, e por ser militar do cerco do Porto, e decidido amigo da ordem; mas porque conhecemos os sentimentos dos Conimbricenses. Digam o que disserem os miguelistas-junteiros, os habitantes de Coimbra são na sua maioria amigos da ordem, e fieis a seus Soberanos, — apenas uma pequena minoria da classe mais infima da sociedade, que tudo ganha e nada perde nas convulsões politicas, com meia duzia de ambiciosos, que se aproveitam da cegueira dos outros, e que tem seguido a rebellião.

E não pareça isto méro juizo nosso; digam-nos os factos. De quem era composta a guarda nacional Conimbricense? Uns eram Cartistas puros; assim o denunciou o jornal *Povo* desta cidade. Outros eram setembristas honrados, que preferem a CARTA com a RAINHA ás desenvoltas exagerações dos ultra-liberaes, sacrificando suas idéas de maior progresso ás instituições conservadoras da Carta Constitucional; e apenas uma pequena parte se compunha dos ultra-liberaes e entusiastas republicanos, ou de miguelistas. Assim o reconheceo o proprio commandante, quando convidando os seus soldados para acompanhar o *grande exercito*, que devia conquistar Lisboa, e expulsar a RAINHA, *sem dar um tiro*, apenas vio sahir uns cinco á frente! e quando distribuindo-lhes o serviço de escoltar as conductas para Santarém, apenas se achou com os puritanos patulêas! É em fim tão distincto em favor da causa da ordem o bom espirito dos habitantes, que Bernardo de Sá desarmou-os em 1837; e o Antas em 1847! notavel coincidência!

Por outra parte os chamados Batalhões, movel e de atiradores do mondego, formados nesta cidade pelos junteiros, eram compostos de rôtos e descalços, que pela maior parte por ahí vagueavam sem officio nem beneficio, patulêas verdadeiramente taes, que não representam classe algu-

ma, que tenha um pensamento e consciencia propria.

Louvores pois aos habitantes de Coimbra pelos seus sentimentos d'ordem e de paz.

Louvores ao distincto Batalhão de Caçadores Cartistas de Coimbra pelo bom espirito, de que está possuido em favor da mais santa das causas — a sustentação da Carta Constitucional, e de S. M. a RAINHA, e Sua Augusta Dynastia contra perturbensões ou republicanas, ou absolutistas!

Verifica-se o que estes dias se tem por ahí dito. — Os miguelistas atacaram novamente o Castello de Vianna, mas foram como da primeira vez repellidos. A Estrella diz a este respeito o seguinte: — « A's nove horas da noute de 15 chegou a nossa artilheria, e pelas nove da manhã de 16 principiou a bater o Castello. Perderam-se as primeiras duas bombas, mas todas as outras cahiram no Castello.»

A 16 confessa ter effectivamente rompido o fogo; a 17, 18, 19 e seguintes guardou silencio! Este silencio é assás significativo.

Ouçamos agora o *Diario do Governo*: — « Os valentes, que não poderam estorvar a marcha do illustre General Conde do Casal, tentaram apoderar-se de Vianna. Não voltavam lá certamente, se guardassem memoria do que já lhes aconteceu. Entre tanto foram para voltarem tão gloriosos como o ex-Conde de Mello, hoje por mercê da junta do Porto em nome de D. Miguel, *Marquez de Mello*.

Foi fortuna para os bravos rebentar-lhes um obuz: porque já tem côr para a retirada, a fim de que fique desconhecida pela sua gente a causa de contramarcharem. É preciso não a deixar presentir.

Aconselhamos-lhes que se não demorem.»

A's importantissimas noticias do Alemtêjo dadas pelo proprio ex-Conde de Mello no officio apprehendido, e publicado no n.^o 36 do Boletim, acrescentamos as seguintes extractadas do *Diario do Governo*.

« Ainda não consta que os rebeldes do Algarve tenham descido de Mertola. O motivo nada tem de strategico; quizeramos que nos dissessem qual é. Estamos certos que o não farão. Perto de 200 homens fóra das fileiras, em tão curta marcha, é symptoma infallivel de mais alguma cousa que deserção. Não admiraremos algum desenganado ainda mais fatal para os chefes dos violentados algarvios.

O *marquez de Mello* conserva-se em Portalegre; e as nossas forças occupam as posições convenientes.»

« E para tambem dizermos alguma cousa do Sul, noticiaremos algumas das gentilezas dos miguelistas de Portalegre.

Invocaremos em abono o testemunho do povo de Castello de Vide, que horrorizado com a crueldade que destinavam, em uma excursão que alli fizeram no dia 16, a um cidadão respeitavel e respeitado, começou a renuir-se, decidido a embaraçal-a, aterrando os rebeldes de modo que fizeram virtude da necessidade.

Outro tanto não aconteceu em Montalvão, terra menos consideravel — onde morreu ás mãos dos miguelistas o honrado e inermes lavrador João Thomaz Pinto, vingando agora os bons serviços por elle prestados em Marvão em 1834, como Official de Milicias, em prol da RAINHA e da Carta.

Os perversos roubaram ao morto o dinheiro

que lhe acharam em casa, dous cavallos, e sete moios de trigo, entrando em Portalegre triumphantes por terem assassinado o veterano da liberdade, e roubado o cidadão laborioso.

E querem que os não detestem!

Anadia 26 — Esta villa e suas visinhanças continuam em paz e quietação, tendo fugido os seus agitadores, e achando-se os povos em suas pacificas occupações. — Hoje tomou posse de Juiz de Direito desta Comarca o Sr. Candido José de Moraes pela transferencia para Estarreja do Sr. Caldeira. — A' dias levantou para Oliveira d'Aze-meis o destacamento, que aqui se achava. — Tudo quanto os jornaes miguelistas escrevem á cerca da morte do Campos, é falso — falsissimo. — Diz a Estrella que fôra assassinado *atroz e cruel-lissimamente, encontrado sem armas, e sem oppór a mais pequena resistencia*; quando todos sabem que elle era o chefe da guerrilha, que infestava estes sitios, e que morreo no calor da acção, que teve com a força, que veio de Coimbra. — Mentir, como agora mentem os papeis da junta, nunca se vio!

Aveiro 26 — Esta cidade e Districto conservam-se em socego e obediencia á RAINHA. — Foi hontem o primeiro dia da costumada feira annual desta cidade, e que continúa até o fim do mez: a feira dos effeitos de madeira e outros teve já logar: é grande a concorrência de commerciantes, e muito mais, do que se esperava, e pouco inferior á dos ultimos annos; e vieram alguns de Guimarães, muitos do Porto, e d'outros pontos do Reino. =

Os fabricadores de falsas noticias haviam ha dias espalhado que o Excm.^o Marechal Saldanha *tinha sido derrotado no Carvoeiro, se logo acrescentaram que tinham já entrado nesta cidade 33 carros de feridos, que vinham (coitadinhos!) em misero estado (!)*. Naturalmente ninguem calçou a bota, que na verdade era muito *apertada!* mas se houve algum patinho, que cahisse na esparrela, fique desenganado, á vista do seguinte trecho do Nacional de 9 e 11 do corrente, que ninguem (louvado Deos!) ficou ferido; e que a gente de lá ainda perguntou — *quem vem lá* —, mas cá os do Saldanha foram tão *descortezes*, que nem deram cavaco.

Ahi vai o que diz o Nacional: (dito lá a seu modo!) = *O Saldanha chegou ao rio (pêta, — que nem elle lá foi); mas, como se costuma dizer, o diabo não nos sahio tão feio, como nol-o haviam pintado. Se elle trouxe os archotes ou não, é cousa que ignoramos; o que sabemos porém é que mal uma peça, que estava assentada da parte de cá do rio, lhe arremeçou quatro ballas, tudo fugio espavorido. E tão ingratos e descortezes foram, que nem ao menos se dignaram dar-nos uma amostra da sua polvora, correspondendo-nos com algum tiro.*

Ora vejam o medo, que meteo a tal peça das quatro ballas! *Tudo fugio espavorido!*. Certamente era a *Paulo Cordeiro*, ou a *papa malhados!* Não sabemos como gente tão medrosa pôde vencer em Torres Vedras; é porque não estava lá a tal peça!!

O que é verdade é que os *medrosos* foram buscar, aonde ellas cahiram, as ballas da tal peça, que la estam em Oliveira *para se mostrarem como cousa rara!*

Accreçenta o Nacional — *O Conde das Antas tem ás suas ordens um exercito muito mais numeroso do que o do Saldanha, e muito melhor gente; está habilitado para emprehender opera-*

ções grandes e decisivas = Optimo! E com tal exercito numeroso, e muito maior do que o do Saldanha, não persegue quem fugio *espavorido* ao som de quatro ballas sem dar uma amostra da sua polvora!

Confessam, que as valorosas tropas do inclito Marechal Saldanha nem um só tiro lhes fizeram nesse reconhecimento, e não se pejam de apregoar o valor dos *bravos*, que guarneciam o ponto do Carvoeiro!

Os nossos valentes não fazem fogo a quem foge. Todos sabem o alarme, que esse reconhecimento, apenas feito por uma pequena columna da divisão fiel, causou nas *numerosas*, e *agguerridas* tropas miguelistas!

VARIÉDADES.

Pasquim que appareceo pelas esquinas no Porto.

MOTE.

*A gallinha está no choco,
O galo está no poleiro;
Viva o povo Soberano,
Viva D. Miguel primeiro.*

Manoel que sabes de novo
Dessa gente lá do Porto?...
Que sei!.. Que tudo anda torto
E já não se entende o jogo.
Não tem já o pobre povo
Dinheiro muito, nem pouco:
E chega a tal o descôco
Da canalha patulêa,
Que dizem á bôcca cheia
A gallinha está no choco.

Mas isso que quer dizer,
Manoel, não lho perguntaste?
Já que tu por lá andastes
Beu o devias saber...
— Eu não os pude entender,
Mas disse-me um paroleiro
— Olha... o burro anda roncoiro,
Não poudes a Torres chegar,
Fugiu!.. mas sempre a gritar
O galo está no poleiro.

Quem dizem ser tal jumento?...
O Antas sempre cruel:
Tornou-se agora miguel
Sem vergonha, ou fundamento!..
Dizem ser seu vil intento
Acclamar o tal tyranno:
E para mais desengano
Quer que o Rei chegou se cante
Misturando no descante
Viva o povo Soberano.

Quem diabo entenderá
Tanta cousa que se diz!..
Pois miguel tem tal nariz
Que possa encaixar-se cá?!
O Saldanha ensinará
Esse louco aventureiro:
E o Povoas velho agoureiro,
Já caduco fanfarrão
Gritará, mas sempre em vão,
Viva D. Miguel primeiro.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Viuva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

As pessoas, que quizerem subscrever para o *Boletim*, podem dirigir-se ás lojas acima mencionadas, ou ao empregado da Imprensa da Universidade — José da Silva Bandeira — o preço é por mez 300 reis — dous mezes 600 — e por trimestre 900 reis, não se accetando assignaturas senão desde o principio do mez. — A correspondencia, franca de porte, sem o que não é recebida — Os Srs. Subscriptores, que não quizerem soffrer interrupção na remessa das folhas, terão a bondade de renovar, em tempo, as suas assignaturas. Declara-se ter havido, e continuar a haver a maior cautella na remessa de todos os numeros, e por isso nenhuma imputação cabe á Redacção pelos extravios, que alguns Srs. tem accusado; e que nesta data se representou ao Exm.º Governador Civil do Districto pedindo providencias, que a Redacção está certa se tomarão, a fim de serem devidamente entregues as folhas do *Boletim*.

PARTE OFFICIAL.

HABITANTES DO DISTRICTO DE COIMBRA.

Encarregado provisoriamente por S. Ex.º o Sr. Duque de Saldanha, Logar-Tenente de S. M. nas Provincias do Norte, do Governo Civil deste Districto, em quanto dura a sentida enfermidade do digno proprietario deste cargo, é do meu dever assegurar-vos que não pouparei sacrificios nem esforços para garantir-vos a ordem e a paz, de que tanto careceis para reparar os desastres da guerra devastadora, que talla o paiz. Sede tranquilos e obedientes á lei, — que a minha autoridade nem conhece ressentimentos de partidos, nem ha de ser instrumento d'odios mesquinhos. Tendo sómente em vista manter o socego público e o respeito devido ao Throno Constitucional da RAINHA, a Senhora D. MARIA SEGUNDA, será feita a todos os seus Subditos imparcial justiça, com protecção segura ao innocente, e castigo inexoravel ao culpado.

Governo Civil da Coimbra em 30 de Março de 1847.

Barão da Ponte da Barca, Commandante interino da 2.ª Divisão Militar.

PARTE NÃO OFFICIAL.

(COMMUNICADO DE LISBOA.)

Não sabemos qual mais admirar nos jornaes do Porto, se a ineptia e contradicção, — se a abjecção e o cynismo da linguagem, — se a audacia e impudencia dos governantes, e dos seus panegiristas.

Notam-se transcriptos ao mesmo tempo, na mesma pagina, os documentos *officiaes*, em que os rebeldes dizem governar (opprimir) em Nome da RAINHA, e as ameaças contra o Seu throno, e até contra a Sua vida, — os insultos, as falsidades, e as calumnias mais torpes e mais vis, — que só podem caber em taes jornaes, — e que deixam no escuro a decencia das tabernas e da ribeira.

A mentira, arma favorita e *necessaria* da rebellião, nunca todavia foi empregada com tanta audacia, com tanta perversidade, e d'um modo tão repugnante e asqueroso, como nos artigos, que se referem á sabida dos prisioneiros deportados no brigue de guerra *Audaz*.

Mentem a respeito dos sentimentos da capital, que certamente se possuiu de indignação, mas foi por ver um homeni colmado de beneficios da RAINHA morder a mão, que lh'os liberalisára, e dar o exemplo da mais negra ingratição e a prova do mais abjecto character.

Mentem — quando dizem que se tolhêra ás esposas despedir-se de seus maridos que partiam. A capital inteira é testemunha do contrario, e de que não só ás esposas, mas aos parentes e amigos dos prisioneiros foi permittido por muitos dias o írem a bordo do referido brigue.

Mentem — a respeito da esposa do guerrilheiro Fernando de Sousa Botelho, — Senhora aliás digna de melhor sorte.

Mentem . . . mentem . . . mentem infinitamente.

Clemencia! Quem pôde duvidar de que foram tratados com clemencia aquelles em quem eram evidentes os crimes de rebellião armada, de Lesa Magestade, e de lesa Nação: — ignoram acaso qual seria o resultado de um processo?

Justiça! Não devem pedil-a . . . não a peçam . . .

Que importa que esses homens tivessem feito serviços, se os desvirtuaram completamente pelo crime? Ha por ventura serviços, que dêem carta branca para autorisar o prejuizo, a traição, a rebellião, e toda a sorte de crimes? Victimias da sua ambição, das suas paixões odiosas, esses homens levam consigo a lastima, que inspira a naturaes e a estranhos a contradicção do seu procedimento, a vergonha de se haverem associado aos sectarios do proscripção usurpador, e a degeneração do character de Portuguezes; — e deixam em legado aos seus instigadores e cumplices o remorso do crime inutil que commetteram, e do pélagos de desgraças em que submergiram a sua Patria.

A capital presenciou com admiração a generosidade, a magnanimidade, com que foram tratados e condusidos desde Torres Vedras até Belem os prisioneiros; não houve attenção que se lhes não prodigalisasse; não se ommittio meio algum possível de lhes mitigar a deploravel condição; — taes foram as represalias nobres, que se tomaram da prisão do Illustre Duque da Terceira e seus dignos companheiros; — e é de notar que

nesses actos de benevolencia se distinguiram exactamente os dois cavalheiros, contra quem os novos satellites de D. Miguel vomitaram a sua pestilente baba.

O Marquez de Fronteira e seu irmão D. Carlos Mascaranhas têm dado o exemplo da maior generosidade, da maior abnegação, do maior desinteresse, — dignos descendentes de D. João Mascaranhas, têm juntado novos titulos á illustração historica do seu nome, e a raiva imbelles dos seus miseraveis e insignificantes detractores, — a insolencia phrenetica, com que os junteiros e seus sequazes lhes dirigem os mais torpes convícios, são a mais convincente prova da importancia e valor dos serviços relevantes, que nesta época desastrosa têm prestado á RAINHA e ao seu Paiz.

A maneira indigna, com que se falla do benemerito Duque de Saldanha, provoca ainda mais desprezo do que indignação. — Despeitados por não terem conseguido illudir o nobre Marechal, e fazer servir o prestigio do seu nome á obra d'iniquidade começada em Maio, e consumada agora no Porto, julgam, loucos, que os tiros que lhe dirigem podem feril-o; — partem de mui baixo para que possam alcançar tão alto; — são muito obscuros para poderem contrastar a gloria das armas e a illustração das letras.

E ousam fallar em tyrannia aquelles que dominam pelo terror dos cacetes, — aquelles que mandam matar ás varadas não só os soldados, mas os Vereadores de Camaras Municipaes, — aquelles que promettem um tão *benigno e paternal* tratamento aos capitalistas, que se não deixarem roubar, — aquelles que matam á fome os infelizes soldados e Officiaes presos, — que os reduzem á nudez e á miseria, — que os põem á mercê da caridade pública, e que transformam militares briosos e fieis em miseros indigentes, — aquelles que privam os presos de cama, de luz, e de ar, — que obrigam o Illustre Duque da Terceira a jazer como se fôra o ultimo dos malfetores, em uma enxerga miseravel; — que . . . não acabariamos, se houvessemos de referir todos os seus maleficios e desvarios.

Tão habituaes são hoje no Porto as offensas, os insultos e as atrocidades dirigidas contra os presos, que um jornal consigna, como facto notavel não terem sido insultados e offendidos os Officiaes apanhados por traição a bordo do vapor *Porto* —; e por uma ironia amarga e ferina diz que foram condusidos á cadêa com *atenção e delicadeza!* Como se os mariolas, que os prenderam e conduziram, podessem apreciar e praticar accções d'atenção e delicadeza.

A folha, em que escrevemos, e a nossa propria educação não permittem que demos resposta ás ferozes ameaças de sanguinaria sanha, com que terminam alguns artigos. — Paremos por aqui.

Chegou á dias a esta cidade o Sr. Antonio da Costa Dias, Academico do 2.º anno de Mathematica, e ultimamente elevado pela junta a official de linha, com serviço de ajudante no batalhão Accademico, o qual, fiel a seus sentimentos pela CARTA e RAINHA, veio appresentar-se, não obstante a evasão para o sul ser sobremaneira difficil e perigosa. O Sr. Costa Dias pediu para ser mandado para Lisboa, e foi abonado do que necessitava a fim de fazer a jornada. Tem continuado a apresentar-se differentes soldados fugidos das fileiras inimigas.

As ultimas noticias do Porto verificam os apuros, em que se acham os miguelistas-junteiros. Ordens as mais terminantes se tinham expedido para a cobrança dos tributos com gravissimas penas, até de prisão, contra os que recusassem pagal-os; — os donos das Lojas, Armazens, Casas de venda, Hospedarias e Estalagens, assim como os vendalhões, obrigados a munirem-se de licenças, e não o fazendo dentro em quinze dias, sujeitos a excessivas multas e outras penas graves; — a venda de todas as fazendas, que se achassem por despachar na Alfandega, e por arrematação, até ao embolço da totalidade dos direitos, por que seriam obrigados, quando as quizessem despachar, etc. etc. Este decreto soberano tinha produzido a maior agitação na praça do Porto, e parece que os negociantes estrangeiros, apoiados pelos seus respectivos consules, projectam alguma cousa, que muito embarçará os da junta miguelista. Ultimamente para cumulo das violencias, a suspensão á Companhia geral dos vinhos do subsidio de cento e cincoenta contos, com que, por benefica disposição da Lei, deveria comprar-se no presente, assim como nos mais annos, vinte mil pipas de vinho. Este subsidio havia reanimado a Companhia, e as mais lisongueiras esperanças se concebiam do seu total restabelecimento. Os miguelistas incendiaram em 1839 os riquissimos armazens de Villa Nova de Gaya, destruindo assim centenaes de fortunas.

Em 1847 roubam esses armazens, e depois suspendem á Companhia os subsidios, com que se habilitava a comprar essas vinte mil pipas de vinho. A Proclamação abaixo transcripta tinha apparecido nas Provincias do Norte, causando, como era d'esperar, grande agitação nos povos, pelas verdades que annunciava.

HABITANTES DO DOURO.

A nossa total ruina acha-se decretada! . . . A junta rebelde do Porto acaba de consumir seus damnados intentos! . . . No dia quinze de Março suspendeo á Companhia geral os subsidios de cento e cincoenta contos, com que, por benefica disposição da Lei, deveria comprar-nos no presente, assim como nos mais annos, vinte mil pipas de vinho. Que Lei, ou que direito respeitarão taes monstros?!

A nossa provincia, no conceito daquelles bandidos, commetteo um grande attentado! . . . Sua guarnição, e seus Generaes foram os primeiros que resistiram á seducção dos facciosos, e que levantaram o grito da fidelidade. Seus habitantes mostraram-se firmes sustentaculos do Throno Constitucional que elles querem derrubar. Em Val Passos experimentaram pela primeira vez a tempera das armas da lealdade; e em sua vergonhosa fuga, a vinte legoas de distancia, ainda se lhes figurava verem a sombra dos Soldados Transmontanos!

Era preciso castigar essa dedicação, e levar as feridas até o coração! . . . Nossas convicções, á custa de amargas experiencias, ligavam com a existencia da Companhia geral do Alto Douro a nossa prosperidade. Apassar-se de seus haveres, absorver seus recursos, e impossibilitar a de comprar nossos vinhos, era o maior golpe que poderiam descarregar sobre este paiz; elles o descarregaram com mão despiedada!

Até os insignificantes signaes, ou adiantamentos, com que contavamos para costear nossas vinhas, não quizeram deixar sahir de suas garras. O Douro vai entrar na mesma situação de miseria, que por dez annos o vexára!

Habitantes do Douro. . . Se damos tempo a esses bandidos, não ficará em pé fortuna alguma: até nossas adegas serão roubadas, como o hão sido os celceiros da provincia do Minho, para terem com que fazer a guerra, e com que sustentar os informes bandos, que sob a denominação de guerrilhas assollam, roubam, e devastam tudo.

Habitantes do Douro. . . querendo vós, e tomando as armas, os rebeldes hão de ser vencidos. . . A's armas pois! . . . Deva-nos ainda outra vez a patria o aniquilamento dos anarchistas!

Levantem-nos em massa: formemos batalhões. A noticia de que os Transmontanos correm a libertar o Porto affugentará espavoridos esses malvados, que usurparam o nome do povo

para o tyrannizar, e que somente sobre ruínas sabem basear seu throno de maldição.

; Viva a Senhora D. MARIA SEGUNDA! ...
; Viva a CARTA CONSTITUCIONAL! ...
; Sob estas gloriosas invocações triumpharemos: e será pelo nosso valer anniquilada para sempre a mais proterva, e assestadora rebelião! ...

Um Lavrador do Douro.

Nada escapa das garras dos miguelistas junteiros!

No Porto roubam Bancos, e Companhias — em Braga seus sequazes lançam mão dos depositos publicos — e applicam para as despesas da guerra os cofres dos orfãos!! Com que direito são assim extorquidos dinheiros particulares?! Com que autoridade são applicados para as despesas da guerra os patrimonios dos miseros orfãos!?

Aonde commetteram os Cartistas semelhantes extorções? Que Bancos, Depositos, e Cofres de orfãos tem roubado?

A' dias lia-se no Nacional: — « É uma guerra de assolação — fique Portugal reduzido a um montão de ruínas; embora. — A folha official dos rebeldes era assaz expressiva.

Seja Portugal um montão de ruínas, mas governem os Passos, Seabras, Antas, e companhia!!

Eis ahi as partes officiaes desses novos roubos commettidos pelos miguelistas:

Repartição dos Negocios da Fazenda.

A Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino, ha por bem em nome da Nação e da Rainha approvar as medidas do governador civil de Braga, constantes das portarias de quatro do corrente annexas ao presente decreto. O encarregado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio da Junta Provisoria no Porto, 9 de Março de 1847. — Conde das Antas, Presidente — Jose da Silva Passos, Vice-Presidente — Justino Ferreira Pinto Basto — Francisco de Paula Lobo d'Avila — Antonio Luiz de Seabra — Sebastião d'Almeida e Brito.

Cópia. — Sendo necessario providenciar a segurança dos cofres publicos do districto administrativo de Braga, etc., — determino o seguinte: — Todos os depositos publicos, de qualquer natureza que sejam, passarão no prazo de oito dias para o cofre central do districto, pena de serem os depositarios presos e executados pela importancia dos depositos. Dar-se-ha a cada um depositario um titulo em que se declare especialmente a importancia do deposito transferido, gualidade de moeda e procedencia dos depositos. Estes titulos serão assignados pelo thesoureiro pagador, e rubricados no governo civil, e depois escripturados nos respectivos livros dos depositos. E para que o referido conste se passou o presente que será affixado na sede de todos os julgados. Governo civil de Braga 4 de Março de 1847. — O governador civil, *Tristão d'Abreu e Albuquerque*.

Cópia. — Attendendo as circumstancias extraordinarias em que se acha o paiz, e podendo acontecer serem interceptadas as communicações com a cidade do Porto e ficarem as forças que se acham neste districto privadas dos recursos pecuniarios que vem daquelle cidade; determino o seguinte: No caso de absoluta necessidade poderá ser applicada para as despesas da guerra a importancia dos depositos publicos, que nesta data se mandaram transferir para o cofre central do districto, serão passados titulos das importancias applicadas, que serão registados nos respectivos livros, e guardados no cofre aonde representarão como dinheiro. As importancias pertencentes ao cofre dos orphãos, que forem applicadas para as despesas da guerra, venderão o juro de cinco por cento ao anno, e se abrirá uma escripturação em livro separado, de todas as quantias que sahirem, a qual será assignada pela governador civil, thesoureiro pagador e curador dos orphãos. Governo civil de Braga 4 de Março de 1847. — O governador civil, *Tristão d'Abreu e Albuquerque*.

Desembarcou em Setubal no dia 25 uma columna

de linha de todas as armas, em força de 700 homens, ás ordens do Coronel Bernardo d'Abreu, que vai manobrar no Alentejo, como convenha. Haviam-se apresentado nessa Villa nesse mesmo dia 24 praças fugidas de Mertolla aos rebeldes do Algarve. Sabemos que a capital continuam a chegar muitos individuos daquelle Provincia a fim de engrossar as fileiras da RAINHA e CARTA.

Cartas de Viseu, Guarda, Covilhã, Celorico, Cêa, etc., continuão dando esses sitios em socego e inteiramente desafrentados das violencias, que todos os dias praticavam, para se sustentarem, os guerrilhas d'Olleiros e Osorio; os quaes tendo voltado á Covilhã, ahi lançaram uma contribuição de cinco mil cruzados, a qual não tiveram tempo para cobrar, porque o proprio povo levantando-se contra elles, os obrigou a fugir para o Fundão, aonde se achavam ás ultimas noticias. Esta guerrilha assim acoçada pelo povo tem diminuido muito com continuadas deserções que sofre. É a esta pouca gente, que os jornaes do Porto não se pejam de chamar *uma forte divisão sobre Castello Branco*;

Lê-se no Diario — « D. Manuel de la Concha dizem, que vem tomar o commando do exercito Hespanhol, que se acha na fronteira de Portugal.»

A *Estrella* recommenda no n.º 64 a parte do Tenente do batalhão nacional da Barca, o *cavalleiro Aranha* (como ella lhe chama), improvisado Escrivão de Direito da Comarca dos Arcos. Satisfazemos aos seus desejos, publicando os §§. mais salientes, e mais recommendados desta parte, e sem commentarios, porque delles não necessita! Gloria ao *cavalleiro Aranha* pela sua *brilhante, conscienciosa e veridica* parte. — Eil-a ahi — « Em virtude do officio de V. S.º de 10 do corrente, em que me exige, que informe circumstanciadamente acerca dos roubos, violencias e malversações commettidas pelas forças do ex-Barão do Casal Na sua marcha, ou para melhor dizer, precipitada fuga (!), commetteram violencias, roubos e extorções, que parecem inacreditaveis, mas infelizmente veridicas, e eu me responsabilizo pela veracidade das que passo a narrar (viva a responsabilidade do *cavalleiro Aranha*!) Não só os soldados e as ~~500~~ e tantas mulheres, que os acompanhavam, mas tambem os officies roubavam (!). — Alem d'outras muitas mulheres, que pertenderam forçar, foram a de A. T. do logar da Igreja desta freguezia, que para escapar á sua brutalidade teve de lançar-se d'um pátio abaixo, bradando á voz d'ElRei; — M. mulher de J. S., e NA MESMA PRESENÇA DO MARIDO (!); — C., mulher de F. A. da C., a qual tem mais de 50 ANNOS de idade; — R. viuva do C. maior de 70 ANNOS (nem as velhas lhes escaparam!!!); — A. P. viuva de 50 E TANTOS ANNOS; — A. A. de 15 ANNOS, que para salvar a sua honra e vergindade da furia de tres libidinosos soldados, foi preciso toda a força de tres thios e d'um sargento, que estava aboletado em sua casa; — A. C., solteira, de 50 ANNOS, etc.

(*Estrella* n.º 63 pag. 231).

Nossos leitores estarão certos do importantissimo officio do ex-Conde de Mello para o ex-Conde das Antas, escripto de Portalegre a dous de Março, e publicado no n.º 36 do Boletim; ouçam agora o que dizem os *mui veridicos e conscienciosos papeis miguelistas*.

Lê-se no *Espectro* de 3, e na *Estrella* de 13 o seguinte —

« Por pessoas chegadas hoje do Alentejo cons

« ta, que o Conde de Mello no dia 27 atacára
 « de novo Estremoz, aonde entrára depois de
 « tres horas de fogo, aprisionando o ex-Barão de
 « Estremoz, e toda a guarnição (!). — Consta que
 « Schwalbak fugira para o Coruche, donde offi-
 « ciára ao Governo, dizendo que depois do ulti-
 « mo desastre (!) não tivera remedio senão retirar,
 « e que se o Governo lhe não mandasse soccorros
 « de gente e dinheiro, viria até Lisboa, por que
 « lhe vai desertando a gente (!). — Eis aqui no que
 « deram as bravatas dos latro-facciosos. — Humi-
 « lhado o fraco Barão de Estremoz, talvez esteja
 « de rojo aos pés do Conde de Mello, se não mor-
 « resse de susto com algum desmaio (!!!). »

Diz o Nacional de 15:

« As forças do Conde de Mello *entraram em*
 « *Setubal, e fizeram prisioneiros* 200 homens do
 « batalhão da Carta, que guarneciam aquella
 « Villa (!!!). »

Leram...? Admirem a *verdade*, com que
 os taes papeis fallam!

Diz mais o Nacional:

« Quando o Saldanha entrou em Coimbra, os
 lentes da Universidade retiraram-se quasi todos.
 Depois o *Boletim daquela cidade*, dando noti-
 cia da entrada das tropas *Cabralistas*, disse que
 o Saldanha sentira não encontrar aquelles lentes,
 e que se admirára que elles fugissem; e que fol-
 garia de os ver regressar a suas casas, que lhes
 não faria mal, porque a sua missão não era fazer
 mal. Nós logo dissemos que ninguem se fiasse
 n'aquelle hypocrita, que o que elle queria era
 ver, se algum se deixava cahir no laço. Nosso
 dito, nosso feito. Quatro lentes, que poude pi-
 lhar, mandou-os prender; enviou-os para o Li-
 moeiro, e demittio-os das suas cadeiras. Ora fiem-
 se no traidor. »

Com effeito tem o Nacional um dom de men-
 tir, como ninguem. — Mente em dizer que os
 Lentes fugiram quasi todos, quando o Exm.^o Du-
 que de Saldanha entrou nesta cidade. Todos vi-
 ram os muitos, que incorporados na Deputação
 da Universidade foram comprimentar S. Exc.^o na
 sua entrada em Coimbra. Esses mesmos 4, que
 as Auctoridades á pouco entenderam dever pôr
 em custodia até o fim da luta, cá estiveram
 sempre. Sabemos que o Illustre Marechal ficára
 sobremaneira satisfeito por encontrar nesta cida-
 de a maioria dos Lentes, fazendo justiça aos
 bons sentimentos, que os animão, e reconhe-
 cendo que apenas um limitadissimo numero
 tomou parte na revolução. Mente em dizer
 que o *Boletim dicera*, que o Nobre Duque *sen-
 tira não os achar cá*, etc. Empramos o Nacio-
 nal para que nos diga o numero do Boletim, em
 que leo taes expreções.

Recebemos algumas Estrellas do Norte: as
 quaes vem tão pouco *brilhantes*, que nem ao me-
 nos trazem mentiras graúdas, que sirvam para o
 comboio.

Occupam-se principalmente em descompôr
 alta e poderosamente o Conde do Casal, e em ge-
 ral todas as tropas fieis. Até aqui foi moda dizer
 que a RAINHA estava coacta. Agora porém o
 grande tom é dizer que as tropas da RAINHA *rou-
 bam, matam, esfolam vivo, arrancam orelhas*
com brincos, desfloram, violentam, etc. etc. etc.
 Mas o maior cavallo de batalha é o *assassinato*,
 como elles lhe chamam, de *cidadãos inermes* em
 Constantim, Braga, Agrella, e Villa Nova de Mon-
 sarros.

Com tudo mentem nisto, como mentiram em
 dizer que a RAINHA estava coacta.

O Veiga de Constantim não estava a *almoçar*,
 como dizem os jornaes miguelistas-junteiros; mor-

reo com mais alguns de seus companheiros no
 ataque, que fizeram a Villa Real em Outubro.
 Quem os mandou lá metter?

O Padre da Agrella era o commandante da
 guerrilha, que atacou nessa povoação um desta-
 camento do Conde do Casal; elle e mais alguns
 guerrilheiros morreram, não *descançados em*
suas casas, mas combatendo em campo. Quere-
 riam os miguelistas-junteiros, que os soldados
 respeitassem o *character sacerdotal* do comman-
 dante da guerrilha? As ballas não levam subscri-
 pto.

Em Braga foi, na verdade, grande a mortandade;
 não honve porém uma unica morte fóra do com-
 bate. O proprio guerrilheiro, que na trincheira
 da rua dos Palames apontou a bôca da espingarda
 ao peito do Conde do Casal, e que por milagre o
 não atravessou, roçando-lhe a balla pelos botões
 da farda, — teria sido salvo, se se deixasse aprisionar.
 Quereriam os miguelistas-junteiros que
 os soldados do Conde do Casal se deixassem as-
 sassinados pelos guerrilheiros de Mac-Donald? . . .
 O que é na verdade muito curioso a este respei-
 to, é que os jornaes junteiros d'aquella epocha,
 amaldiçoando o Conde do Casal por estar (diziam
 elles) *de mãos dadas* com os miguelistas de Mac-
 Donald, gritavam — aqui d'El-Rei contra o Conde
 do Casal, porque não os vai atacar. — Vai este at-
 taca-los, — aqui d'El-Rei contra o Conde do Ca-
 sal, porque desbaratou os miguelistas. Tiveram
 compaixão dos miguelistas mortos na acção de
 Braga, e chamaram *assassino* o Conde do Casal,
 porque os atacára; mas não lamentaram a perda
 dos soldados liberaes, nem chamaram assassinos
 os guerrilheiros, que os mataram. Quem os não
 conhecer, que os compre!

Quanto porém a Villa Nova de Monsarros . . .
 isso é caçar com nosco. Todos sabem, — porque
 a ninguem se fez misterio disto —, que entre as
 importantes correspondencias apprehendidas por
 occasião da derrota da guerrilha da Anadia, — se
 encontrára uma carta d'algum desta cidade para
 o Campos, avisando-o de que hia a marchar para
 o exercito uma conducção de dinheiro e polvora.
 Para surprehender a se achava o Campos, não a
 jogar, como dizem os periodicos do Porto, mas
 d'embuscada com a sua gente em Villa Nova de
 Monsarros; onde foi atacado pelo bravo capitão
 Guedes. Ninguem nesta cidade ignora que não só
 o Campos, mas toda a sua guerrilha se defen-
 deram, sendo mortos no calor do combate o
 commandante com mais 10, e fugindo muitos fe-
 ridos; dos quaes uns tem vindo para o hospital
 desta Cidade, e outros tem sido posteriormente
 presos, sem com tudo se matarem nem uns, nem
 outros.

Dizer pois, que tem sido *assassinadas* pelas
 tropas fieis *victimas inermes*, é mentir, quero
 porque quero. O que póde ser é que nestes en-
 contros alguma bala perdida tenha ferido algum,
 que não andasse na luta. Em Maio ultimo no tiro-
 teio com a guerrilha de Poiães junto desta cida-
 de uma bala, entrando por uma janella, atravessou
 a cabeça a uma respeitavel Senhora. Taes des-
 graças são faceis de acontecer.

Deixem-se os periodicos junteiros desse ram-
 ram de todos os dias, que já ninguem cre; e
 não ousem attribuir ás tropas fieis as maldades,
 que os seus bandos tem commettido: pois que
 no Castello de Torres Vedras, em Pombal, em
 Santarem, em Taboço, no Porto, na Regua,
 e em Montalvão ainda as pedras gotejam sangue
 das victimas inermes, que debaixo do gume ou
 das varadas ahi foram sacrificadas á raiva dos mi-
 guelistas junteiros.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Viuva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Os jornaes do Porto injuriando de continuo a Hespanha, empregando a phrase *tarimbal*, que se usa na praça da Ribeira, retratam fielmente — *d'après nature* — a facção, que representam; cumprem com o seu dever: mas revelam ao mesmo tempo a educação, o poder intellectual de seus desprezíveis escriptores.

A batalha que hoje se pelega neste desgraçado paiz é commum ás duas nações vizinhas e alliadas: qualquer esforço que a Hespanha faça pela victoria dos principios conservadores sem offensa manifesta do direito publico Europeu, é justo, é necessario, é conforme ao instincto da sua propria conservação.

Ainda mais: a lucta portugueza tem um alcance maior, extensão mais vasta que as vistas que offerece á primeira intuição, do que o theatro, em que é representada. Pode sem escrupulo appellidar-se a lucta dos principios velhos e novos; a reacção do seculo presente amostrado pela experiencia dos factos contra as idéas exageradas de 1790, os delirios ante-sociaes dos encyclopedistas do seculo passado.

Pois quem ha que ignore as mutuas e incessantes combinações dos clubs de Portugal e de Hespanha? as entrevistas repetidas de agentes de um e outro lado em Cadix, em Madrid, e na Galliza desde 1835? e não pensem que se ignoram as bazes do tratado de alliança feita pelos demagogos de ambos os paizes para a subversão de dois thronos antigos e respeitadas: alguém menos cauteloso ha pouco o denunciou no congresso de Hespanha. Foi na Italia que tiveram logar as conferencias principaes dos revolucionarios de ambos os paizes: duas personagens ambiciosas e despeitadas tiveram parte e influencia decisiva nessas conferencias. Mas todas estas empresas desorganizadoras são um reflexo do plano da *propaganda*; da criminosa associação, que pretende *remoçar a Europa*; que quer extremar, e excitar a raça Greco-Esclavonia, e fundar com ella um novo Estado á custa da Allemanha *envelhecida*! As recentes sublevações da Hungria, da Gallitzia, e da Polonia ali estão attestando as damnadas intenções dos que querem ver o triumpho de seus erros sobre um montão de ruínas do mundo civilizado! Seguem o seu fado; são incorrigiveis; têm que obedecer a um phantasma, que os domina!

Stat magni nominis umbra!

E a um montão de ruínas, diz a famosa junta do Porto, composta dos entes mais obscuros da familia portugueza, que embora se reduza todo o Portugal, com tanto que triumphem suas idéas!

Assim vai cumprindo a sua missão: e não sabemos o que mais se admire, se os seus escriptos, se os seus actos immoraes, celebre por um e outro lado, della poderíamos dizer

Quae mundum scriptis docuit, virtutibus ornat.

Em verdade ha coisas intoleraveis, insubsistentes, impossiveis: porque repugnam ao senso

commum, e só no ridiculo tem o seu logar: pois vio-se jámais um farsola Passos, um visionario Seabra a fazerem Condes, Marquezes, Duques; e os papalvos a aceitarem essas ironias?!

Mas deixemol-os entregues a seus proprios devaneios. Miseraveis! não sabem a época em que vivem, nem respiram o ar do seu seculo.

Na grande lucta Europeá, cuja se representa a primeira scena no infeliz Portugal, ha uma Potencia contra quem se dirigem as vistas continentaes. É preciso ser myope, não ver em politica um palmo adiante dos olhos para se ignorar que de ha muito se prepara clandestina, e como que instinctiva uma liga continental contra a prepotencia maritima, o vasto poder colonial de Inglaterra. Pois o que significa a grande liga Commercial do *Zolwereign*? o que exprimem essas dissidencias coloniaes; a sublevação que se prepara actualmente na Irlanda, e na Escossia? Não mede a Inglaterra o alcance, as consequencias do espectáculo que está dando ao mundo na politica tortuosa e vacillante, empregada no momento mais solemne para com o unico Alliado fiel, que conta na Europa? O fino tacto de Chatam, Pitt, e Canning, não teria já desenvolvido uma politica franca, energica e respeitavel, que, inspirando segura confiança ao mundo civilizado, desse abonação segura ao seu futuro todo problematico? O multiplo na unidade tem feito a força de Inglaterra; mas repare que tambem faz o seu maior embaraço: e no caso de um rompimento a posição geographica de Portugal não lhe pôde ser indifferente

Deixemos por ora em germen uma idéa, que o tempo ha de desenvolver. Contemplemos por agora a monstruosa liga (e chamou-se monstruosa a de North e Fox!) dos nossos illuminados com o *caput mortuum* do despotismo: e diga-nos alguém o que querem esses junteiros; o que esperam; em que seculo vivem; que reforma projectam com esses elementos contraditorios; a que os conduz o ascendente concedido aos sectarios de d. miguel. Será por esses meios, com instrumentos taes que elles esperam assentar-se sobre as ruínas da Patria, contemplando-as como as ruínas de Palmira? Pobres sophistas!!

Acabamos de ler com pasmo e horror um estirado artigo do Nacional de 26 do passado, no qual o jornal democrata, depois de vomitar as mais sédicas e insulsas calumnias contra a RAINHA, EL-REI, Marechal Saldanha, e todos os amigos da ordem, ousa por um requinte d'impudencia, superior a toda a expectação, figurar um colloquio entre Ximenes e os Ministros da Corôa em Lisboa, no qual a phrase e pensamentos de uma e outra parte são os mesmos, qua taes, do proprio Nacional em seus maiores accessos de desvario, servindo-se o jornalista da occasião para ostentar, pelo orgão daquelles altos funcionarios

do estado, as imaginadas cruzas do Marechal, e as espantosas grandezas e glorias civicas e militares da junta! Conclue: « a nós não nos importam estas miserias senão pelo interesse historico: a questão ha de ser decidida no juizo das armas. . . . O nosso exercito está organizado, « não pede aos nossos generaes senão que o « levem ao combate. A nação quer descanso, « leis e liberdade; mas para isso é preciso *esmagar por uma vez a infame camarilha!*

Que bulicio é este? que nova azafama em inculcar o juizo das armas, unico que ha de pôr termo á guerra, esmagando por uma vez os contrarios? que requinte neste encarecimento das immensas forças, que abafam por falta d'espaco na cidade do Porto, exagerações attribuidas, como causa até ao Governo de Lisboa manifesta, aos proprios ministros da corôa?

Quereis prescrutar a razão? . . . quereis sondar um pouco deste fundo, em que a vista se perde por falta de luz, que o segredo dos gabinetes esconde? Lêde o mesmo *Nacional*, e no proprio artigo:

« *A Rainha Victoria, o principe Alberto, o pai do Rei, e o Rei da Belgica, escreveram a SS. MM. pedindo-lhes que se reconcilhassem com a nação (!), que terminassem esta guerra impia (!), e restaurassem o systema constitucional (!).* » [Claro é que SS. MM. não fizeram a honra d'enviar cópia das cartas ao *nacional*; e que o jornalista attribue áquellas Augustas Personagens o que elle queria que ellas escrevessem].

« *Algumas cartas asseveram (aqui omittimos os insultos e zombarias que vem em cada linha) que o Rei fizera ponderações sensatas á Rainha. Parece porem que a Rainha não quiz ouvir os conselhos de seu marido, o que aiuda mais nos custa a acreditar.* (E tem s. mercê muita razão, porque a melhor das mãis e das esposas, conforme reconhece o proprio *espectro*, não pôde deixar de ouvir e attender os conselhos de marido).

« *Em consequencia . . . dizia-se que o coronel Wilde, e o Conde Mansdorf retiravam para Inglaterra, fazendo alguns esforços para levar consigo o infame valido Dietz.*

« Em Lisboa alguns homens, que tinham que perder, pertencentes ao partido dominante, . . . tinham tratado de mover a côrte a adoptar um systema de conciliação », etc.

Reflectindo sobre estas expressões do *Nacional*, parece nos pressentir que aquelles, cujo orgão é, e que na junta do Porto e seus sectarios têm sempre representado o partido ultra e fanatico nas concepções republicanas, e conjunctamente na restauração miguelista-democratica, como meio para seus fins, temem muito algum proximo remate diplomatico desta lueta fratercida, que elles tanto tem a peito perpetuar.

Como nós não temos nem pacto com [o demonio para advinhar os segredos de gabinete, nem e muito menos o desvergonhamento necessario para fazer expressar pela bócca ou dos principes, ou dos ministros, nossos proprios assertos e imaginações; ficaremos por aqui, limitando-nos a dizer, que vista a summa generosidade e humanidade, com que o governo de S. M. se tem havido para com todos quantos dos illudidos de um e outro bando colligado têm vindo apresentar-se; e até mesmo para com os prisioneiros, militares e paizanos, sujeitos ás mais severas disposições dos antiquissimos, e vigentes em todo o mundo culto, artigos de guerra; — nada nos maravilhará qualquer novo acto da sua inexgotavel clemencia, tendente a pôr um termo a esta guerra. Claro é porem que um perdão, uma conciliação, um aca-

bamento amigavel não é possivel senão entre aquelles, que se achem dispostos a despir todos os odios e rivalidades de partido, e a unir se, como bons irmãos, e subditos fieis, na grande familia portugueza, sob o legitimo regimen da RAINHA Constitucional.

Tudo quanto não for isto, será uma pura decepção; será abafar o incendio em vez de o extinguir; — mal cubrir por breve tempo a cratera do vulcão, prestes a rebentar. Nós não queremos, como o *Nacional*, *esmagar* alguém; queremos sim *descanso, paz e liberdade*, o que não é possivel com *anarchia*, e com *pastelarias*: queremos *ordem*, que não se obtem sem vigor e energia; queremos *ordem*, sem a qual não ha liberdade.

As noticias da Capital chegam até 31. — As Cartas fechadas á partida do correio dão a entrada d'um dos Vapores fretados na Inglaterra para o serviço da nossa Esquadra, e accrescentam, que nesse dia, ou no immediato devia entrar o outro.

Por Portaria de 24 de Março publicada no *Diario do Governo* n.º 77 foram mandados reorganizar promptamente o Batalhão de Caçadores n.º 5, e os Regimentos de Infantaria n.º 2 e 6, os dous primeiros destes Corpos com as recrutas, que em grande numero, e adiantamento de instrucção existem já no Deposito Geral; e o ultimo com as praças, que actualmente compõem o Batalhão Provisorio de Infantaria. — Sabemos ser assás crescido o numero de recrutas, que existem no Deposito Geral, e estarem chegando todos os dias novas levas vindas da Estremadura e Alem-téjo.

Nesta cidade tem entrado bastantes recrutas, as quaes vem engrossar o já avultado numero das que aqui existem. Hontem chegou uma leva de 60 escoltada por praças do Batalhão Nacional de Agueda.

No dia 31, e abordo do Vapor Inglez Madrid, entrou a barra de Lisboa S. A. R. a Infanta D. Anna de Jesus Maria.

As cartas da Guarda dão a Cidade e o Districto em socego, e obediencia á RAINHA: as ultimas de Castello Branco certificam acharem-se ahi funcionando as Auctoridades Legitimas, restabelecido assim o dominio da ordem momentaneamente perturbado pela occupação da guerrilha Osorio—Olleiros, a qual depois de obrigar os povos a pagamentos forçados dos tributos, e outras enormes contribuições, e praticar excessos proprios unicamente de foragidos, se tinha recolhido aos escondrijos da Serra, soffrendo muitas deserções, e não ousando esperar a aproximação da columna pela maior parte composta de populares, que ha dias annunciámos ter sahido de Viseu.

Em Leiria estava organizado um Batalhão Nacional — o mesmo se sabia de muitas outras terras principaes do Reino.

Porto 23. — Sobre Vianna estam caçadores 2, Legião do Minho, artilheria, e populares. Antehontem sahio para lá o batalhão de Aveiro com 120 homens, e hoje o chamado 6 com 160. Do castello estiveram muito tempo sem fazer fogo, mas, logo que os sitiante se aproximaram, rompeu elle por todos os lados, causando grandes estragos nestes: a 1.ª granada matou quatro soldados, um bagageiro, e uma parelha d'artilheria; e outras tem feito outros estragos, entre elles 13 soldados, e alguns officiaes; o que causou grande terror, e os miguelistas reclamaram novas forças.

Os do castello intimaram os sitiante para que

se retirassem, aliás fariam fogo por necessidade sobre a Villa. — A Camara Municipal reuniu-se, e fez uma representação á junta do Porto, pedindo que mandasse retirar os sitiantes, porque sendo estes insufficientes para tomar o castello da Villa, que além de muito forte se achava bem guarnecido, a insistencia trazia consigo a ruina da mais bella Villa do Minho, e porque, ainda quando depois podesse cahir o castello, essa vantagem não compensava aos olhos da boa razão a perda e destruição de Vianna. A junta desatendeu a representação da Camara; e mandou mais força, respondendo que, embora ficasse Vianna reduzida a um montão de ruínas, fosse o castello obrigado a render-se! . . . Nem outra podia ser a resposta do Antas, que só assim se vingaria do insulto, que soffreu no dia 16 de Fevereiro, sendo repellido pelos 200 briosos Portuguezes, que desprezando offertas e ameaças defenderam com firmeza sem igual o castello, que lhes fôra confiado. Esta reposta produziu grande sensação na Villa; e por isso grande parte dos seus habitantes abertamente auxiliam os aguerridos defensores do castello achando se em communicação com elles. O Nacional diz na sua folha de hoje — *A guarnição do castello de Vianna está pertinaz em não se render — continua a ser varejado por bombas, e granadas, e para decidir isto mais de pressa começou ante-hontem (21) a praticar-se uma mina, a qual penetrará até debaixo do castello, e depois de feita e enchida de barris de polvora e granadas lançará-se-lhe o fogo para fazer voar pelos ares o castello, e as pessoas, que lá estiverem dentro.* — Aconselha depois aos defensores do castello, que se rendam; mas em conselhos ficará, porque elles zombarão dessa mina, como zombaram dos Antas e Almargens. O capitão Sobral, que lá se acha commandando, não defende só a RAINHA, defende-se tambem a si, porque, se for prezo, é arcabuzado por ter fugido desta cidade para o Casal com 165 artilheiros.

Nova e grande promoção de officiaes miguelistas teve ha dias lugar; o que escandalizou muito a cidade, que se vio por elles por dous annos bombeada, e tolos os dias ameaçada d'um saque geral. — Esta promoção, e o systema barbaro e cruel de varadas, dadas sem motivo plausivel e sem forma de processo, tem desgostado geralmente mesmo alguns da situação, exarcebando a aliciação e a deserção em vez de diminuil-a. A junta domina esta cidade pelo terror; só assim pôde evitar uma expulsão. Não se encontra pelas ruas um unico capitalista; um unico proprietario, ou commerciante de nome: todos ou estão prezos, ou fugidos, ou escondidos, ou evitam, quanto podem, sahir de casa, á não ser por ultima urgencia. Na praça mesmo pouca gente aparece além de algum negociante estrangeiro. As transacções são nenhuma. Os Inglezes recusão obedecer ao decreto da junta, que mandou pagar já todos os direitos das fazendas da Alfandega, estribados no privilegio, que lhes concede um anno, e apoz este lhes impõe apenas um pequeno direito de armazenagem, em quanto não verificam a exportação ou entrada. Tiraram o subsidio de 150 contos á Companhia dos Vinhos, que o recebia diariamente pela Alfandega, o que tem causado grande agitação nesta cidade, e produzirá ainda maior no Douro, aonde já não fez pouco o embargo das mil pipas.

Obrigam a pagar todas as decimas, e mais impostos lançados ao Povo, no prazo de 15 dias, ficando os contraventores sujeitos a multas, prisão, e além disso a 10 por cento addicionaes em

moeda sonante — são as proprias palavras do decreto da junta — para as despezas da guerra. Eis ali mais um tributo lançado pelos homens, que se apregoavam os inimigos dos tributos! Nesses pagamentos, ou sejam das importancias dos tributos, ou dos 10 por cento addicionaes, não se admittem *senão moeda sonante*, em quanto que os pagamentos feitos pelos junteiros são em notas — papel!

As notas carimbadas pela junta soffrem um enorme desconto, em quanto que as ontras não carimbadas são muito mais procuradas, e com menos desconto, principalmente depois que de Lisboa se concedeu o *Séllo* a Vianna. Nos abolementos continua a haver grandes violencias; parece, que esta gente se quer vingar da resistencia, que o Porto oppoz aos miguelistas! Mandam ás duzias guerrilheiros, dos mais mal educados, para casas de Senhoras solteiras e sós, o que sempre se respeitou ainda no tempo do cerco; isto obrigou algumas familias a abandonar as suas casas e a cidade.

Ha casas que tem tido mais de 40 aboletados; ao Barão do Seixo deitaram 30 d'uma só vez, e pouco depois o intimaram que despejasse metade da casa em 24 horas, sob pena de lhe arrombarem as portas a machado, para fazrem d'ella hospital de mulheres siphiliticas, de que ha uma praga nos quarteis; e com effeito no outro dia apareceram armados de machados, mas já acharam a bandeira Ingleza a tremular na casa; e depois de vomitarem algumas ameaças, lá se contiveram, receando entrar em uma casa defendida pelos Inglezes. Esta bandeira tem valido a muitos proprietarios. Depois quizeram mudar o hospital para a casa nova do Banco Commercial do Porto; e se para lá não mudassem tão de pressa os escriptorios do estabelecimento, o teriam já feito. Fizeram tambem despejar em 24 horas a magnifica mobilia da viuva do Ferreirinha da casa bem conhecida da viuva Mello nas Hortas, e estabeleceram ali a secretaria do Antas. Os Accademicos dos *morras á RAINHA e ao Antas*, quizeram ir lançar fogo á casa do Consul Hespanhol, e assassinal-o, sem duvida excitados pelos papeis publicos, que o tem insultado: estavam já em caminho, mas alguns da junta sendo avisados correram a impedil-os, por verem nesse plano um grande mal para os seus interesses, porque iria irritar uma Nação, de quem elles tem muito medo; e poderam a muito custo soccegal-os. A junta assumio a si o poder, que até agora competia unicamente aos Soberanos, concedendo a torto e a direito titulos, e d'uma só fornada expedio 40!! Nestes mesmos foram agraciados alguns, que desertaram das bandeiras da Carta unicamente porque os nossos não lhes deram esses titulos! Optima razão! A junta porém tem soffrido alguns desgostos nessas mesmas *gracas reaes*; o Visconde de Bertandos recusou o diploma de Conde, e dizem que elle está em opposição com a junta. José Passos anda pelas ruas com boné de oleado; e assim foi ultimamente ao Banco exigir o resto dos 200 contos, mas voltou bramindo de raiva, porque alli já não encontrou um real; ameaçou mandar *varar* (castigo da moda) os directores, mas estes passaram para bordo dos vasos Hespanhoes, o que ainda mais o irritou: neste dia parecia um possesso! — As companhias francas, como a de Aveiro, Vista Alegre, Seresinos, etc., tem arrasado os povos visinhos a esta cidade, como Santo Thirso, Maia, Villa do Conde, etc., porque a titulo de recrutamento prendem quem encontram, e tornam a soltar mediante una moeda, ou meia, e ás vezes um pinto.

Em Villa do Conde indo um contratador de Penafiel, que alli estava, queixar-se a um capitão d'um desses corpos, de que um soldado lhe exigia uma moeda para o soltar, o capitão exigio-lhe duas e deu-lhe a liberdade!! O celebre Justiniano, o *Galamba do Norte*, como lhe chamam os jornaes daqui, e tão fallado pelos seus ataques a Lanego, é um, que já foi perseguido por ladrão por ter introduzido agua, e subtrahido a aguardente, em umas pipas, que vinham pelo rio abaixo, e por outras façanhas da mesma natureza. Nesta cidade entre outras pessoas de Coimbra, que figuram nos batalhões, ou nas escadas das secretarias da junta, estão o Dr. Antonino, recentemente chegado: o Dr. que escreve para um dos periodicos, e ao qual se atribuem os artigos mais furibundos do Nacional, e as invectivas contra o Antonio Emilio á cerca das sonhadas *perseguições e sequestros*, que se fazem nessa cidade; além destes o S. . . M. . . , etc., etc. (Muito de proposito omittimos estes nomes); e J. de Lemos, que depois de ter andado ás ordens do Candido, logar-tenente de D. Miguel, e presidente da junta *puritana miguelista*, não sendo accete pelos do Porto com a gratificação, que exigia, embarcou no ultimo paquete com despachos do Candido para D. Miguel. O Milhundes tambem estava para embarcar, mas foi prezo, porque é do mesmo partido do Candido, do Padre Casimiro, e companhia, que querem D. Miguel sem união com os republicanos, e se denominam *puritanos*. Todos querem D. Miguel; uns sem *ligações republicanas*, e outros mais manhozos, ou mais atilados, fingem que o não querem sem ellas, para depois, senhores da força, o proclamarem. O celebre papel, ou manifesto, que se publicou pela junta de Guimarães, e se attribuia a J. de Lemos, é da penna do Candido, segundo dizem. O Visconde da Azenha, por mercê da junta miguelista Conde do mesmo titulo, deu ao seu batalhão a denominação de — *Polacos do Minho*, — e o mesmo fardamento do primeiro corpo de Macdonald organizado em Braga, jaqueta de saragoça, e gola amarela; pois quasi todos os soldados são deste corpo. Tem chegado partidas de officiaes miguelistas, alguns já de idade, cabellos brancos, e barbas compridas. Esteve aqui o Coronel Hespanhol, que veio conferenciar com o Consul Hespanhol. Alguns da junta quizeram passar na sua presença uma revista, outros porém opposeram-se, dizendo que o caracter, com que atravessava o Porto, e o myster de inimigo da causa, e as cousas desagradaveis, que revelava e dizia, deviam ser para a situação um motivo de tristeza, e não permittiam uma cerimonia, com que a causa não lucrava, e que entretanto podia acarretar da parte d'alguns corpos mais insubordinados algum insulto, que ainda mais prejudicaria os negocios; por tanto não se passou ant'ontem a revista, e deram por pretexto o tempo! Hontem falleceo o nosso amigo Custodio Tavares Ribeiro d'Abreu, guarda mór do Tribunal da Relação desta cidade. =

Esta carta é da maior importancia por mostrar claramente a summa oppressão, em que está a infeliz cidade do Porto, e as violentas medidas, que os rebeldes tem tomado, ultrapassando todas as regras da honra. A respeito da briosa defeza do castello de Vianna, os proprios jornaes do Porto até o dia 27 dizem que o castello se conserva firme, não obstante o vigoroso bombardeamento, que lhe tem sido feito.

Os habitantes da Madeira acabam de testemu-

nhar á RAINHA seus sentimentos d'amor, e reconhecimento pelas providencias que Houve por bem Approvar em beneficio daquelles povos, o que se mostram do *Independente* de 16, e representação da Camara Municipal, abaixo transcrita. —

SENHORA! — A Camara Municipal do Funchal, penhorada do mais vivo reconhecimento pelas providentes medidas que Vossa Magestade acaba de Decretar em beneficio desta Ilha, como consta da Portaria de quatro de Março de mil oitocentos quarenta e sete, dirigida ao Governador Civil deste Districto, e muito esperançada na lisongeira promessa feita na parte final da mesma, vem manifestar a Vossa Magestade a sua profunda gratidão. Esta Camara roga encarecidamente a Vossa Magestade Se Digne continuar a approvar as medidas que têm tomado, e continuar a tomar o Governador Civil deste Districto, o Conselheiro José Silvestre Ribeiro; porque todas se dirigem ao unico alvo, que elle tem incessantemente em vista — a felicidade desta Provincia. A conservação deste eximio funcionario, no cargo que exerce de uma maneira superior a todo o elogio, é uma garantia do quanto Vossa Magestade deseja promover a prosperidade deste Districto. Deos guarde a preciosa vida de Vossa Magestade. Funchal, em Camara, dezeseite de Março de mil oitocentos quarenta e sete. = João José Bettencourt, Presidente = José Antonio Monteiro Teixeira = Francisco Vieira da Silva Barradas = José Leão Drummond Cavalleiro = João Nepomuceno Gomes = Antonio José Gonçalves de Ornellas.

Está conforme. = O Escrivão da Camara, Antonio Pio Fernandes.

Publicando a Portaria de 4 de Março supra, cumpre-nos agradecer — em nome do público — ao Governo de Sua Magestade, o interesse que tomou por esta Provincia, em vista das representações do nosso Governador Civil e da Camara Municipal do Funchal.

Não menos nos enche de verdadeiro prazer a maneira não equívoca com que Sua Magestade Houve por bem louvar as energicas e proficuas providencias, assim como o zelo que o mesmo Governador Civil ha desenvolvido na crise em que nos temos achado.

Os louvores da Soberana, e as benções deste tão infeliz como innocente povo, são a unica recompensa possivel para o digno Administrador da Ilha da Madeira. S. Ex.^a pôde hoje contar com tudo isso; e a par de meia duzia de *mal intencionados* que o intrigam e a esse pacifico povo, tem S. Ex.^a de um lado os cavalheiros da terra, que o estimam e respeitam; e do outro as classes pobres da sociedade, que gozando muito sensivelmente os beneficos effeitos de sua acção administrativa, maldizem os *despresiveis calumniadores*, que os têm pretendido privar de tão bom protector.

É hoje incontestavel que infundadas accusações se hão feito ao digno Governador Civil deste Districto!!!... Se o remorso não pôde penetrar no coração desses homens, se o arrependimento não entra na ordem das suas obrigações moraes, ao menos tenham pejo, tremam!... porque a Providencia mais tarde ou mais cedo castiga severamente a quem sacrifica sua patria para satisfazer um capricho insignificante.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição, em Lisboa na de Viuva Henriques rua Augusta n.º 1 — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — Vende-se e na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

SENHORA! — Dignou-se Vossa Magestade, na Sua Real Proclamação de 6 de Outubro ultimo, Fazer uma solemne declaração, de que a observancia de todas as disposições da Carta Constitucional da Monarchia Portugueza seria um dogma inalteravel em quanto, pelos meios nella estabelecidos, se não effeituasse a revisão e reforma daquelle Pacto Fundamental do Estado, mediante o concurso da Nação, representada em Côrtes. A monstruosa rebelião, que rebentou na Cidade do Porto, e em diversos outros pontos do Paiz contra o exercicio de uma das prerogativas da Corôa, ameaçando a estabilidade do Throno Constitucional, e atacando a ordem publica, e todos os interesses e direitos sociaes, tornou impossivel a convocação das Côrtes, por se achar, a esse tempo, dissolvida a Camara dos Deputados, e não ser praticavel, que, entre os movimentos revolucionarios, e os furors da anarchia, se procedesse a uma eleição dos representantes do Povo, a cujos actos só deve presidir a serenidade do animo, e a ausencia de todas as paixões violentas.

Foi mister, que Vossa Magestade, Fazendo uso da suprema lei de salvação publica, Assumisse a plena Auctoridade, empregando as providencias extraordinarias, que fossem necessarias para destruir a rebelião, e para que se pudesse provêr ao prompto restabelecimento da ordem legal, e á manutenção da estabilidade da Dynastia reinante, e do systema politico da Monarchia.

Neste grande empenho emprega o Governo todos os seus esforços e cuidados, bem certo, que, sem o goso da segurança publica, nunca hão de chegar a obter-se todas as vantagens administrativas, nem poderá nunca consolidar-se a posse das liberdades e garantias constitucionaes.

Mas, contando com o triumpho da Lei, e com o restabelecimento da paz pública, e dos habitos de obediencia e subordinação geral, o Governo, coherente com os principios proclamados e decretados por Vossa Magestade, procurará, depois de conseguidas aquellas vantagens, e logo que cessem as circumstancias extraordinarias do Paiz, chamar a Representação Nacional, para dar, perante ella, conta dos seus actos, e poder offerecer á approvação do Congresso as propostas de Lei necessarias para a reorganização ou melhoramento dos diversos ramos da pública administração.

Para tanto se alcançar cumpre ir desde já preparando o processo, que deva ser adoptado na eleição dos Deputados. Se, pelo Decreto de 9 de Outubro de 1846, ficou sem effeito o outro de 27 de Julho do mesmo anno, que regulava este serviço por um modo contrario ás disposições da Carta Constitucional, nem por isso pôde agora ter inteira execução tudo quanto, a tal respeito, se acha estabelecido nos anteriores regulamentos; devendo fazer-se, no systema do direito eleitoral, uma reforma sensata, que, nesta parte, venha a preencher as condições do systema representativo.

O Governo deseja, que a Representação Nacional seja composta de cidadãos distinctos por seus talentos, reconhecida probidade, e grande independencia; — quer, que, na escolha dos representantes, haja inteira liberdade de voto; — e que todavia se empreguem providencias, que, protegendo essa liberdade, sirvam ao mesmo tempo para se obviarem e reprimirem todas

as influencias e machinações facciosas, todos os abusos, e quaesquer violencias ou meios de corrupção, que se possam commetter, a fim de que a capacidade intellectual e moral, unida á nobreza de caracter, seja uma realidade nos Deputados, e possam elles provêr de remedio aos males que affligem a Nação Portugueza, e ás mais urgentes necessidades publicas.

Estes trabalhos porém, Senhora, só devem ser feitos por individuos de grande illustração e subido amor do bem publico, que possuam as mesmas qualidades e virtudes, que o Governo reputa essenciaes nos representantes do Povo; — e por isso não duvidam os Ministros de Vossa Magestade propôr á Sabedoria de Vossa Magestade o seguinte projecto de Decreto.

Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em 29 de Março de 1847. = Visconde de Oliveira. = José Jacinto Valente Farinho. = D. Manoel de Portugal e Castro = Conde do Tojal. = Barão de Ovar.

Tomando em consideração o Relatorio dos Ministros e Secretarios de Estado das diversas Repartições: Hei por bem Decretar o seguinte:

Artigo 1.º É creada junto do Ministerio do Reino, uma Commissão encarregada da revisão de toda a Legislação, Regulamentos, e Decretos provisorios, sobre o direito de eleição para Deputados, e bem assim de propôr ao Governo, pelo mesmo Ministerio, um projecto de lei eleitoral, conforme as disposições da Carta Constitucional da Monarchia Portugueza, em harmonia com os principios consignados na Proclamação Real de 6 de Outubro de 1846, publicada no Diario do Governo sob n.º 236, e com os que se acham expostos no Relatorio, que precede este Decreto.

Art. 2.º A Commissão, creada pelo artigo antecedente, será composta — dos Pares do Reino, Visconde de Laborim, Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e Francisco Tavares de Almeida Proença — dos Ministros e Secretarios de Estado Honorarios, Manoel Duarte Leitão, João Baptista Felgueiras, e Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, Conselheiros do mesmo Supremo Tribunal — dos Procuradores Geraes da Corôa e Fazenda, os Conselheiros, José Cupertino de Aguiar Ottolini, e Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão — e do Conselheiro do Tribunal do Conselho Fiscal de Contas, Agostinho Albano da Silveira Pinto.

§. unico. Será Presidente da Commissão o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, e servirá de Secretario um dos seus Vogaes, por ella nomeado.

Os Ministros e Secretarios de Estado das diversas Repartições assim o tenham entendido, e façam executar. Paço das Necessidades, em vinte e nove de Março de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = Visconde de Oliveira = José Jacinto Valente Farinho = D. Manoel de Portugal e Castro = Conde do Tojal = Barão de Ovar.

SECRETARIA GERAL DO LOGAR-TENENTE DE S. M. A RAINHA.

Por Portaria de 31 de Janeiro foi mandado organizar no Concelho d'Agueda um Corpo Nacional, com a denominação de = Guarda de Segurança Publica do Concelho d'Agueda = e nomeado Tenente Coronel Commandante o Administrador do dito Concelho João Ribeiro da Rosa e Magalhães.

Por Portaria de 6 de Fevereiro promovidos aos seguintes postos os individuos abaixo mencionados.

Major — O Bacharel Vicente Carlos Corrêa de Sousa Brandão.

Tenente Ajudante — Antonio Pinheiro Estevão.

Tenente Quartel Mestre — Jacintho Roiz Breda.

Capitães.

Da 1.^a Companhia Manoel Pereira da Cunha e Costa.

Da 2.^a " Manoel Tavares da Silva.

Da 3.^a " Manoel Joaquim Carvalho dos Reis.

Da 4.^a " Joaquim de Mello Pinto Leitão.

Da 5.^a " José de Mello.

Da 6.^a " Ricardo Joaquim d'Oliveira Coelho.

Tenentes.

Manoel José de Sá e Mello.

José Francisco dos Reis.

Valentino d'Arede Tavares.

Antonio Nogueira.

Joaquim José Henriques.

Joaquim d'Oliveira Coelho.

Alferes.

Thomaz Antonio Martins.

Francisco Estevão Pinheiro de Figueiredo.

Antonio Marques Collegio.

Antonio Francisco Pataco.

Francisco das Neves.

Antonio da Costa Abrantes.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Ante-hontem 4 do corrente tiveram logar nesta cidade as demonstrações publicas de regosijo, pelo faustissimo anniversario de S. M. a RAINHA. Salvas, girandolas de foguetes, e repiques dos sinos saudaram a aurora deste dia nacional, e repetiram-se ao meio dia e á noute. Pelas onze e meia horas da manhã houve no pateo da Universidade parada das seguintes forças militares — infantaria 4, um esquadrão de cavallaria, o batalhão Nacional de Caçadores Cartistas, e o deposito das recrutas; a qual foi commandada pelo Tenente Coronel de infantaria 7, que ha pouco veio de Vallença, e agora está encarragado do deposito das recrutas.

Aquelles corpos, depois da continencia militar, e de corresponderem aos vivas a S. M. a RAINHA, a ELREI, á Familia Real, e á Carta Constitucional, levantados pelo General desta divisão, o Exm.^o Barão da Ponte da Barca, desfilaram para quartéis.

Faltariamos a um dever, se deixassemos de tributar em nossa folha os merecidos louvores ao distincto batalhão Nacional de Coimbra, o qual se appresentou em grande força, todo fardado, e rivalizando com a infantaria 4 em aceio, garbo militar, desenvolvimento, e enthusiasmo, com que correspondeo aos vivas levantados aos caros objectos de nossas crenças politicas.

O corpo de recrutas, que se achava presente, era assaz numeroso; e além de 46 que haviam chegado na vespera, todos os mais se achavam armados e em toda a disciplina; o que é devido á summa actividade do Exm.^o General da divisão, e á boa vontade e diligencia com que todas as auctoridades, militares e civis do districto, e todos os Officiaes do seu estado maior e de infantaria 4 porfiam em ajudal o neste importante ramo de serviço publico.

Foi todavia para sentir que se não achassem nesta cidade os differentes e numerosos destacamentos de infantaria 4 e do batalhão Nacional, que ainda estão em diligencias; pois que então seria ainda mais brilhante esta parada.

Depois do meio dia houve na Cathedral um

solemne *Te Deum*, a que assistiram as auctoridades administrativas, judiciaes, militares, ecclesiasticas, e universitarias, além d'um grande numero de Lentes e Doutores, e de individuos de todas as classes; de maneira que não só a caranguejola da Sé, mas todo este vasto e magestoso Templo estava, como raras vezes tem acontecido em solemnidades similhantes, quasi inteiramente cheio. Esta extraordinaria concurrencia foi o maior testemunho dos sentimentos d'affeição, lealdade, e do mais vivo reconhecimento da maioria dos Conimbricenses pela nossa Adorada RAINHA. Mas nada ha que admirar neste espontaneo testemunho de dedicação. A occasião é solemne: a luta actual está definida; é a guerra da ordem contra a anarchia — da desenfreada licença contra a liberdade legal — da força bruta contra a razão — de D. Miguel contra a Filha do Libertador da Patria. Hoje acabaram as dissensões entre os liberaes; hoje em Portugal ha só duas bandeiras — a da legalidade, da ordem, e da paz, na qual estam allistados todos os verdadeiros liberaes, os amigos da ordem, os moderados de todos os antigos partidos, — é a bandeira victoriosa da RAINHA e CARTA. A outra é a da anarchia, em volta da qual se ligaram, pela mais absurda contradicção, os republicanos e os absolutistas; os renegados Cartistas e os officiaes e antigos empregados, que na infausta epocha de 1828 a 1834 cubriram Portugal de luto e sangue, — o arsenal finalmente e a escoria de todos os partidos.

Coimbra, em todas as epochas memoravel pela fidelidade a seus Soberanos, sempre defensora de suas liberdades e foros legaes, — a Cidade de Martim de Freitas não podia ficar silenciosa nesta encarnizada luta da ordem contra a anarchia. Nós a vimos formar em poucos dias um numeroso batalhão, todo composto de filhos seus, rivalizando com a tropa de linha em disciplina, aceio, e ardor marcial. Nós a vimos no dia de ante-hontem correr, cheia de júbilo e de reconhecimento, a elevar ao Altissimo sinceros e cordiaes votos pela conservação da preciosa vida da sua Idolatrada Soberana.

Armem-se embora os republicanos; lignem-se com os miguelistas; e decretem todos o exterminio da RAINHA e da sua Augusta Dynastia. A sua obra succumbirá; e atravez de seus reductos, irá em breve a bandeira da ordem tremular victoriosa nos muros do Porto!

NOTICIAS.

Verificação se as noticias ácerca da chegada dos dous vapores Inglezes fretados para o serviço da nossa esquadra — um delles já estava no bloqueio da barra do Porto; o outro entrou o Téjo no dia 31, vindo de Londres, e fazendo escala por Vigo, donde trouxe apenas 20 horas de viagem. Este ultimo vapor é de força de 300 cavallos. Officios recebidos nesta cidade das Auctoridades de Castello Branco confirmam o que dissemos no numero antecedente, — accrescentando, que dahi tinha sahido em perseguição da guerrilha Osório-Oleiro uma columna de nacionaes e soldados de linha. Consta-nos pelas [partes officiaes recebidas de Midões, que o celebre guerrilheiro miguelista Estanisláo de Varzia de Meruge, e um Paula de São Domil, depois de haverem chegado até ás alturas de São Romão, com o fim de fazerem junção com a mencionada guerrilha, sabendo da aproximação das tropas fieis da RAINHA, voltaram immediatamente com a pouca gente, que tinham arrastado, para suas casas em perfeita debandada, deixando-se desarmar pelas Auctoridades locaes.

Hoje recolhe a esta cidade um destacamento de Infantaria n.º 4, que ha dias tinha sahido em perseguição d'uma guerrilha, que ousára levantar o grito de D. Miguel nas visinhanças da Louzã, a qual se'n que houvesse encontrado o menor apoio nos povos, antes sendo por elles proprios acoçada debandou, deixando em poder das forças leaes o chefe, e varios individuos, além de muitos armamentos.

As Beiras estão pois livres destes bandos — os povos conservão-se em soccego, e obediencia á RAINHA.

A capital continuavam chegando emigrados do Algarve, — sendo a ultima leva de 40 e tantos — calculam-se já em 500 os que abi se achavam, a fóra os valentes e aguerridos voluntarios, que compõe o Batalhão Nacional daquela Provincia, o qual já está em operações no Alemtéjo.

Sabemos por noticias viridicas posteriormente recebidas ás cartas do Porto abaixo extractadas, que os bravos, que defendem o castello de Vianna do Minho, tinham feito uma sortida, na qual tomaram aos miguelistas a artilharia de campanha — inutilisaram a artilharia grossa — demoliram os reductos, que elles tinham levantado — e fizeram grande destroço nas suas forças.

Sabemos que ao Quartel General do Exm.º Duque de Saldanha continuavão chegando apresentados do Porto. O valente Major Marçal com a força nacional do seu commando tinha batido a guerrilha de Foscôa matando-lhe o chefe, e mais onze companheiros.

O celebre Padre Casimiro de Vieira adhirio ao convite que lhe dirigio a junta. Le-se na Estrella do Norte n.º 66:

Illm.º e Exc.º Sr. — Tenho a honra de participar a V. Exc.º que o Sr. Padre Casimiro ha prestado obediencia á Excm.º Junta do Porto, e marcha com a força do seu commando para o ponto de Bouro, aonde esperará as ordens de S. Exc.º o Sr. Ministro da Guerra, para quem remetto um Officio, o qual rogo a V. Exc.º o favor de lhe fazer enviar. — Deos Guarde a V. Exc.º S. João da Gova 22 de Março de 1847. — Illm.º e Excm.º Sr. Governador Civil de Braga. — Antonio Augusto d'Almorim Alvarez e Abreu.

A junta contractou esta liga com as seguintes condições: — 1.º Liberdade de acclamar D. Miguel logo que elle appareça, e no entretanto faculdade para a sua gente cantar o *Rei chegou*. — 2.º Oitenta reis diarios a cada um de seus soldados e fornecimento de fardamento e munições. — 3.º Não poder ser pela junta obrigado a sair dos seus cantões (!!!). Estas condições foram competentemente assignadas pelos commissionados da junta Jacome Borges Pacheco Pereira, intruso Secretario servindo de Governador Civil de Braga, e o ex-Barão de Almargem, e na presença de testemunhas que o Padre reclamou, todas estas formalidades a que a junta promptamente accedeo. O Padre Casimiro está em Santa Martha de Bouros, e os da Povoia de Lanhoso, que cahiram em armarem-se contra elle, foram pelo Jacome Borges mandados desarmar a pretexto de Cabralistas.

A 18 de Março escreviam as Auctoridades da junta, e apregoavam os seus jornaes, que o Padre Casimiro era — um instrumento do Governo da RAINHA — que falsamente se donominava *miguelista*, e que tinha sido completamente *destroçado*, — a 20 abraçam o Padre Casimiro como amigo — consideram-o como fiel alliado — dão auxilio e protecção para que elle possa acclamar D. Miguel, e a sua gente cantar o *rei chegou*!

Vê-se das partes officiaes transcriptas nos mesmos jornaes do Porto, que Marcellino continuava em hostilidades com os miguelistas juntei-

ros; em breve esperamos vê-los alliados, por que a junta não se esquecerá de lhe propôr condições similhantos ás que acceitou o Padre Casimiro; o fim de todos é o mesmo.

Porto 27. — Em Vianna continúa a tenaz resistencia da valente guarnição, que além do castello occupa varios pontos avançados e defendidos com trincheiras. — A artilharia do castello tem feito grande estrago nos sitiantes. — A guarnição tem feito diferentes sortidas, nas quaes traz de ordinario para dentro prisioneiros alguns guerrilheiros, os quaes pela maior parte tem depois sido despedidos do castello. — Os miguelistas tem tentado fazer baterias e reductos para colocar com segurança as peças, mas tem sido impellidos pelos de dentro do castello. Corre hoje, que os miguelistas desistem do ataque, pretextando a necessidade de chamar forças sobre Amarante. — Valença conserva-se pela RAINHA com as freguezias proximas. — Acha-se abi organizado um corpo de voluntarios da RAINHA e CARTA, composto não só de individuos desses sitios, mas de muitos do Porto, que para lá tem podido fugir. — O resto do Alto Minho offerece um continuo tiroteio entre as forças dos miguelistas *puritanos* do commando do Marcellino, Padre José da Lage, Casimiro, e outros sequazes de D. Miguel, e as guerrilhas miguelistas *illustradas* de Barcellos, Braga, etc., ás ordens dos chefes junteiros. — Um corpo miguelista junteiro, que sahio daqui na direcção de Vianna, teve ordem de voltar para traz indo já no sitio da Pinta, duas legoas desta cidade; insurreccionou-se metade, gritando, que de meia moeda que haviam prometido a cada um, só lhes haviam dado 900 reis; e depois de muita desordem, metade voltou para aqui, e metade largou as armas, e foi para o Minho unir-se aos *puritanos*. Continúa a fundição dos patacos, mas como são muito mais delgados e leves, que os velhos, o povo começa a recusal-os, chamando-lhe *contrabando*. — A junta lança mão das pratas da Igreja para cunhar cruzados novos, e corre que por estes dias será para este fim arrancado o magnifico altar da Sé, sobre o que tomaram já medidas de segurança, porque receavam, que as pessoas responsaveis o subtrahissem ou escondessem. — Ant'ontem appareceram enlameadas ou quebradas, todas as taboetas dos estrangeiros, o que uns atribuem aos miguelistas, outros aos academicos. — Continuam as prizões — os junteiros tem empregado todas as pesquisas nas pessoas que entram ou saem, a fim de não levarem correspondencias. — O Nobre Duque da Terceira, e seus illustres companheiros, são tractados ha dias com dobrado rigor. — Os officiaes miguelistas passeiam muito de proposito defronte das jaellas das prizões de tantos liberaes, que os venceram no campo da gloria, ostentando a sua restituição, e zombando dos que se acham em ferros, alguns como criminosos, porque estão nas enxovias! — O Guedes — miguelista — foi só feito Marechal por D. Miguel nas vespervas da convenção d'Evoira Monte, sendo antes daquelle governo Coronel — a junta não só lhe confirmou a patente de Marechal, mas dizem que o eleva a Tenente General! — Luiz de Figueiredo, que os jornaes daqui já descompozeram, era Capitão, e depois no tempo do *rei chegou* nunca passou de Coronel, e isso por pouco tempo; a junta despachou-o Brigadeiro, sem duvida pelos serviços, que prestou acclamando D. Miguel na Regua, ou desarmando os fugidos de Val Passos! Assim outros mais.

Porto 31. — A junta tem-se visto em difficeis embaraços, por falta de dinheiro — até chegou a tentar por meio de certa casa Inglesa de F... e companhia um emprestimo; servindo de hypotheca os bens e rendas das Relegiosas Carmelitas da Estrella de Lisboa, predios e fóros das de S. Bento d'Ave Maria desta cidade do Porto, e das Dominicas de Villa Nova de Gaya, Fóros, Mosteiro, e terras das Religiosas Cistercienses d'Arouca, e passaes rendosos!! Crê-se que o espirito do Aguiar anda neste alvitre. — O Padre Casimiro ligou-se á junta. — Marcellino em breve fará o mesmo, são as *legitimas consequencias* do Povos.

Agueda. — No dia 21 de Março teve a primeira reunião o Batalhão Nacional de Segurança Publica deste Concelho, appresentando-se em força de 200 praças fardadas e quasi todas armadas. Toda a Officialidade merece os maiores elogios pelo zelo e actividade que tem desenvolvido.

Viseu 2 d'Abril. — Este Districto continúa em socego. — Os de Castello Branco fugiram á aproximação das nossas forças — estão ahí as Auctoridades legitimas. — Todos aqui felicitam o Marechal pela amnistia que concedeo — é o golpe mais profundo, que a sua espada podia descarregar na revolução, e o penhor mais seguro, de que elle não conhece partidos. — Graças, mil graças ao Marechal.

Viseu 4 d'Abril — Na Pesqueira no dia 27 de madrugada entrou o irmão do major Marçal, e Andrade, commandante da Guarda de Trevões, e encontrando uma guerrilha miguelista influida por Antonio Cayado, bateram-a, deixando no campo 4 mortos, um dos quaes era o filho de João Bernardo Ferreira, e 3 feridos gravemente, fugindo o famigerado Guedes e o Hespanhol, que andavam nesta guerrilha. — Os Hespanhoes são os que mais aticavam esta gente.

Throno e Liberdade prestes iam submergir-se no vuleção da anarchia, que furiosa vomitava destruidoras lavas. Raiara o dia 6 de Outubro de 1846 — e mais e mais se avisinava a tempestade. Medonho futuro ameaçava a Patria. Sibillava desencadeado o tufão das paixões. O terror sopeava as sentidas queixas da commum anciedade. — Só mão robusta, fortalecida pela virtude, e dirigida pela Providencia, podia salvar-a do abysmo.

Graças á nossa Adorada RAINHA; graças á herdeira do heroismo do sempre chorado Duque de Bragança! Escolhida pelo céo, o ceo lhe inspirou a Magnanima Resolução, ante a qual os inimigos do Paiz se sumiram, para raiar esperancosa a aurora da legalidade.

Inspirada em hora tão solemne, consultando os dictames da Sua Alta Sabedoria — os Maternaes sentimentos do Sen Coração — não podia deixar de ser acertada a escolha dos caracteres que chamasse aos Seus Conselhos! E para consummar tão grande obra — tambem não foi — não podia ser vã a confiança que a Mesma Augusta Senhora depositou no Varão fiel, no Salvador do Throno, no General da Liberdade — o invicto Marechal Saldanha.

Como não desenvolveria elle os grandes não commum recursos de que dispõe, já como Estadista, já como General? Quem melhor do que elle desenvolveria o pensamento altamente politico, Heroico da Soberana?

O Programma famoso que publicou da sua administração é um documento de honra para o Throno porque o interpretou tão dignamente; e para o Ministerio por elle presidido, ao qual incumbia representar as doutrinas nobres, puras e constitucionaes do grande partido Nacional.

Deveram esconder por toda a parte a sua vergonha esses que nos queriam precipitar em um mar de calamidades; deveram admirar a docura dos accentos magestosos da Voz Maternal de Sua Magestade a RAINHA, em Sua Real Proclamação daquelle dia. Mas foi pelo contrario.

Falsas idéas de mal entendido liberalismo — ou antes de mal disfarçada ambição — campearam no paiz classico da fidelidade; houve portuguez que ousou com mão armada disputar á Magestade uma das mais bellas prerogativas consignada na lei fundamental do Estado!

Chamaram-a ao campo da batalha!

Coube ao inclito Duque de Saldanha a honra de commandar o exercito leal, e mais ainda a de representar a Soberana como seu Logar-Tenente nas provincias do Norte. — E por toda a parte o antecede a victoria; em todos os seus actos colhe mais um titulo de gloria.

Como soldado, o seu nome só é o terror dos inimigos da Legitimidade Constitucional; porém General da Excelsa RAINHA de Portugal vence para perdoar, porque o seu coração é verdadeiramente nobre e generoso; porque não pôde deixar de imitar o soberano modêlo de amor pelos Portuguezes — de clemencia pelos obcecados, — que tanto distinguem a Excelsa Filha do immortal Dom Pedro.

Como investido nas attribuições da Magestade, o nobre Duque acaba de copiar fielmente o original sublime que representa, no perdão que em Seu Real Nome offerece a todos, que outr'ora fieis defensores do systema constitucional, sujeitos por desgraça ou por circumstancias á traiçoeira influencia da junta do Porto, preferiram vir abraçar-se com os seus irmãos e camaradas, a servir sob a direcção dos chefes das antigas forças do usurpador — reintegrados pela mesma junta.

Como General invocando o seu valor e pericia vence e aprisiona as cohortes do inimigo; — como Estadista, invocando o Augusto Nome da RAINHA, não pôde senão perdoar, porque a RAINHA tambem perdôa; porque a RAINHA não quer, não deseja outra cousa mais que a união dos portuguezes que ama como filhos; não anhel-la por outro momento mais grato que o de restabelecer em toda a sua plenitude as garantias constitucionaes, suspensas por circumstancias tão extraordinarias e lamentaveis.

Deste modo deixa o inclito Logar-Tenente completamente desarmada a rebellião que tão acintosa e traiçoeiramente tem vomitado suspeitas de crueldade sobre o Coração Benevolo da Soberana.

Desalojada deste unico reducto — miseravel recurso com que armava á compaixão, e com que adrede creava temores, que lhe conservassem os que de tão má vontade a servem — para que appellará agora em sua invenção fecunda?

Dissestes, homens desvairados: = Votaram-vos á crueldade = e calumniastes — o Logar-Tenente da RAINHA perdoar-vos em Seu Augusto Nome. Clamastes que vos condemnavam á miseria, e não tinheis razão — garantem-se-vos as vossas patentes legalmente adquiridas.

Oh! Que não sois sómente tyrannos da patria que flagellais; tyrannos da nossa Adorada Soberana, cujo Coração Amoroso encheis de amargura: sois tambem tyrannos de vós mesmos, que freneticos e desorientados correis para a vossa ruina.

Mas reparai — que se sois grandes para offender, — maior que vós é a Soberana para perdoar.

Quereis Liberdade? Tambem nós.

Vede como o Governo se occupa, não só de occorrer aos muitos males que pesam sobre nós, mas ao mesmo tempo de preparar os melhoramentos politicos que nos assegurem uma liberdade sem anarchia — uma liberdade com duração — que não seja dado aos caprichos dos partidos alterar e perturbar todos os dias, e a cada hora.

Incançavel o Governo de Sua Magestade, occorreu com providencias para melhorar o credito — para assegurar a subsistencia dos povos com menos gravame, como se tem visto nas peças officiaes — e ao mesmo tempo prepara trabalhos sobre importantissimos principios do systema constitucional, como na folha de amanhã se verá, na criação de commissões para tractarem da lei eleitoral — e lei de liberdade de imprensa.

Terminaremos aqui para não roubarmos aos leitores por mais tempo o prazer de lerem o documento a que alludimos.

(Diario)

(O documento está publicado no n.º 38 do Boletim).

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despezas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Secretaria de Estado.

Constando a Sua Magestade a RAINHA que se tem suscitado d'vida sobre a intelligencia e execução do Decreto de tres de Março ultimo, que determina que o valor legal de cada peça ou moeda de ouro de quatro oitavas, fixado pelo artigo 1.º da Carta de Lei de seis de Março de 1822 em sete mil e quinhentos réis fosse elevado a oito mil réis, por não haver o mesmo Decreto feito referencia alguma ao artigo segundo da citada Lei, que declarava ficarem os Recebedores fiscaes responsaveis pela falta do peso das mencionadas moedas de ouro que entregassem, quando esta falta excedesse a um grão por oitava: Manda a Mesma Augusta Senhora, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, significar ao Governador Civil do Districto de Lisboa, para seu conhecimento, e para que o faça constar por meio de editaes affixados nos logares do estylo, que o Decreto em questão não alterou a referida Lei, senão na parte em que augmentou o valor legal das moedas de ouro, ou peças de sete mil e quinhentos réis, devendo consequentemente em tudo o mais considerarem-se em pleno vigor as disposições da Carta de Lei de seis de Março de mil oitocentos e vinte e dous. Paço das Necessidades, em 3 de Abril de 1847. — *Conde do Tossal.* = Para o Governador Civil do Districto de Lisboa.

PARTE NÃO OFFICIAL.

A revolução de 9 de Outubro foi sem nenhuma contradicção a mais iniqua, injusta, immoral e indesculpavel, de quantas revoluções a Europa tem presenciado á meio seculo a esta parte.

Todas aquellas, que a precederam, proclamaram uma doutrina, um principio bom ou máu, que quizeram fazer triumphar; desenrolaram uma bandeira, apresentaram um programma; porém a revolução de 9 de Outubro não tem doutrina, nem programma, nem bandeira, nem principios: e se a julgarmos pelas apparencias não é facil advinhar o que ella quer, nem qual o systema de governo, que procura fazer triumphar. A mãe, que a gerou, a revolução do Minho, teve um motivo, ou pelo menos um pretexto; e asteando o seu pendão, escreveu nelle « *demissão de Ministros, e revogação das Leis de Saude, e de contribuição directa* »; embora se diga que não foi esta a verdadeira causa da revolta, sempre é certo que ella teve por base um motivo real, ou apparente de descontentamento; porém na maldicta revolução de 9 de Outubro não apparece cousa alguma definida, e não offerece uma unica feição, que possa caracterisal-a: invoca o augusto Nome da RAINHA

desobedecendo á RAINHA, e trabalhando por destroual-a; reconhece a CARTA Constitucional, como Lei Fundamental do paiz, combate a CARTA, e jura odio de exterminio áquelles, que a querem sustentar; alardêa idéas ultra-liberaes, e faz uma liga offensiva, e defensiva com os vassallos de D. Miguel, sectarios do direito divino e poder absoluto; ostenta-se defensora da liberdade, e pratica os actos mais atrozes de um feroz despotismo; proclama os direitos da nação, e não respeita direitos alguns; fala com emfaze da igualdade entre os homens, e cahe no ridiculo de crear titulos: em uma pallavra, esta nefanda rebellião é um amalgama monstruoso das mais inauditas contradicções, é um arlequim, que reúne todos os farrapos, e veste todas as cores; e quando as gerações futuras, porventura mais felizes, do que nós, lêrem a historia desta epocha de insensatez e desatinos, parecer-lhes-hão elles tão inacreditaveis, que correrão o risco de serem postos na mesma linha dos contos fabulosos das Mil e Uma Noites.

E não nos digam que o espirito de partido nos faz julgar esta revolução com demasiada severidade: os mesmos fautores da revolta a consideraram tão destituida de razões, que não poderam dar-lhe uma apparencia da justiça; são elles, que tres dias depois dessa orgia nocturna, que, como a caixa Pandora, entornou neste desgraçado paiz a somma incalculavel de infortunios, que o esmagam, dizem á RAINHA « *não se pôde negar que Vossa Magestade tem o direito incontestavel de nomear o seu Ministerio, mas, Senhora, os homens, que Vossa Magestade chamou aos seus Conselhos, não merecem a confiança da nação* » [representação, que em 12 do Outubro a junta do Porto dirigio á SOBERANA]. Aqui temos pois os membros da junta reconhecendo na RAINHA o direito incontestavel de nomear o seu ministerio; mas ao mesmo tempo para embarçarem o exercicio desse direito, que a força da verdade os obriga a confessar, accendem a tocha da guerra civil, abalão o edificio social, sanctificão a anarquia, dogmatizam a desobediencia, rompem todos os vinculos, e precipitam a patria nesse golfo insondavel, que engulio a fortuna, e prosperidade publica.

A raiva, a vingança, a sede do poder, a cega ambição desses homens insaciaveis do mando, desses vampiros detestaveis, que o inferno vomitou, como instrumentos da ira do Senhor, os fascinou a tal ponto, que não viram, reconhecendo o direito incontestavel da RAINHA de nomear o seu Ministerio, que elles mesmos formavam o seu processo, lavravam a sentença da sua condemnação, e desvirtuavam a revolta, porque lhe tiravam o fundamento: e nem sequer a causal, que apresentaram, de falta de confiança nos homens, que compunham o novo Gabinete, existia; já porque ou eram estranhos á politica dos ultimos annos, como o Duque de Saldanha, ou porque

tinham feito opposição ao Ministerio Cabral, como o Visconde de Oliveira; e já mesmo porque os nomes dos novos Ministros lhes eram desconhecidos, quando na manhã de 9 de Outubro no conselho, que teve lugar no Porto, decidiram resistir com mão armada ás ordens de Sua Magestade; então elles ignoravam igualmente a existencia dos dous Decretos, de que fizeram depois cavallo de batalha.

Algun dos corifeos deste inaudito attentado conhecemos nós, que para cohonestar a sua desobediencia, e apostasia, não descobrio outra razão mais, do que uma pertendida offensa pessoal, de que se dizia victima: tambem o conde Julião para vingar uma injuria, que recebeu de Rodrigo, rei dos Godos, introduzio os Mouros na Hespanha, e legou á sua patria septe seculos de escravidão, sangue, carnagem, devastação e morte.

Nutram-se pois na sua obra, e contemplem esse montão de ruinas, que algum viajante poderá vir saudar, como Volney saudava as ruinas de Palmira; e se nada mais ganharem do que a triste gloria de tornar seus nomes conhecidos na historia das devastações, contentem-se com a celebridade de Heróstrato, que encendiou o templo de Diana em Epheso, só para fazer falar de si; ao menos ficarão tranquilos, porque lhes não será disputada tão miseravel destineção.

NOTICIAS.

Ant'ontem chegou á esta cidade o destacamento do batalhão Nacional de Caçadores Cartistas, que á dias se annunciou sahido para a Figueira. — A promptidão e enthusiasmo com que marchou, e a disciplina com que se comportou, merecendo não só os ellogios das Auctoridades daquella villa, mas de todos os seus habitantes, exegia um testemunho de reconhecimento. Os benemeritos Tenentes Coroneis, e a Officialidade deste corpo, com diferentes pessoas da cidade, e entre ellas o seu dignissimo Juiz de Direito o Sr. José Ricardo de Figueiredo Pereira, sahiram embarcados pelas 11 horas da manhã levando a musica do batalhão, e navegando pelo rio abaixo foram surprehender seus briosos compatriotas com uma espera, a qual será deffícil descrever pelos sentimentos, que nessa occasiam se manifestaram, de confraternidade, e de dedicação aos carissimos penhores da nossa felicidade = RAINHA e CARTA =.

O destacamento estava descansando no sitio da Fabrica — quando avistou os barcos, que a bordo traziam seus Commandantes, Officiaes e Camaradas. — Hymnos e vivas saudaram este encontro; — Officiaes e Soldados abraçaram-se como irmãos d'armas — seguio-se um almoço dado pelo seu honradissimo Tenente Coronel Commandante; durante o qual foram incessantes os vivas á RAINHA, a ELREI, á Carta Constitucional, ao Duque de Saldanha, e ao Exercito fiel. Saudaram-se igualmente o General da divisão — os Tenentes Coroneis e Officiaes do batalhão, finalmente a disciplinada guarnição de Coimbra. Entre esses brindes ouveram tres allusivos ao mesmo objecto, cuja lembrança electrizou todos os concorrentes: — Viva o Duque da Terceira — Viva o Anjo da Victoria — Viva o Martyr da lealdade. A musica tocou immediatamente os hymnos da CARTA e da RAINHA, que a espada do illustre Duque da Terceira deffendeo na lucta da

usurpação, e por cujos relevantes serviços lá jaz, qual outro criminoso, preso na Relação do Porto, lançado em uma masmorra, tendo apenas por cama uma humilde enxerga — soffrendo crueis e horriveis privações — constantes e variados insultos — vendo passear diante de si esses mesmos officiaes d'Evora Monte, que elle desarmou no campo da gloria, e que agora, depois de prezo, e por mercê da junta do Porto, o iunctivam! Estes vivas soaram por muito tempo secundados por outros igualmente dignos, e já repetidos: — Viva o Duque de Saldanha — viva o Heróe d'Almoster, e de Torres Vedras, aquelle que breve quebrará as algemas, que agrilhoam os pulsos de centenaes de liberaes, que jazem prezos nas masmorras do Porto, como outr'ora os martyres da liberdade nas prizões d'Almeida, Estremoz, etc., etc. — O destacamento recolheu á cidade acompanhado de muitas outras pessoas que o vieram esperar, aglomerando-se nas ruas do seu transitio.

Homens da junta — falsos pregoeiros da liberdade — deffensores da anarquia. — Ah! vinde, vinde a Coimbra, e ahí recebereis o mais formal desmentido ás falsissimas asserções á cerca de seus habitantes. Vinde, vinde, e aqui encontrareis organizado em poucos dias um corpo nacional, possuido do melhor espirito, e que vos receberia, como os valentes e aguerridos populares de Estremoz receberam as tropas do ex-Conde de Mello. Vinde, vinde, e sabereis como os Conimbricenses deffendem a RAINHA, e a CARTA, a Ordem, e a Liberdade, que vós outros detestaes. — Na verdade erradissimo era o conceito, que se formava dos nossos compatriotas, devido ás loucuras de meia duzia d'homens, alguns dos quaes não tinham de Coimbra senão a sua temporaria residencia nesta cidade. Coimbra respeita o legado de lealdade e fidelidade a seus Reis, que lhe deixou Martim de Freitas. — Coimbra deffende a liberdade, que tantos filhos lhe custou. — Coimbra quer a ordem, a paz, e a união de todos os Portuguezes.

Passou hontem nesta cidade o Exm.^o Conde de Vinhaes, e segundo ouvimos, em direcção ao Alemtéjo — Sua Exc.^o ia apenas acompanhado de dois Ajudantes d'Ordens. — Ficou commandando a divisão militar de Tras-os-Montes seu irmão o Barão de Vinhaes.

Consta-nos que hontem houvera um sumptuoso jantar dado pelo Exm.^o Duque de Saldanha, nos postos avançados, a todos os Officiaes, e aos diferentes corpos da divisão do immediato commando do Illustre Marechal, em celebração do anniversario da RAINHA.

Pelas cartas do Porto do 1.^o do corrente, sabemos que a Companhia dos vinhos não compra este anno as 20:000 pipas de vinho, que era obrigada a comprar, porque a junta além de lhe roubar mil pipas de vinho, suspendeo-lhe o pagamento dos 150 contos, que devia receber pela Alfandega; e dizem que ainda lhe vai roubar mais vinho: sendo assim, dão com ella em terra, e com esta quéda acabará a junta de arruinar os Lavradores do Douro, aonde a miseria é já espantosa, e se estão a vender vinhos de qualidade superior pelo preço de seis mil e quatrocentos reis, isto por falta de compradores, porque o commercio com o Porto está interrompido.

A junta criou uma commissão para dentro de oito dias apresentar um parecer com as medidas

legislativas, que julgasse oportunas para a venda e exportação do vinho do Douro. Sabemos de positivo que um dos vogaes, o Juiz da Relação Bernardo de Lemos Teixeira de Aguiar, não quiz aceitar semelhante nomeação. Conhecendo, como conhecemos pessoalmente o Sr. Aguiar sempre nos pareceo que este seria o seu comportamento, porque nem elle podia dar outro parecer, que não fosse a prompta terminação da guerra civil, nem os seus principios de ordem e obediencia ao Legitimo Governo lhe permittiam aceitar uma nomeação feita por homens, que não tem auctoridade de a fazer. — Outro tanto praticaram outros respeitaveis individuos nomeados para esta commissão pela junta.

Aveiro 6. — Foi hontem o dia destinado para solemnisar o anniversario da RAINHA. — Pelas 5 horas da manhã girandolas de foguetes de diferentes pontos da Cidade; repiques de sinos de todas as Torres, e os harmoniosos sons dos hymnos da RAINHA e CARTA tocados por uma excellente banda de musica, que percorria as ruas, acompanhada de grande numero de pessoas, annunciavam aos Aveirenses, que amanhecia o fausto dia consagrado á celebração dos annos da Augusta Soberana, cuja unica ambição é a felicidade de seu povo.

Pelo meio dia a respeitavel Officialidade do Batalhão Nacional de Caçadores desta Cidade atravessava as ruas desde o seu Quartel até á Cadêa, conduzindo e acompanhando, no meio de grande concurso de povo, ao som dos hymnos da CARTA e RAINHA, e dos repiques dos sinos, e de novas girandolas, um abundante jantar com o qual brindaram todos os prezos: ao mesmo tempo se ouviram as Salvas da artilheria, que guarnece as barcas de defeza no rio. Concluido o jantar veio o Batalhão formar em parada em frente dos Paços do Concelho; ahi se achava reunida a Commissão Municipal, e um admiravel concurso de expectadores, tanto nas janellas, como nas ruas, e todos corresponderam com extraordinario enthusiasmo aos vivas levantados pelo Commandante do Batalhão á RAINHA, e EL-REI, e CARTA CONSTITUCIONAL, e ao invicto Duque de Saldanha. Era para admirar o garbo, e acieo desta milicia, e o enthusiasmo com que ella e os expectadores como que queriam corrigir assim o desatinado procedimento de alguns ambiciosos e desacreditados compatriotas ao serviço dos miguelistas.

A' noite se illuminou espontaneamente a Cidade, e continuaram as girandolas, os repiques dos sinos, em quanto a musica acompanhada de numero de concurso de povo percorria as ruas da Cidade, victoriando os Sagrados objectos do seu jubilo.

No meio de todas estas demonstrações de publico regosijo, houve o mais completo socego.

Pezo da Regoa 4. — Pelas cartas d'ahi recebidas neste ultimo correio se confirmam, o que ja annunciámos ácerca da grande refrega, que os miguelistas sofreram em Vianna dada pelos valentes, que defendem o Castello. — «O regimento chamado 6 soffreu muito. Caçadores 7, que ia na direcção de Villa Nova de Famalicão foi mandado retroceder immediatamente para Vianna, mas no caminho recebeu ordem de marchar para o Porto, aonde entrou no dia 29 — dizem, que em razão de haver pouca gente na Cidade. — Os sitiante tinham-se affastado de Vianna, e assim havia completamente cessado o fogo, achando-se os do Castello Senhores de parte da Villa, e em communições com os Vasos de guerra, que andam pairando defronte da barra. — Dizem do Porto con-

tinuarem ali os apuros financeiros por estarem completamente exauridos os recursos do Minho, apesar das derramas, e contribuições, que tem lançado. — Aguiar, Constantino, e outros membros pela junta nomeados para a Commissão da Companhia dos Vinhos, recusaram aceitar. — Consta tambem, que o Visconde de Britandos não só regeitou a corôa de Conde, que a junta lhe offertára, mas a abandonára, e vai para o Exercito do Duque de Saldanha. A suspensão do subsidio á companhia, e a extorsão das pipas de vinho, que lhe fizeram, tem irritado os povos destes sitios. — »

Novos factos cada dia vem justificar o que temos dito ácerca do odio que os povos vão geralmente desenvolvendo contra os anarchico-miguelistas.

Depois que na ultima correria o ex-general Osorio sahio da Guarda, o governador civil rebelde, Joaquim da Cunha Pignately, não pôde reunir alli, apesar dos maiores esforços, mais que cento e tantos populares, que em linguagem patriotica é synonymo de vadio ou dissoluto.

Constou-lhe porém, que se avisinhavam forças leaes, e sahio precipitadamente daquella cidade, a qual pouco depois foi occupada com satisfação do povo pela tropa fiel.

Esta pouco se demorou, e marchou sobre a Covilhã — ameaçada pelos rebeldes de Castello-Branco, por lhes desobedecerem — como a taes — os povos daquelle notavel concelho e circumvisinhos.

Entretanto se operava este movimento, occupavam effectivamente os miguelistas de Castello-Branco aquella villa. Haviam-lhe imposto a contribuição de dous contos de réis, pela desobediencia ás soberanas deliberações da liga; e como o povo os desprezasse, á ponta da bayoneta começaram a fazer a cobrança, entrando violentamente pelas casas dos cidadãos — que deviam escolher entre a entrega do que se lhes exigia, ou serem alli mesmo assassinados.

É impossivel de descrever a impressão que este procedimento atroz causou em todos os habitantes daquella populosa villa. O povo começou a reunir-se ao toque de rebate dos sinos, e em tal numero, e tão decidido a castigar os barbaros, que aterrados, e contentando-se com 1:700\$ rs que já tinham extorquido, fugiram na direcção de Castello-Branco.

Sabendo porém do movimento sobre esta cidade das forças do commando do coronel Bravo, para evitarem o encontro se abrigaram á Serra do Catrão.

Chegava a esse tempo a Belmonte a força que sahira da Guarda, e alli sabendo do movimento dos salteadores, tractou de se pôr em communicação com a columna do referido coronel Bravo, para de uma vez aniquilarem os bandidos.

Mas os rebeldes não quizeram combater, que não é esse o seu forte. Expoliar os pacificos habitantes das povoações é menos arriscado, em quanto se não generalisar a decisão dos briosos de Aronca, Covilhã, etc. etc.

Fugiram precipitadamente na direcção de Montalvão, passando ao Alemtejo, no dia 31 do mez ultimo; dia em que tambem haviam já entrado em Castello-Branco tropas leaes, sem a menor resistencia, e antes com satisfação de todo o povo, que alli como por toda a parte vai estando cansado e impaciente com a oppressão dos miguelistas.

Deste modo a Beira está hoje completamente desafrentada das hordas que a infestavam, e o Governo da RAINHA restabelecido espontaneamente em todos os povos dos Districto da Guarda e Castello Branco; do que o Governo recebeu participações.

Não admira estes sentimentos nos povos, quando nos proprios que obrigam a pegar em armas se vai manifestando o mesmo horror pelos despotas. Assim o provam muitos factos, entre os quaes mencionaremos o acontecido em Mertola.

Tinha desertado entre infinitos um sargento dos

corpos organizados no Algarve, e sendo preso conduziram-o para Mertola. Quizeram-o varar, segundo fôra decretado; e tudo se aprestava para o espectáculo, quando ao apparecer a victima a tropa rompeu em vociferações = Aquí não se vara ninguém = E o infeliz foi salvo.

O que significa isto? O que significam as continuadas deserções dos briosos Algarvios? Nesta capital em poucos dias tem entrado para mais de sessenta e tantos, e esperam-se, ainda muitos outros, sem mencionarmos os que sabemos se tem ido apresentar ao Commandante da 7.ª Divisão Militar.

Nem os riscos, nem os incommodos de tão longa jornada, nem as despezas, impedem os leaes Algarvios de renunciar o serviço dos rebeldes para virem alistarse nas bandeiras da Legitimidade Constitucional!

O Algarve é o paiz classico da fidelidade. Nenhuma provincia pôde disputar-lhe a gloria de ser a primeira na honrosa e numerosissima lista dos amantes da RAÍNEA e da Carta.

(Diario do Gov. N.º 79.)

VARIÉDADES.

Devemos a um amigo de Braga o seguinte = Dicionario miguelista = usado por Mac-Donald, seguido pelos Padres Casimiros, e abraçado pelos junteiros do Porto.

Aguas, (significa) noticias. — *Aguas claras*, boas noticias. — *Aguas turvas*, más noticias. — *Aguaceiro*, tumulto, reboliço dos miguelistas. — *Alqueire*, companhia de qualquer corpo. — *Bestas*, inimigos. — *Bestas desinquieta*, inimigos em movimento. — *Bestas de jornada*, inimigos em marcha contra os miguelistas. — *Campo*, exercito. — *Campo cultivado*, exercito organizado, e prompto para operar. — *Caçada*; encontro das tropas miguelistas com as liberaes; acção para se dar. — *Caçada boa*, batalha favoravel aos miguelistas. — *Caçada má*, batalha desfavoravel aos miguelistas. — *Caçada de perdizes*, perda da infantaria. — *Caçada boa de perdizes*, perda da infantaria liberal. — *Caçada má de perdizes*, perda da infantaria miguelista. — *Caçada de coelhos*, perda da cavallaria. — *Caçada boa de coelhos*, perda da cavallaria inimiga. — *Caçada má de coelhos*, perda da cavallaria miguelista. — *Caçada de lebres*, perda de bagagens. — *Caçada boa de lebres*, perda das bagagens inimiga. — *Caçada má de lebres*, perda das bagagens miguelistas. — *Casa*, cidade. — *Casinha*, villa. — *Cevada branca*, caçadores miguelistas. — *Cevada da terra*, caçadores inimigos. — *Cultor*, clerigo catholico e miguelista. — *Cultor máo*, clerigo liberal. — *Cultura*, movimento restaurador dos miguelistas. — *Director*, ministro miguelista já posto nos pontos conquistados. — *Estrella*, general de divisão de cada Provincia com patente de coronel para cima. — *Feitor*, agente nomeado por D. Miguel para cada Provincia. — *Fiel*, miguelista. — *Fructo*, munições de bôca. — *Fructos abundantes*, fartura de munições de bôca. — *Fructos escassos*, penuria de munições de bôca. — *Fructos bons*, boa qualidade de munições de bôca. — *Fructos máos*, má qualidade de munições de bôca. — *Galgo*, correio. — *Horisonte*, posições do exercito. — *Horisonte claro*, posições favoraveis aos miguelistas. — *Horisonte carregado*, posições desfavoraveis aos miguelistas. — *Horta*, praça d'armas. — *Hortalice*, artilharia. — *Hortelões*, artilheiros. — *Jardim*, junta directora. — *Jardineiro*, membro da junta directora. — *Jardineiro-mor*, presidente da junta directora. — N. B. *Jardineiro*

tambem significa bagageiro, quando se acrescenta a designação do corpo a que pertence; por exemplo *jardineiro de terras de milho*, bagageiro da cavallaria, etc. — *Laranjas*, carne. — *Laranjas boas*, abundancia de carne. — *Laranjas más*, penuria de carne. — *Lua*, general em chefe. — *Maças*, vinho. — *Maças boas*, bom vinho. — *Maças más*, falta de vinho. — *Marça*, moeda de 4:800. — *Milho*, cavallo. — *Milho simples*, cavallo arreado, e prompto para o serviço. — *Milho branco*, cavallaria miguelista. — *Milho amarello*, cavallaria inimiga. — *Moio*, regimento. — *Mordomia*, commissariado. — *Mordomo-mor*, commissario em chefe. — *Mordomo simples*, commissario de divisão. — *Nuvens claras*, rumores a favor dos miguelistas. — *Nuvens escuras e carregadas*, rumores desfavoraveis aos miguelistas. — *Pão*, polvora. — *Bom pão*, polvora de boa qualidade. — *Máo pão*, polvora de má qualidade. — *Pastores*, officiaes commandantes de corpos até coronel inclusive. — *Peras*, pão. — *Boas peras*, abundancia de pão. — *Más peras*, falta de pão. — *Quinta*, Provincia. — *Sementes*, armas. — *Signal*, officio, aviso official. — *Signal conhecido*, officio recebido. — *Sol*, D. Miguel. — *Sol claro*, chegada de D. Miguel a Portugal. — *Tempo*, dinheiro, e todo o cabedal. — *Bom tempo*, abundancia de dinheiro. — *Máo tempo*, falta de dinheiro. — *Travaldadores*, soldados. — *Trigo bom*, infantaria armada e prompta. — *Trigo máo*, infantaria desarmada e falta de munições. — *Trigo temporão*, infantaria miguelista. — *Trigo serodio*, infantaria inimiga. — *Turbas*, povo. — *Turbas fieis*, povo miguelista. — *Turbas infieis*, povo inimigo. — *Vinho*, balla. — *Vinho bom*, muita balla. — *Vinho máo*, pouca balla.

Nomes das Provincias do Reino.

Africa, Alemtéjo. — *America*, Algarve. — *Asia*, Extremadura. — *Brasil*, Douro. — *Galliza*, Traz-os-Montes. — *India Oriental*, Beira Alta. — *India Occidental*, Beira Baixa. — *Milanez*, Minho.

Nomes das Cidades do Reino.

Badajoz, Evora. — *Compostella*, Castello Branco. — *Leão*, Lamego. — *Lerida*, Leiria. — *Londres*, Porto. — *Madrid*, Braga. — *Marcelha*, Aveiro. — *Murcia*, Faro. — *Orense*, Guarda. — *Paris*, Coimbra. — *Ponte Vedra*, Pinhel. — *Roma*, Lisboa. — *Sevilha*, Elvas. — *Toledo*, Viseu. — *Biscaia*, Bragança.

Nomes das Villas mais notaveis do Reino.

Miragaia, Mirandella. — *Montefrio*, Montalegre. — *Monte matre*, Moncorvo. — *Monte Rei*, Villa Real. — *Paiva*, Barcellos. — *Perosão*, Viana do Minho. — *Pezo torto*, Pezo da Regua. — *Tapuia*, Ponte de Lima. — *Torquemada*, Guimarães. — *Verim*, Chaves.

= Exemplo =

Na quinta (Provincia) da Galliza (de Traz-os-Montes) está atrazada a cultura (demorado o rompimento) pelo máo tempo (por falta de dinheiro), e d'abi vem que nem ha sementes (carecemos de armamentos), posto que haja bons pastores (bons Officiaes), e sobejam trabalhadores para as terras de trigo e milho (soldados de cavallaria e infantaria).

— As terras, donde se escrever, e que não tiverem uma significação neste dicionario, põem-se com as syllabas ás vexas; por exemplo = *Topor* = Porto.

BOLETIM CARTISTA DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

AOS FAUSTISSIMOS ANNOS

DE

SUA MAJESTADE FIDELISSIMA

A RAINHA

Em 4 de Abril de 1847.

ODE.

Na cithara, que empunho, as mãos grosseiras

Não pôz cantor profano;

Emprestou-ma a verdade, que as primeiras

Cenções nella entoára.

CALDAS.

A Virtude, á belleza, á Majestade
Este dia feliz é consagrado!...

Jove, affeiçãoado

A Lusitana antiga heroicidade,

O havia marcado

Com celeste aurea tinta refulgente,

Para de Lysia ser dia excellente....

Cançada parecia a Natureza

De produzir heróes de alta valia:

Mas quiz n'este dia,

Em honra da virtude e da belleza,

Mostrar que podia

Formar alta Heroína, que excedesse

A quantas louva a Historia e engrandece.

Não bastavão porém virtudes, graças,

Firmeza, decisão, valór, talento:

Com mais alto intento,

Sup'rior da fortuna ás varias traças,

Póz no pensamento

Que Majestade, Sceptro, e Diadema

Coroassem sua obra alti-suprema!...

Heróe de Augusta stirpe Bragantina,

Em feitos grande, grande em gentileza,

Em tão alta empreza

Ser mais do que instrumento determina,

E na summa alteza,

Aonde a Providencia o collocára!...

A Filha produzio, que Lysia ampara!...

Era do fresco Abril, mui grato a Flora,

Correspondente dia ao mez do anno,

Quando o Soberano

Que a Patria arpehatou de mão traidora,

Aquella Anjo humano

Dos Deoses recebeu Filha prezada!

Por quem jura empenhar co'a vida a espada.

No aureo berço apenas repousava

Um tal mimo do Ceo; Regia Creatura!...

Quando da espessura

Dos brasilicos bosques se afontava

Agourreira figura

A decifrar futuros, que ao dizel-os

As carnes se arripiam e os cabellos!!

« Serás, disse, RAINHA em curta idade!...

« Mas o Sceptro verás logo usurpado!...

« Depois restaurado,

« Por feitos da mais alta heroicidade!

« Dará novo brado

« Anarchica facção na Lysia terra,

« Que toda inundará em sangue e guerra!!!

« Verás ingratos mil, mil inimigos,
« Em muitos, que eram nobres e Senhores,
« Solares antigos
« Verás servir de albergue a vís traidores;
« Horridos perigos
« Arrostarão leaes teus bons soldados,
« Embera de victorias coroados!!!

« Verás Nobre Ancião encanecido
« Na bellica fadiga, á patria dado!
« Prêso, encarcerado
« Na eterna Cidade, e perseguido!...
« E assim maltratado
« Com outros teus leaes, bons servidores,
« Mil ancias soffrêção, mil dissabores.

« Verás essa Cidade nobre e rica
« Servir de asylo á torpe iniquidade!
« E a perversidade
« Mais féra, mais cruel, mais impudica
« Nem á Majestade

« Respeito tributar, nem á belleza:
« Offendendo a Virtude e a Natureza!...

Minerva, que escutára taes agouros,
Sem mais poder ouvir, disse agastada:

Cessa, negra Fada!...

Cessa já de agourar casos vindouros!

A sciencia, a espada

Do neto de Pombal, SALDANHA invicto,

A Patria salvarão, e o povo afflicto!...

Não mais consentirei, que neste dia,
Aos Deoses meus iguaes mimoso e grato,

Se veja o retrato

Do crime, da traição, da hypocrisia;

Com grande aparato

Só quero nelle ver virtude e gloria,

Que no Templo o colloquem da Memoria!...

Só quero ver a Esposa Carinhosa

Do Excelso FERNANDO idolatrada

Bem recompensada

Das que terá fadigas cuidadosa

Em ver educada

A prole, que prometta aos Lusitanos

Futuros Sabios Reis, bons Soberanos!...

E quero, ainda mais, que os Portuguezes,

De quem se ostentará Mãe e RAINHA,

Da sanha mesquinha

De ingratos anarchistas descortezes

A vinguem asinha;

E para segurar a liberdade,

Que iguale ao seu valor sua lealdade!...

Mais fa por diante a Deosa altiva

Louvando da Heroína o genio e siso;

Quando d'improviso

Celeste numerosa comitiva

Com grato sorriso,

Em harmonico estilo, e som divino,

Começa a entoar este almo hymno:

Nossos votos, Excelsa RAINHA,

Pela tua constante ventura,

São da Patria, que livre te adora,

Expressão de respeito e ternura.

'Stá firmado teu Throno de gloria

Sobre nossos leaes corações:

Lusos brios farão que elle seja

Respeitado das outras Nações!...

Tens nas armas dos Lusos Soldados
Da victoria seguro peñhor!...
Tens nos peitos dos bons Portuguezes
Lealdade, firmeza, e valor!!

Tens FERNANDO, o Esposo prezado,
Das Phalanges por Chefe e Patrono!
Tens SALDANHA, empenhado em servir-te!
'Stá seguro, Senhora, teu Throno!!!

Neste dia, que a todos é grato,
De teus annos formoso Natal,
Nosso amor pela gloria recresce,
E se alegra todo o Portugal.

Queira o Céu repetil-o mil vezes,
Com felices pacificos annos;
Para gloria de Lysia, e vergonha
De traidores, rebeldes, tyrannos.

Vive pois, ó RAINHA, e não temas
Nosso ardor possa nunca murchar;
Pois jurámos nas aras da Patria
Viver livres só para te amar:
Pela Patria de novo juramos
Teus direitos fieis sustentar.

Recitada em uma muito numerosa reunião de Officiaes de todas as classes do Exercito de Operações, por occasião dos festejos, com que nos postos avançados se solemnizou o anniversario de S. M. A RAINHA, pelo Auctor — F. L. Cabreira.

As gentilezas da facção liberticida na infelicidade do Porto crescem de dia para dia. Desenganados que só pelo terror podem dominar um povo votado á liberdade legal, sonham quantos tormentos se usaram em tempos barbaros para os infligir aos que lhes restituiram Patria, Carta e Dynastia. Eram estes então os seus idolos, o laço mysterioso que no infortunio os unia e alentava: hoje são os primeiros objectos da sua execração!!!

Acabou de primeiro a liberdade de imprensa; restabeleceram a censura prévia; e tão rigorosa e exclusiva, que nada admittiam os rigidos censores da parte da imprensa cartista. Acabou essa sentinella de todas as liberdades públicas: e não parou ali a sanha de um bando desordeiro votado á destruição do mundo civilisado. A segurança individual foi logo atacada; e hoje não encontra garantias além das affeições e interesses privados dos agentes da tyrannia. Propriedade pública e particular foram invadidas por todos os lados; arrazaram as fortunas de milhares de familias vinculadas a estabelecimentos commerciaes, que subverteram. Puzeram a ferros os primeiros veteranos da liberdade. Abraçaram, e ennobreceram os seus inimigos naturaes. Uniram-se ao partido do usurpador. Têm em fim praticado quanto renegados desesperados *nullifidianos* refalsados podiam praticar. Têm atacado todas as fontes da prosperidade pública.

E se mais mundo houvera, lá chegaram!

E faz-se todo esse horror em nome da Nação e da RAINHA! da RAINHA: e no fausto dia de seu anniversario prepara-se o bando caceteiro do farsola Passos, para maltratar todo o folego vivo que ouzasse levantar-lhe um *viva!*

Eis ali o que se chama hoje progresso! mudaram completamente as idéas que correspondem ás palavras dos nossos Diccionarios. O progresso é não ter character moral nem politico; invadir a propriedade; não respeitar a segurança; e desaccatar os thronos. *Abdel-Kader tem mais civilisação: em Haity respeita-se mais a ordem social.*

Mas acham esses scelerados, vergonha do nosso seculo, apoio em paizes estrangeiros: ha quem

em seu favor levante a voz no paiz, que por antonomasia se diz a patria da liberdade; mas aonde se não consente que um plebêo bata a uma porta como um homem nobre. Em uma das proximas sessões do Parlamento Inglez Lord Baumont interpellou o seu governo sobre os negocios de Portugal; e por extremo se maravilhou, que os officiaes da esquadra ingleza surta no Téjo não intimassem ao Governo Portuguez, que não mandasse á costa d'Africa os prisioneiros de Torres Vedras; aquelles a quem a clemencia da Soberana tinha perdoado a merecida pena da lei marcial! E falla-se com este desembaraço no dia de hoje! manda-se ao Governo de uma nação livre e independente; da nação que ensinou os mares á Inglaterra, que lhe cedeo conquistas, que a locupletou com seus capitães, que a auxiliou tão poderosa e francamente na lucta contra Bonaparte, como quem manda a um criado que vá á praça comprar peras?

O discurso do nobre Lord (*modelo de eloquencia politica*) não será perdido para os fastos Europeos. Revela elle orgulho tão fatuo; mas é ao mesmo tempo expressão tão singella e fortuita de vistas futuras, que ha de um dia produzir effeito.

Respeitamos muito a nação, de que temos sido constantemente o mais fiel aliado: mas na lucta actual não precisamos dos seus auxilios: não os queremos. Advogamos a causa da razão e da justiça: sustentamos as prerogativas dos thronos da Europa no systema do governo representativo: contamos com o bom senso da nação; com a sua constante lealdade aos seus Soberanos; com os soldados briosos e valentes do exercito portuguez; e mais que tudo com a pericia, lealdade, e valor do invicto Duque de Saldanha. Ah! se elle tivera sido auxiliado, como cumpria, dos outros elementos da ordem, ha muito não existira a mais detestavel e monstruosa de quantas facções tem existido.

Não o tem sido: que a moleza e frouxidão de uns, a nimia boa fé de outros, e até as ambições desarrazoadas intempestivas de alguns têm retardado o triumpho com grave detrimento de todos. Conhecemol-os a todos; sabemos quanto valem, e merecem; e saccamos letra sobre o futuro. Não serão por certo esquecidas quantas façanhas se estão praticando no momento do perigo.

No que toca ás relações exteriores, esperamos que dissipados os vãos ciumes de 1761, que ao presente parece terem renascido em Inglaterra, esta conheaça melhor os seus interesses; saiba avaliar as consequencias dos planos tenebrosos da *propaganda*; e possa evitar um rompimento em qualquer ponto, que seria o *cri de ralliement*; talvez o hora extrema de uma nação industrial.

Cópia de uma Portaria da junta anarchica do Porto transcripta na folha n.º 2 do Periodico denominado — *O Ecco Popular*, publicado na mesma cidade em 5 do corrente mez.

Attendendo a que nas fileiras inimigas pôde haver, e ha de facto muitos Officiaes, que tem nellas militado por a falsa persuasão de que o pronunciamiento contra o Governo de Lisboa não foi verdadeiramente Nacional, e obra espontanea do espirito dos Povos; e attendendo a que com o decurso de tempo, e manifestações publicas, tal persuasão deve ter desaparecido, porque longa é já a experiencia dos sacrificios que o Povo Portuguez tem feito para salvar a Causa que abraçou, e com que está identificado; attendendo finalmente a que as medidas tomadas podem concorrer para que aquelles Officiaes não tenham seguido os impulsos do seu coração, vindo lançar-se nos braços de seus irmãos que combatem pelo triumpho da Causa Nacional, receiando talvez não serem recebidos com a cordialidade de verdadeiros

amigos, e não sendo justo que aquelles Officiaes se lhes roube a occasião de pugnarem pelos interesses communs ao Paiz a que pertencem, quando desvanecidos de falsos preconceitos queiram entrar no gremio da familia portugueza: a Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino, em nome da Nação e da RAINHA, decreta o seguinte:

Art. 1. Todos os Officiaes que tendo militado nas fileiras do Governo de Lisboa se apresentarem ao serviço da Causa Nacional até ao dia 30 do mez d'Abril proximo futuro, serão recebidos com todas as garantias individuaes, e reconhecimento das suas patentes.

Art. 2. Os Officiaes, que findo o prazo marcado não tiverem feito a sua apresentação, ficarão comprehendidos nas disposições do Decreto de 18 de Janeiro do corrente anno, que será considerado em seu pleno vigor depois do referido dia 30 d'Abril.

O encarregado da Repartição da Guerra o tenha assim entendido e faça executar. Palacio da Junta Provisoria do Governo Supremo do Reino no Porto, 26 de Março de 1847. — *Conde das Antas*, Presidente — *José da Silva Passos*, Vice-Presidente — *Francisco de Paula Lobo d'Avila* — *Antonio Luiz de Seabra* — *Sabastião d'Almeida e Brito* — *Justino Ferreira Pinto Bastos*.

A leitura da importante peça, que deixamos transcripta, veio capacitar-nos de que estavamos perfeitamente enganados sobre a causa da rebelião, que assola o paiz. Julgavamos altamente criminosos esses revolucionarios, que cobrem de ignominia e opprobrio a cidade do Porto: não é assim: não ha criminalidade nos seus actos: não tem imputação: estão (coitados!) mentecaptos: o logar, que hoje lhes compete, é na casa dos orates.

Se assim não é; digam-nos: que pretexto se inventou para coonestar a revolta, para mal reboçar a negra ambição, a insaciavel sede do poder? não foi a sonhada coacção da Augusta RAINHA? o que significa decretar em nome da RAINHA contra a RAINHA? não será appellar da RAINHA coacta para a RAINHA livre, e desembaraçada de um poder anomalo e brutal?

Reduzidas as coisas a esta expressão liza e pura; a questão é muito simples: está ou não coacta a RAINHA? se o está, alguma razão podem ter os revoltados: se não está, não têm principio que sustente a sua causa: devem arrancar a mascara, e mostrarem-se taes quaes são aos olhos do mundo.

A resolução da questão compete ao grande Jury nacional. Como tem a nação recebido as armas da RAINHA? Com os braços abertos. Como caracterizam os rebeldes, apenas livres da sua tyrannia? são geralmente execrados, amaldiçoados com indignação. Ah! está o *veredicto*.

Mas se assim não fôra; se a nação, reconhecendo o estado de coacção, espontaneamente se pronunciára, quem empregava a força coactiva? os mesmos a quem a junta dos rôtos diz que andam illudidos, que venham reunir-se a elles para salvarem a RAINHA!! Vio-se já uma alienação desta ordem?

Casa dos orates, repetimos: e não admira que elles se julguem a si ajuzados, e aos outros doudos; porque é isso o que acontece a um doudo mettido n'uma reunião de homens com juizo.

Ficamos pois em que nada valem as expressões despiedosas e brutaes empregadas nos jornaes pelos revoltosos contra Suas Magestades, e todos os seus fieis subditos: não tem idéa as calumnias, e injurias vomitadas por aquellas furias infernaes contra a nação, attribuindo-lhe opiniões, sentimentos, e actos, que nunca della foram sonhados: são palavras de doudos.

Ou loucos, ou perversos: escolham. Tal é a

sorte de quem se envolve em problemas de contradicções.

Limitando a uma analyse raciocinada o exame do famoso Ukaze miguelino *estampado na cidade do Porto*, muito de proposito nos abstemos de combater os seus efeitos moraes. Estes serão em breve apregoados por voz mais alta, e sonora do que a nossa. Saccamos letra com plena confiança sobre os nossos fieis e briosos officiaes.

Os vapores, que annunciamos em um dos numeros anteriores terem recolhido ao Porto, sahiram ha dias 'a barra aproveitando a occasião, em que a esquadra do bloqueio teve de se fazer ao largo por causa do nevoaceiro da noute e madrugada. Levavam os chamados fusileiros da liberdade, unico corpo de linha, — 48 academicos — movel de Coimbra — guerrilha de Antonio Brandão (Midões), ao todo 700 a 800 homens, e segundo se diz, commandados por Bernardo de Sá, esse mesmo, que fugio de Val-Passos completamente batido pelo valente Conde do Casal. — Pertendêram desembarcar em Peniche, e Setubal, o que não conseguiram por causa do vivo fogo dos fortes guarnecidos pela maior parte de forças nacionaes. Quizeram tambem desembarcar em Sinnes; acossados porém do temporal foram obrigados a abrigarem-se na bahia de Lagos, onde desembarcaram. O Coronel Bernardo d'Abreu, que dissemos ter chegado a Setubal no dia 25 com 700 homens, voltou a Lisboa, donde foi percorrer a costa até Ericeira em vista da noticia da primeira tentativa da sahida dos vapores. Ultimamente no dia 3 marchou para o Alemtéjo e Algarve com uma columna de 1200 infantes, 60 cavallos, uma peça, e um obuz com os competentes artilheiros, e sapadores.

O invicto Conde de Vinhaes, que no numero anterior demos passado nesta cidade, continua a dizer-se, que vai commandar todas as forças de operações do Sul do Téjo, em razão da molestia do Visconde de Setubal. — O Conde de Vinhaes é dos mais distinctos Capitães de guerra, que temos — agouramos felicissimo triumpho. — De Lisboa tinham sahido para a costa do Algarve alguns vasos de guerra. — Os guerrilheiros do ex-Conde de Mello sahiram de Portalegre para Avis, e outras povoações em consequencia dos apuros de comestiveis, e das exigencias dos habitantes de Portalegre, os quaes á imitação dos junteiros de Evora (vide officio do ex-Conde de Mello transcripto no N.º 36) os mandaram para o campo. As forças leaes operavam nos movimentos convenientes; acrescenta o *Diario do Governo* — «É de esperar, que dentro em pouco tempo a Provincia do Alemtéjo esteja, como as Beiras, libertada dos vandalos, que por toda a parte vão já encontrando resistencia, como na Covilhã.» —

Diz mais o *Diario* — «O Governo recebeu participações das auctoridades de Castello Branco, confirmando as noticias, que demos na folha de hoje, sobre a evacuação das duas Beiras pelos guerrilheiros miguelistas. Naquelle Cidade achava-se áquella data uma força de 400 infantes e 100 cavallos da 1.ª linha, sem mencionarmos as forças nacionaes.» —

Na Capital continuavam entrando os briosos Algarvios, que vem procurar os seus patricios, e alistar-se com elles nas bandeiras da lealdade.

No Porto augmentavam os apuros, e por isso os systemas de latrocinio e expoliação. Em menos d'um mez dêram fim das mil pipas de vinho, que tiraram á companhia de agricultura das vinhas do

Alto Douro, e agora constava, que lhe extorquiram mais mil pipas de vinho, e duzentas de agoa ardente. Suspenderam, como já annunciámos, o subsidio, que a mesma companhia recebia pela Alfandega do Porto de 150 contos, assim como suspenderam á Associação Commercial a quotisação, cobrada na mesma Alfandega, e que era destinada para as obras da Praça do Commercio. Bem entendido, que nem por isso deixa de se fazer a cobrança; em vez de outras applicações dão-lhe a mais *sagrada*, a de alimentar a rebellião. — Por decreto *saberano* de 26 de Março foram reduzidos todos os pagamentos = Generaes, ou superiores, ficaram vencendo vinte e quatro mil reis de soldo. — Capitães, subalternos, empregados civis, ou militares, dous terços do soldo correspondente ás suas patentes, ou empregos, e metade das gratificações, que lhes competissem — e tudo isto em consequencia dos apuros financeiros, em que se viam, por se acharem completamente exauridos os recursos, que tem extorquido dos povos do Minho, e inteiramente expoliadas as companhias, os estabelecimentos, as irmandades, as misericordias, os hospitaes, e até os cofres dos orfãos do Porto, e do Minho!

A este respeito diz o *Diario*:

Querem dinheiro? Tem de o roubar tão insolentemente como os salteadores dos caminhos. Nem já fazem distincção de partido: grego ou troiano — judeo ou christão — miguelista ou constitucional, tudo é medido por igual na sede destes Tantalos. Quem quer que tenha dinheiro ha de apresental-o. Que dizemos nós? Tenham-o ou não os infelizes, ha de apparecer — que no segundo caso, ou em suspeita de negativa, espera-os a sorte do tenente de milicias de Montalvão.

Até agora as companhias, os estabelecimentos, as irmandades, as misericordias, os hospitaes, e as empresas ministraram alguns meios; hoje porém que estão espoliados, a que hão de recorrer? Ao saque.

E é exactamente um saque o com que brindam os povos a que vão levar a fortuna de lhes nomear authoridades miguelistas; porque sem presença de força já elles as não toleram. A differença unica está em que o saque não é geral.

Aqui tira-se o trigo — alli a cevada — além o milho — acolá o centeio; a este rouba-se o dinheiro — áquelle a farinha — a um o panno — a outro o gado ou as cavaladuras. E aí do miseravel, que cedendo aos impulsos da sua dor se queixa do estado desgraçado a que fica reduzido com os entes que a natureza confiou ao seu cuidado!

E por semelhante modo crêem ainda os insensatos que seja possível triumpharem?! Esperam acaso poder dominar um povo que os abomina e detesta?!

Não; certamente que o não esperam. Bem o contrario mostram elles, quando, depondo a mascara da hypocrisia com que procuravam insinuar-se nos animos, empregam já sem reserva nem disfarce os meios violentos, que sempre exprimem os ultimos arrancos dos que a elles recorrem. —

Recebemos a carta, cujo extracto abaixo publicamos, e affiançamos o credito e imparcialidade da pessoa, que a escreveo. Verifica os horrores praticados pelos guerrilheiros da junta na Covilhã, e a attitudo nobre e decidida, que os Povos tomaram, lançando mão das armas, e repellindo esses bandos de salteadores. Esta carta foi, como se vê, escripta antes das noticias dadas no Boletim de estarem as duas Beiras completamente livres destas quadrilhas, esperanças de homens que se apregôam amigos do Povo, e deffensores da Ordem publica!

Lêmos nos jornaes do Porto ellogios votados a esses *valentes* guerrilheiros — vimos com horror, mas sem admiração, appellidal-os de *briosos*, *honrados*, e *justiceiros*!!!

Covilhã 2 d'Abril. — Cheguei aqui com saude

no dia 27 de Março, e achei aqui todos bons, mas muito assustados e aterrados por causa dos horriveis attentados, que praticou uma guerrilha, que aqui esteve: não era gente, eram as furias do inferno em figura humana: batiam, roubavam; insultavam, afrontavam em geral, sem distincção de partidos, nem de sexos, de dia, e de noute, em publico, e em particular; arrombando portas, e roubando quanto achavam: a familia de José Bernardo Roque ficou com a roupa do corpo, e louvaram a Deos em poderem salvar as vidas: as vozes de — *saque geral* — sabiam continuadamente pela bôca dos armados a exemplo de seus commandantes, que a isso os animavam: dêram ordem para que o povo pagasse as Decimas dentro em vinte e quatro horas; e como vissem, que os contribuintes não concorriam com a precisa promptidão, fizeram reunir em uma salla muitos habitantes desta Villa, e á ponta da espada os obrigaram a promptificar *um emprestimo* (segundo a sua fraze) *de dous contos e tantos mil reis, isto com ameaças de que, não se promptificando, as suas cabeças serviriam para jogar a bolla*; e durante este debate, que chegou até á meia noite, se ouviam pelas ruas muitos tiros, e vozes aterradoras de — *haja saque, matem-se, lá ficam já seis estendidos no Pelourinho, já se não quer emprestimo, quer-se um saque geral, et caetera, et caetera*: a noute de sabbado, e o dia de Domingo de Lazaro foram aqui dias horriveis: distinguindo-se nestes *heroicos* procedimentos rapiñantes a *exemplar* guerrilha da Serra de Thomar.

Grande multidão do povo se reunio em Santa Cruz armado com toda a qualidade d'armas, que cada um pôde arranjar, e animando a todos os habitantes para que pegassem em armas, repeliaram os guerrilhas, que espavoridos com a attitudo bellica do povo fugiram pela estrada do Fundão. Foram para Castello Branco, aonde pouco se demoraram, porque os povos ahi tambem se levantaram contra elles, auxiliados pelas forças da RAINHA, que ahi chegaram. Antehontem entrou aqui uma columna de 20 cavallos e 200 infantes, pela maior parte populares da RAINHA, debaixo da direcção do Cura de Labra: portaram-se o melhor que é possível, e lá marcharam hontem para o Fundão. — Como os acontecimentos d'aqui foram tão agravantes, ha de correr noticia por toda a parte, e os nomes dos chefes hão de publicar-se, provavelmente por differentes vias; eu queria aqui omitir essa circumstancia, porque até para mim é o motivo de maior horror vir tal gente capitaneada por pessoas destes sitios, e conhecidas! — Eram os primeiros a influir os guerrilhas, e até, vergonha das vergonhas, a acompanhal-os aos roubos, e animal-os nas violencias! Chefes — João da Fonseca e um filho — um filho do Barão d'Oleiros — e outros de Castello Branco — um tal sr. Osorio de Fornos d'Algodres, ou dahi perto — o Barbosa do Fundão — um filho do Luiz de Pina de Castello Branco, etc. — notando-se, que alguns individuos desta terra lhes servissem de guias e denunciantes contra seus amigos e vizinhos, que a tanto chegou a maldade e perversidade humana. =

Villa Nova d'Ourém 7. — Continúa havendo o maior socego nestes sitios; indo tambem em grande augmento o corpo de Segurança Pública, que se organisou, e do qual é commandante o Administrador do Concelho — conta acima de 180 praças — espera-se por estes dias a nomeação dos officiaes, e os armamentos, e petrechos militares, que se requisitaram.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despezas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Secretaria de Estado.

Havendo-me sido presente que na maior parte dos Districtos do Reino, com excepção do de Lisboa, se não tem ainda concluido os lançamentos da Decima e Impostos annexos do anno economico de 1845-1846, em razão dos embarços e difficuldades que a guerra civil tem occasionado; achando-se em consequencia alli a cobrança destas e de outras contribuições e rendas publicas em grande atrazo, o que priva o Governo de um interessante recurso que devêra applicar ao pagamento das despezas do serviço militar, e outras não menos importantes e indispensaveis; e Querendo En providenciar sobre este objecto da maneira mais compativel com as circumstancias do Thesouro, e dos contribuintes, concedendo a estes a permissão de satisfazerem a totalidade de seus debitos á Fazenda Publica em moeda fraca, uma vez que o verifiquem n'um prazo certo e determinado: Hei por bem Decretar o seguinte:

Art. 1.º É permittido a todos os devedores de contribuições e rendas publicas, fóra do Districto de Lisboa, satisfazerem a importancia total de seus debitos á Fazenda Publica em Notas do Banco, com tanto que o façam dentro do prazo improrogavel de trinta dias, contados da data do presente Decreto.

Art. 2.º Nos Concelhos, onde os lançamentos ou titulos de cobrança não estiverem promptos, poderão effectuar-se taes pagamentos á vista dos do anno anterior, uma vez que nisso convenham os interessados.

Art. 3.º Fica suspenso, durante o referido prazo de trinta dias, a respeito dos contribuintes e devedores fiscaes dos Districtos do Reino, á excepção do de Lisboa, o cumprimento do artigo 1.º do Decreto de 10 de Março deste anno, que determinou que todos os pagamentos, a contar do 1.º do corrente mez de Abril em diante, se façam metade em moeda de metal, e a outra metade em Notas do Banco de Lisboa.

Os Ministros e Secretarios de Estado das differentes Repartições o tenham assim entendido, e façam executar. Paço das Necessidades, em seis de Abril de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = Visconde de Oliveira = D. Manoel de Portugal e Castro = Barão do Ovar = Conde do Tojal = José Jacinto Valente Fariño,

MINISTERIO DO REINO.

D. de 24 de Março addicionando á commissão encarregada do projecto definitivo da divisão geral do territorio o Conselheiro Antonio d'Avezedo Mello e Carvalho, e o Secretario do Tribunal Commercial da primeira Instancia Abel Maria Jordão de Paiva Manso.

D. de 29 do dito mez criando uma commissão encarregada de reconsiderar a Legislação sobre a liberdade de Imprensa, regulando-a de modo,

que servindo a livre communicação dos pensamentos, se contenha nos limites da decencia e gravidade; e nomeando para ella os Conselheiros José da Silva Carvalho — José Antonio Maria de Sousa Azevedo — José Manuel d'Almeida Aranjó Corrêa de Lacerda — Diogo Antonio Corrêa de Sequeira Pinto — Marcos Pinto Soares Vaz Preto — João Rebello da Costa Cabral — José Maximo de Castro Netto — e do Advogado José Maria da Costa Silveira da Motta.

PARTE NÃO OFFICIAL.

NOTICIAS.

As cartas de Lisboa, chegadas no correio de hontem são conformes em asseverar, que a Inglaterra, França, e Hespanha decidiram interferir nos negocios actuaes de Portugal; quasi todas as cartas se exprimem nos mesmos termos, e por isso transcrevemos fielmente uma, que temos á mão.

Lisboa 10 de Abril. — Antes de hontem dirigió Lord Seymour uma Nota ao Governo, pondo á sua disposição, *para manter a Coroa e a segurança da RAINHA, e da Capital* toda a força da Esquadra Ingleza, surta no Têjo, e qualquer outra, que fosse necessaria, da que existe em Gibraltar. Em seguida participou ao Almirante Parker « que toda a força do seu commando a devia considerar daquelle momento em diante á disposição do Governo da RAINHA ». O Barão de Moncorvo participou ao nosso Ministro dos Estrangeiros « que Lord Palmestron, Conde de Santa Aulaire, Embaixador de França, e o Sr. Isturiz Embaixador de Hespanha haviam acordado *interferir immediatamente* nos negocios de Portugal, segundo a quadrupla alliança o exigia.»

Cartas do Porto datadas a 5 do corrente dizem que o João de Lemos (o mesmo homem que o ex-marquez de Loulé mandou prender em Coimbra, porque conspirava a favor de D. Miguel, e que depois foi solto á ordem do Xavier) fóra a Londres heijar a mão a D. Miguel, e receber delle ordens e instrucções; que dalli regressára ao Porto, auctorisado a communicar aos officiaes miguelistas « *que deviam obedecer em tudo, e fielmente ás ordens da junta do Porto!*... » Dizei mais as mesmas cartas, que as auctoridades junteiras mandaram, ou pelo menos permittiram que no theatro de S. João se recitasse em uma noite de spectaculo certa composição poetica, em que sobressahia a seguinte frase « *Desça do Throno a Estrangeira* » ou mais claro « *Desça do Throno a*

Senhora D. MARIA H., que é Estrangeira, para a junta collocar nelle a D. Miguel, que é Portu-guez!

Dizem-nos tambem que a guarnição de Valen-ça fizera uma sortida sobre Caminha, aonde sur-prehendeu a patulêa, que lá se achava; e que de Caminha voltou a tropa fiel para Valença levando consigo todos os guerrilhas da junta, e as com-petentes armas, munições e bagagens.

Estas cartas confirmam o que annunciámos ácer-ca de Vianna. A valente e briosa guarnição, a cuja lealdade está confiado o Castello desta Villa, não só tinha repellido os ataques dos miguelistas, mas em uma sortida havia-lhes tomado artilheria, desfeito reductos, e occupado uma parte da Villa; sendo depois os facciosos forçados a evacuar o resto. Isto mesmo se deprehende do silencio, que os jornaes do Porto guardam ácerca das opera-ções de Vianna, tanto mais significativo, quanto ainda ha dias não cessavam de apregoar que se iam abrir minas, com as quaes, supprindo as vi- lentias dos seus, *fizessem voar pelos arêes Castello e guarnição*. O orgão official da junta, para se in- demnizar dessas *refregas*, entretinha seus leitores com as seguintes *viridicas* noticias — « *Parece fora de duvilla, que a nossa divisão expediciona-ria na sua passagem para o Sul do Tejo se apoderou da praça de Peniche, na qual deixou a necessaria guarnição. A praça d'Almeida acha-se occupada por forças populares, e em breve as duas Beiras estarão todas livres das partidas reaes, que por alli se tem conservado em algumas posto que poucas terras (!!!)* » [Nacional n.º 75.]

Outras falsidades, como estas, se lêem nesses papeis.

Vê-se dos mesmos jornaes prorogado até o dia 15 do corrente o praso marcado para a apre- sentação dos officiaes miguelistas, concedendo aos que se apresentarem patentes e antiguidades alcançadas na luta contra o Throno da RAINHA! É fóra de duvida, que muitos tem concorrido, que nos corpos de linha substituiram os officiaes liberaes, e que os principaes commandos e as mais importantes commissões são confiadas a mi- guelistas! Alguns conhecemos agora empregados pela junta, aos quaes com horror ouvimos, por occasião da revolução de Maio, *que se não podessem em sua vida arrancar do mauso- leo da Lapa o coração de D. Pedro, e lançá-lo aos cães, legariam essa missão a seus filhos!!!!* E são esses homens, de que a junta se serve!! E negam, que são miguelistas!

As mesmas cartas do Porto dizem, que cresce a desintelligencia, e a desconfiança nessa cidade: — que o commandante da Guarda Municipal, Moitenegro, parece que fóra mandado para o quartel com licença; — que algum dos corpos do Porto tocára o hymno da RAINHA; — que os mi- guelistas de raça d'alli dizem já, que é mister com- çear a dar em uns e outros dos liberaes, por- que taes são uns como os outros; — e que per- tendendo o Antas passar para a tropa de linha os soldados solteiros dos chamados batalhões nacionaes, o não conseguira, porque aquelles se le- vantaram contra isso, chegando a carregar armas.

As moedas mandadas cunhar pelos facciosos continuavam a ser inteiramente regeitadas. Um Ukaze miguelino de 28 de Março sugeitava a pe- nas gravissimas os que recusassem receber essas moedas falsas. Os negociantes nacionaes e estran- geiros negavam-se ao despacho das fazendas, que tinham na Alfândega; e os miguelistas publicaram novo Ukaze, forçando-os com perdimento das fa- zendas além d'outras rigorosas penas, se as não des-

pachassem dentro em 15 dias. Todas estas violentas medidas, e essa outra abaixo transcripta mos- tram os apuros financeiros, em que os facciosos se acham.

Repartição da Fazenda.

Attendendo a que não tem sido possível na Recebe- doria do Concelho do Porto arrecadar-se as decimas e impostos annexos, devidas até ao fim do anno econo- mico de 1844 e 1845, no praso estabelecido no Decreto de 12 do corrente; *attendendo a boa vontade, com que os contribuintes e mais devedores á Fazenda, residentes nas terras sujeitas á junta provisoria do governo supre- mo do Reino, concorrem a pagar os seus debitos, etc.*: ha por bem a mesma junta decretar em nome da Na- ção e da RAINHA o seguinte:

Artigo. 1.º Fica prorogado até o dia 10 d'Abril o praso para o recebimento da decima, e impostos anne- xos devidos á Fazenda até ao fim do anno economico de 1845, e dos juros devidos ás extinctas Corporações Religiosas, até ao fim do mez de Fevereiro passado.

Art. 2.º Os contribuintes e devedores, que não pagarem as referidas decimas e juros no praso estabe- lecido no artigo 7.º deste decreto, *serão obrigados a pagalas em moeda sonante, e mais dez por cento tam- bem em moeda sonante para despezas da guerra, além das multas, custas, prisão, e ás penas, a que estiverem sujeitos em virtude das leis em vigor pela ommissão do dever constitucional, que tem todo o hom cidadão de contribuir na proporção dos seus haveres para as despezas do estado, e de pagar os impostos nas epochas fixadas nas leis.*

Art. 3.º Os inquilinos ficam obrigados a pagar as decimas das propriedades, em que habitam, no caso em que os senhorios as não satisfaçam, por se acharem auzentes desta cidade.

§. 1.º Os inquilinos ficam sujeitos ás mesmas penas que os proprietarios, e mais contribuintes, que não pagam os impostos nos prazos designados neste decreto.

§. 2.º As contribuições, e dividas á Fazenda, que os inquilinos e feitores pagarem por seus senhorios e amos, ser-lhes-hão por estes immediatamente abonadas.

Art. 4.º Os governadores civis, thesoureiros, pa- gadores, e delegados do thesouro dos districtos Admi- nistrativos se constituirão em commissão, para adoptar todos os meios legais, que facilitem a prompta cobran- ça de todos os rendimentos publicos dos seus respecti- vos districtos.

Art. 5.º Fica revogada toda a legislação em con- trario. O encarregado dos negocios da Fazenda, etc. — Palacio da junta provisoria no Porto, 23 de Março de 1847. — Conde das Antas, Presidente — José da Silva Passos, Vice-Presidente — Antonio Luiz de Seabra — Sebastião d'Almeida e Brito — Justino Ferreira Pinto Bastos — Francisco de Paula Lobo d'Avila.

(Nacional n.º 75.)

Os homens, que em Maio gritavam pelas ruas, e apregoavam pelos papeis publicos — *abaixo tributos* — eil-os ahí cobrando á viva força todos os impostos, e para cumulo das violencias *mul- tando, prendendo, e impondo 10 por cento ad- dicionaes* aos que promptamente não pagarem! Ainda mais, escarnecendo do povo, quando di- zem que *concorre a pagar de boa vontade!* Lou- cos! Confessam no proprio *decreto* a dificuldade de cobrar os impostos, e cahem na contradicção de dizerem ao mesmo tempo, que o povo *concor- re de boa vontade a pagar de boa vontade*, para que é vexal-o com *multas*; oprimil-o com *prisões*, e sobrecarregal-o com esses 10 por cento additionaes!

Sabemos *de positivo*, que no dia 30 do mez passado foram alguns dos *valentes* populares, que existem no Porto, á freguezia de Rio Tinto rou- bar uma casa, donde trouxeram um conto de reis